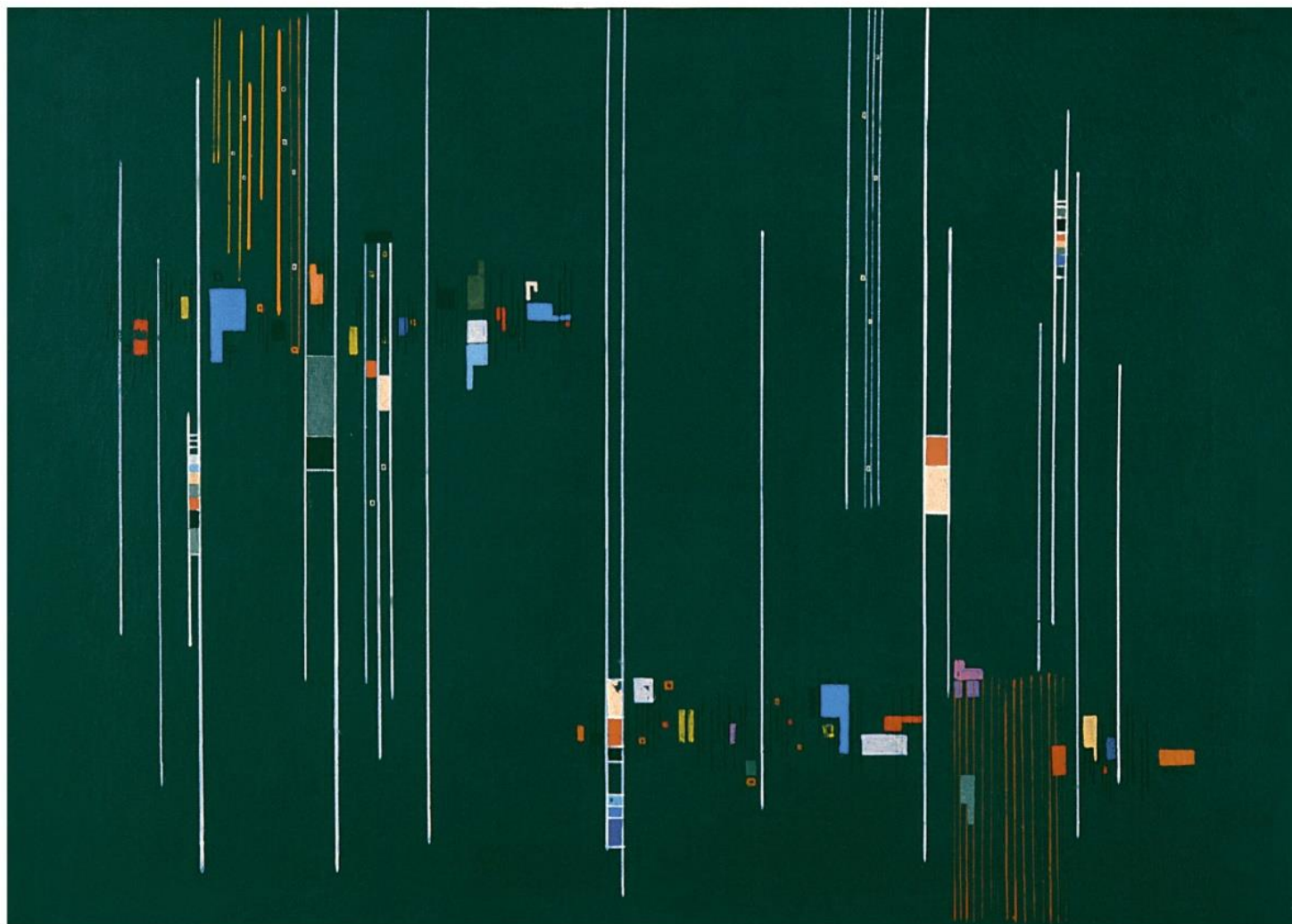


# A FORTUNA CRÍTICA



de Maria Helena Andrés

# A FORTUNA CRÍTICA

## de Maria Helena Andrés

### **Edição**

Maurício Andrés Ribeiro

### **Organização**

Marília Andrés Ribeiro e Nelyane Santos

### **Pesquisa arquivística**

Eliana Andrés Ribeiro e Nelyane Santos

### **Pesquisa iconográfica**

Elena Andrés Valle

### **Projeto gráfico e editoração**

Fernanda Granato

### **Revisão**

Mariângela Ramos Pimenta

### **Capa:**

*Fantasia de Ritmos*, óleo s/tela, 1958. Acervo  
Museu de Belas Artes, Houston



INSTITUTO  
MARIA HELENA ANDRÉS

Belo Horizonte, 2021



CULTURA E  
TURISMO



MINAS  
GERAIS

GOVERNO  
DIFERENTE.  
ESTADO  
EFICIENTE.

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



*Agradecemos aos críticos que, com sua escrita, contribuíram para o reconhecimento da trajetória artística de Maria Helena Andrés.*

# SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	<b>7</b>
<b>DÉCADA DE 1950</b> .....	<b>8</b>
Maria Helena Andrés. Antônio Bento, 1953 .....	9
Maria Helena Andrés. Vista por Jacques do Prado Brandão. Jacques do Prado Brandão, 1953 .....	10
“O Academismo é consequência do excesso de receitas e formas preestabelecidas”. Frederico Moraes, 1958 .....	13
O Itinerário Estético de Maria Helena Andrés. Pedro Paulo Christovam dos Santos, 1959.....	17
<b>DÉCADA DE 1960</b> .....	<b>20</b>
Maria Helena Andrés previu (em pintura) os maremotos do Chile. Frederico Moraes, 1960 .....	21
Maria Helena Andrés. Pierre Santos, 1960 .....	23
Pintora mineira traz pastéis abstratos para mostrar aos cariocas: exposição é amanhã. Edilberto Coutinho, 1960 .....	25
Maria Helena Andrés. Vera Pacheco Jordão, 1963 .....	27
Forma e Cor: Maria Helena Andrés. Olívio Tavares de Araújo,1963 .....	28
A “vivência e arte” de Maria Helena. Márcio Sampaio, 1965.....	30
Nova fase M. H. Andrés: colagem. Jayme Maurício, 1965 .....	33
Pinturas e Ideias de Maria Helena Andrés. Clarival do Prado Valladares, 1965 .....	35
Prefácio de Vivência e Arte. Alceu Amoroso Lima, 1966 .....	37
Maria Helena Andrés. Jacques do Prado Brandão, 1966 .....	40
Maria Helena expõe hoje em Ipatinga. Mari’Stella Tristão, 1966.....	42
Maria Helena Andrés. José Guimarães Alves, 1966 .....	43
Maria Helena Andrés. Arte Viva Dia a Dia. Márcio Sampaio, 1969 .....	44
A pintura espacial de Maria Helena Andrés. Celma Alvim, 1969.....	48
Os engenhos voadores. Walmir Ayala, 1969.....	50
Antecipação. Maria Helena, o espaço e a Lua. Jayme Maurício, 1969 .....	52
Maria Helena Andrés. Paulo Campos Guimarães, 1969 .....	54
Maria Helena Andrés. Morgan da Motta, 1969 .....	56

<b>DÉCADA DE 1970</b> .....	<b>58</b>
Maria Helena Andrés. Pierre Santos, 1971 .....	59
Maria Helena Andrés. José Maurício Vidal Gomes, 1972 .....	61
Maria Helena Andrés. Sérgio Maldonado, 1972 .....	62
A longa e feliz andança de Maria Helena Andrés. José Maurício Vidal Gomes, 1972 .....	63
Maria Helena Andrés. Roberto Pontual, 1973 .....	65
Três décadas de Maria Helena Andrés. Célia Laborne Tavares, 1974 .....	66
Maria Helena Andrés em Retrospectiva: Veja no Museu de Arte da Prefeitura. Morgan da Motta, 1974 .....	69
Prefácio do livro <i>Os Caminhos da Arte</i> . Pierre Weil, 1977 .....	71
As “mil facetas” de Maria Helena Andrés. Celma Alvim, 1978 .....	73
<b>DÉCADA DE 1980</b> .....	<b>75</b>
Brasil e Índia vistos por Maria Helena Andrés. Mari’Stella Tristão, 1984 .....	76
A vida além da arte. Célia Laborne Tavares, 1985 .....	78
Maria Helena Andrés, Pinturas. Celma Alvim, 1988 .....	80
O abstrato de Andrés em destaque na Bienal. Júlio Assis, 1989 .....	81
<b>DÉCADA DE 1990</b> .....	<b>84</b>
Maria Helena Andrés. Ramón Garriga Miró, 1991 .....	85
Novo olhar sobre a obra de Andrés. Walter Sebastião, 1991 .....	86
Novos Caminhos da Terra. Célia Laborne Tavares, 1992 .....	90
Maria Helena Andrés. Luminosidade e Poesia. Cristina Ávila, 1994 .....	92
“Meditações” de Maria Helena Andrés. Alécio Cunha, 1995 .....	94
Uma homenagem abstrata. Bárbara Ariston, 1997 .....	97
O mundo Zen de Maria Helena Andrés. Rui Santana, 1999.....	98
<b>ANOS 2000</b> .....	<b>100</b>
O céu de Maria. Alécio Cunha, 2000 .....	101

Apresentação do livro Maria Helena Andrés. Fernando Cocchiarale, 2004 .....	104
Um Percurso de Possibilidades. Júlio Assis, 2004 .....	106
Da Ardilosidade da Linha. Maria Helena Andrés. Agnaldo Farias, 2005 .....	109
No sonho das águas. Célia Laborne Tavares, 2007 .....	112
O dom do belo. Walter Sebastião, 2007 .....	114
Inspiração Singular. Morgan da Motta, 2007.....	117
Maria Helena Andrés. Linha e Gesto. Marília Andrés e Roberto Andrés, 2009 ....	118
Arte Interior. Sérgio Rodrigo Reis, 2009.....	121
Gloriosa Idade. Ana Clara Brant, 2012 .....	123
A Construção da Cor. Wagner Nardy, 2017 .....	125
Maria Helena Andrés (Belo Horizonte, 1922). Marília Andrés Ribeiro, 2019 .....	127
Reflexões Sobre a Arte. Marília Andrés e Maurício Andrés Ribeiro, 2021.....	128
<b>SOBRE A ARTISTA .....</b>	<b>131</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>132</b>

# APRESENTAÇÃO

O Instituto Maria Helena Andrés apresenta, neste *e-book*, uma seleção de textos críticos sobre a trajetória artística de Maria Helena Andrés, visando a ampliar o conhecimento sobre o trabalho desta artista e valorizar a produção da crítica de arte no Brasil.

São textos que sinalizam as exposições, comentam algumas obras, reconhecem aspectos mais marcantes em diferentes momentos de sua trajetória e, acima de tudo, divulgam o quanto ela se dedicou às artes como uma missão, uma vivência e um verdadeiro exercício profissional.

Priorizou-se o conteúdo crítico com comentários sobre obras, exposições, livros e a atuação de Maria Helena Andrés não só como artista visual, mas também como escritora, educadora e incentivadora de intercâmbios culturais. Muitos foram os textos de críticos de maior destaque na história da arte no país, mas buscou-se dar visibilidade àqueles menos conhecidos que, dominando o conhecimento sobre as artes, contribuíram para o reconhecimento da obra da artista em algum período de seu percurso.

O *e-book* foi elaborado a partir de recortes de jornais, folders, convites, catálogos e livros reunidos pela artista e por sua família durante sua longa vida de dedicação à cultura.

Optamos por uma organização cronológica dos textos, visando a facilitar a pesquisa da obra da artista, que revela uma carreira diversificada, pautada pela inquietação constante e pela busca de diálogos com o pensamento estético e as tendências artísticas de seu tempo.

Há informações sobre Maria Helena Andrés que se repetem nos textos, principalmente sobre sua origem e sua formação. Todavia, cada uma apresenta, de forma diferente, as relações que esses aspectos trazem para sua produção; por isso os textos foram mantidos na íntegra, sem cortes.

Complementamos os textos críticos com imagens significativas de suas criações, revelando suas diversas “fases”, e fechamos o livro com algumas referências bibliográficas que contextualizam a artista e as obras na história da arte.

Acreditamos que este *e-book* atenderá aos artistas, pesquisadores, estudantes das artes, tanto para os que admiram a artista Maria Helena Andrés quanto para os que estudam a produção artística e o discurso da crítica em diferentes gerações que passaram os séculos XX e XXI.

Marília Andrés Ribeiro e  
Nelyane Santos  
Belo Horizonte, fevereiro de 2021

## DÉCADA DE 1950



*Roda de Crianças, óleo s/tela, 1953, Coleção Marília Andrés*



## MARIA HELENA ANDRÉS

Antônio Bento<sup>1</sup>

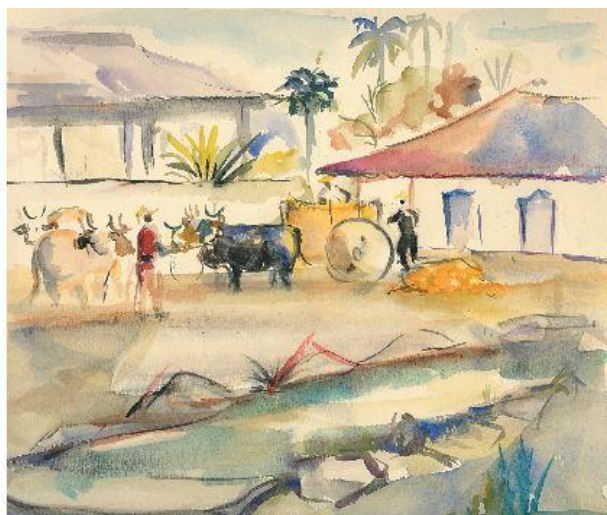
Já falei, em outra nota, dessa jovem artista mineira, que expõe presentemente na galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos, na Rua Senador Vergueiro, número 103.

O mérito maior que revelam seus quadros, principalmente os da última fase, reside no fato da pintora ter marchado por si mesma para a arte não representativa, na cidade de Belo Horizonte, onde, além de raras incompletas exposições, não há museus, gabinetes de estampas ou coleções privadas em que se encontrem quadros dessa tendência. Marchou para a abstração levada mais pelo espírito de aventura e de pesquisa de um meio novo de expressão — do que propriamente por uma imposição do ambiente ou por simples conformismo.

Tendo começado a fazer abstrações ou formas baseadas na realidade, como se vê de sua tela representando um rebanho no pasto, em breve Maria Helena Andrés se encontrava diante dos problemas específicos da pintura não objetiva.

Seus últimos quadros já denotam um progresso sensível, mostrando que a artista começa a manejar a linguagem abstrata, livremente, por si mesma, sem recorrer à gramática dos abstratos suíços ou dos concretos, em seus exercícios intermináveis de círculos, quadrados, triângulos, *confettis* multicores, feixes de linhas, tudo isso arranjado, com maior ou menor habilidade dentro do espaço pictórico.

A artista procura agora estruturar suas composições dentro de ritmos ou de combinações de forças e cores menos estereotipadas que as das concretas já conhecidas. E sabe desenhar com segurança, como se pode verificar pela série da *Via Sacra*. Alguns desses desenhos possuem uma grande pureza linear. E são, ao mesmo tempo, de uma qualidade arquitetônica irrecusável. Lembram esculturas em fio de ferro, pela nitidez com que se erguem no espaço, parecendo feitas para uma vida mais transcendente que a do simples desenho em preto e branco.



*Fazenda da Barrinha*, aquarela s/papel, 1947 e 1950. Coleção da artista

---

<sup>1</sup> BENTO, Antônio. Maria Helena Andrés. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 07 set. 1953. (Coluna As Artes).

## MARIA HELENA ANDRÉS. VISTA POR JACQUES DO PRADO BRANDÃO

Jacques do Prado Brandão<sup>2</sup>

Continuamos hoje a apresentação de nossos artistas plásticos com outro membro do grupo Guignard, Maria Helena Andrés, reproduzindo como fizemos com Mário Silésio a introdução feita para o catálogo das exposições que realizaram, recentemente, na galeria do I.B.E.U., no Rio de Janeiro.

É nossa intenção apresentar aqui, na medida do possível, desenhos e ilustrações de todos os nossos artistas, principalmente daqueles que se iniciam. Assim, além dos componentes do antigo grupo Guignard: Amílcar Filho, Marília Giannetti Torres, Estevão, Heitor Coutinho, Ione Fonseca, Holmes Neves, Nelly Frade, Ariadne Americano Freire, Haroldo Mattos, Mary Vieira e outros, já entramos em contato com os alunos da Escola de Belas Artes de Belo Horizonte para reproduzirmos aqui trabalhos seus, como já fizemos, domingo passado com Chanina, o pintor premiado no salão de artes plásticas do 2º Festival Universitário de Arte.

Visamos, desta maneira, demonstrar o nosso apoio aos artistas de Minas, que vivem, como é o caso da Escola Guignard, quase completamente abandonados, ignorados do público e sem auxílio dos poderes públicos.

O primeiro traço marcante da personalidade de Maria Helena Andrés é sua extrema sensibilidade. Em seus desenhos e quadros, nas linhas que se desenvolvem marcando planos, nos contrastes de cores, sutis e delicados, encontramos a artista voltada sempre para o mundo exterior, sensível à inteligência da linha e ao inefável poder emocional da justaposição de dois matizes distintos.

Quando das primeiras exposições do Grupo Guignard, que dividiu as artes plásticas em Minas num antes e num depois definitivo, aprendemos a distinguir os seus trabalhos pela exatidão minuciosa de seu lápis e por uma espécie de luta contra certo formalismo, de origem acadêmica, do qual a pintora queria, apressadamente, se libertar. Mais tarde, após termos conhecido a artista, seu vulto esquivo a nos falar sobre pintura com um conhecimento que poucos entre o Grupo, hoje famoso, possuíam, soubemos o porquê do conflito que seus trabalhos apresentavam.

Maria Helena Andrés estudara por alguns anos com Chambelland, numa rígida disciplina acadêmica, que se por um lado lhe deu uma segurança invejável ao traço e um conhecimento artesanal imenso, por outro, impedia, pelo formalismo vazio, a plena expansão de seu talento plástico.

Em Guignard, mais do que um professor, Maria Helena Andrés encontrou a liberdade, a sua liberdade, podendo deixar que suas linhas seguissem em harmonia com a imaginação e o pincel, preso quase completamente ao anedótico, um campo mais amplo do domínio da cor. Desde então sua evolução foi rápida e segura. Trabalhando intensamente — onde quer que vá, a pintora leva consigo lápis e papel para esboços e estudos — logo se projetou como um dos principais elementos do Grupo e, em breve, via seus trabalhos premiados no Salão Nacional.

A uma menção honrosa em 1947, seguiram-se consecutivamente, a medalha de bronze, em 1951, medalha de prata em 1952, e o prêmio de aquisição em 1953. Esses

---

<sup>2</sup> BRANDÃO, Jacques do Prado. Maria Helena Andrés. Vista por Jacques do Prado Brandão. *Correio do Dia*, Belo Horizonte, 20 set. 1953.

prêmios vieram não só servir de estímulo à artista presa à província, mas também assegurar-lhe que seu caminho de trabalho, pesquisa e paciência, era o único a seguir.

Em exposições coletivas do Grupo Guignard e numa exposição com Marília Giannetti Torres, apresentou-se Maria Helena Andrés sempre com uma grande variedade de quadros que, para o observador não atento ao desenvolvimento da artista, poderiam sugerir um temperamento inquieto e sujeito às mais diversas tendências da pintura atual. No entanto, é bem o contrário o que sucede. Maria Helena Andrés é desses artistas que preferem seguir os impulsos naturais de seu temperamento do que submeter-se a tendências e escolas. Prefere trabalhar no sentido de um aprimoramento mais interior, evoluindo naturalmente, de acordo com sua sensibilidade, de um quadro para outro, do que tentar aprender fórmulas avançadas do momento. Naturalmente, sua fina sensibilidade não deixa de conhecer o que de autêntico existe nas mais variadas experiências estéticas, mas a artista refugia-se no trabalho, defendendo-se assim das influências estranhas ao seu temperamento.

A unidade que existe nas diversas fases de sua pintura é bem uma prova do que acabamos de dizer. Comparando dois períodos de sua pintura, aparentemente os mais diversos, vemos ressaltar as qualidades próprias da artista: o sentido de cor e de forma, o equilíbrio da composição, a mais audaciosa.

Sua fase lírica inicial (1945-1947), onde eram ainda bem visíveis os ensinamentos de Guignard nas manchas de cor largas e colocadas em vibração, principalmente nas paisagens tendo por tema o Parque Municipal de Belo Horizonte, se a compararmos com uma fase bem posterior, de atmosfera noturna, já completamente livre da presença do mestre, onde a artista raspava a superfície do quadro e fazia predominar os amarelos e os marrons (1950-1951), composições e figuras pela composição e pela preocupação da matéria, podemos distinguir as relações de uma fase com outra no domínio da composição e na segurança pessoal do tratamento. E se observarmos os seus desenhos, esta unidade ainda mais se destaca nos dando a linha evolutiva de sua carreira até hoje.



*Boizinhos*, aquarela s/papel, 1953. Coleção da artista

Desde os trabalhos iniciais, sob a direção de Guignard, até suas últimas produções, vem Maria Helena Andrés caminhando de um grafismo de contornos exatos para uma caligrafia ideal dos objetos, que se revela inicialmente nos seus estudos da

vida rural. Rápidos esboços, feitos na fazenda onde a pintora passa as suas férias, que servirão de incentivo primeiro para as mais ousadas abstrações. Esses desenhos, onde a mão acostumada a uma disciplina severa acompanha o objeto presente num traço firme e sensível, servem de base à criação de mundo de formas, onde a imaginação da pintora pode se expandir livremente dentro dos limites exatos da tela.

Pois, Maria Helena Andrés parte sempre, mesmo nos quadros de puro jogo formal de cores e planos, de dados observados diretamente da realidade, extraíndo deles oculta beleza e submetendo-os aos ritmos próprios de sua composição. Nesta fase, última, atinge a pintora mineira um dos pontos altos de uma carreira que apenas se inicia.

Profundamente ligada à sua terra e à sua gente, com um raro conhecimento artesanal, delicada e sensível, Maria Helena Andrés é um dos valores novos de Minas, uma pintora de invulgar talento que se vai projetando firme e poderosamente como uma das expressões plásticas do Brasil.

## “O ACADEMISMO É CONSEQUÊNCIA DO EXCESSO DE RECEITAS E FORMAS PREESTABELECIDAS”

Declarações da pintora Maria Helena Andrés

Frederico Morais<sup>3</sup>

Maria Helena Andrés é, inegavelmente, entre os artistas que surgiram em Minas, durante e depois da guerra, das mais talentosas e inteligentes, dotada de inata sensibilidade e bom gosto artístico. Com Mário Silésio e Marília Giannetti — não mencionando o nome de Guignard que já tem sua fama e sua arte reconhecida além-fronteiras — representa a vanguarda das artes plásticas em Minas, compondo, suas experiências e pesquisas, o que de melhor, mais sério e ousado se faz no campo da arte moderna, e, particularmente, a arte abstrata. Saliente-se que as experiências abstratas de Maria Helena Andrés são mais ou menos recentes, e mesmo a qualidade e o sentido que dá às suas abstrações contêm, muito próximas, as reminiscências figurativas. Talvez, Maria Helena Andrés, que está sempre pesquisando, analisando, procurando antes de tudo o fazer — condição vital para a sua arte — e nunca o repetir-se monotonamente em fórmulas e esquemas, que nunca se estabiliza, mas que está sempre num ir e voltar constante, abandone suas abstrações e volte novamente à figura. Talvez volte novamente à abstração. Ser pintora abstrata ou figurativa não tem importância nem tampouco é o fundamental de sua arte. O fundamental é a pesquisa constante, é o procurar renovar a cada dia, uma nova temática, novos materiais, novas maneiras de dominar o espaço pictórico com suas composições, ou encher a folha branca do papel. Maria Helena não para: desenha muito e raciocina bastante sobre os problemas de sua arte. A espontaneidade e intuição, tão suas, juntam o domínio da razão e da meditação, isto é, as experiências alheias, o reconhecimento dos vários “ismos” que povoam a história e atualidade das artes plásticas, a leitura sempre da estética e filosofia das artes plásticas. Nem o domínio puro e simples da intuição criadora, nem o excesso de uma sistemática cerebral e racionalista. Sua arte consegue, assim, ser deliciosamente espontânea e sabiamente meditada. Desta síntese, afora sua temática e composições várias, sobressai um lirismo e delicadeza todo seu que pode ser encontrado claramente, ora num retrato ou numa paisagem de sua fase mais guignaresca, ora na fase dos balões e das colagens, ou mais recentemente, nas *Cidades Iluminadas* nos quais a abstração se intensifica.

Maria Helena Andrés pinta desde, mais ou menos 1944, época da fundação da escola de Guignard, onde ela esteve até 1947, isolando-se, posteriormente, e trabalhando sozinha até então. Seus mestres: Guignard e Carlos Chambelland. Expôs individualmente no Instituto Brasil Estados Unidos aqui e no Rio, e, anualmente, no Salão Nacional, sendo uma das candidatas ao prêmio de viagem ao estrangeiro. Expôs em salões baianos de arte moderna; na Argentina, na exposição de artistas brasileiros, e compareceu nas três primeiras bienais de São Paulo com desenhos e pinturas. Participou de várias exposições em conjunto aqui e fora, entre estas uma com Marília Gianetti, na Sociedade e Cultura Francesa. Premiada como a melhor artista mineira em 1950, teve prêmios de aquisição pelo Museu Nacional e Isenção do Júri no Salão

---

<sup>3</sup> MORAIS, Frederico. “O Academismo é consequência do excesso de receitas e formas pré-estabelecidas”. Declarações da pintora Maria Helena Andrés. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 09 mar. 1958. (Coluna de Artes Plásticas).

Nacional do Rio de Janeiro. Seus filhos, que também são artistas e dão palpites reveladores sobre sua arte, tiveram uma exposição na Biblioteca Thomas Jefferson. Maria Helena Andrés é professora na Escola de Belas Artes de Belo Horizonte. De sua arte e de todas suas experiências de sua lucidez e inteligência recolhemos esta entrevista que se segue.



*Bodas de Canaã – óleo s/madeira, 1952. Coleção Ivana Andrés*

**FM** – Acha que sua fase atual é definitiva?

**MH** – Uma fase nunca é definitiva, mas caminho para novas descobertas.

**FM** – Sempre foi uma pintora abstrata?

**MH** – Não. Sempre fui uma pintora figurativa. As minhas experiências no campo da pintura abstrata datam de uns cinco anos para cá. Comecei simplificando desenhos de figuras, até conservar delas apenas o elemento essencial. Essa primeira fase foi exposta no Rio, não cheguei a mostrá-la aqui. Mais tarde vieram os desenhos e colagens tendo como sugestões as luzes de uma cidade. Foi a fase do biombo, para o Banco Vera Cruz, e das “*Cidades Iluminadas*”, dos “balões” etc. Atualmente os meus desenhos já estão bem diferentes. Um caminho nunca é definitivo, pois o próprio tempo se encarrega de modificá-lo.

**FM** – Fale-nos sobre seu processo de criação.

**MH** – A ideia criadora é sempre espontânea, nunca premeditada. Após, entram outros fatores externos a fim de corrigi-la, dar-lhe forma. Esses fatores externos são as teorias, das quais sempre se deve ter conhecimento para depois serem esquecidas. A preocupação exagerada com a teoria talvez venha prejudicar e restringir a liberdade de criação.

**FM** – Qual a influência de Guignard em sua arte?

**MH** – A influência de Guignard em minha vida foi maior no princípio, nos retratos de criança, principalmente. Talvez ainda conserve desta influência algum traço, que, inconscientemente, pode se manifestar. Isto cabe aos outros decidir, não a mim.

**FM** – Que pensa você do concretismo?

**MH** – De todos os “ismos”, talvez seja o mais consciente. O emprego de formas geométricas simples, das cores exatas e das composições equilibradas dentro de leis matemáticas veio alertar o artista e despertar-lhe a consciência da técnica, tão desprezada pelos primeiros modernistas. Este é um dos aspectos mais fortemente positivos desta fase, que beneficiou, com essas noções, não só seus adeptos como seus adversários. O concretismo para ser autêntico deve traduzir uma verdadeira aspiração do artista; não um modismo. Um dos aspectos negativos desta corrente de vanguarda é o perigo de trazer como consequência a fórmula, como acontece todas as vezes que a ciência invade o domínio da arte.

**FM** – Com sua experiência de professora, o que diz do ensino das artes plásticas?

**MH** – O ensino das artes plásticas é um problema complexo. Pode-se ensinar a técnica de pintura e técnica de desenho, mas o aluno teria de trabalhar em casa, longe do professor, fazendo suas próprias descobertas. A influência do mestre não pode ser direta, porque a personalidade de cada um deve ser respeitada. O papel do mestre seria, talvez, o de sugerir, orientar e principalmente estimular o aluno. As aulas teóricas devem ser dadas à medida do necessário. Não acredito em teoria ditada, imposta. O aluno grava muito mais quando descobre por si só, e sua descoberta é bem orientada. A realização disto é difícil, principalmente em turmas muito grandes. Mas aqueles que têm realmente talento sempre acharão o seu caminho, desde que não lhes seja impedida a liberdade de criação. O mal do academismo talvez seja o excesso de receitas de pinturas, fórmulas preestabelecidas. Em cursos superiores de artes plásticas, acho também imprescindível o estudo de estética e de filosofia da arte.

**FM** – E com relação à arte infantil?

**MH** – Atualmente tem despertado grande interesse o ensino da arte infantil. A criança, muito mais que o adulto, tem liberdade de criação; é mais pura e destituída de preconceitos. Este ensino deveria ser estendido a todas as escolas infantis e primárias, visando à educação do bom gosto desde a infância. Talvez, isto viesse facilitar muito no futuro a contemplação das obras de arte.

**FM** – Que acha da atual situação das plásticas em Minas?

**MH** – Aqui em Minas há muito pouco interesse em torno da pintura por parte do público, e talvez seja este um dos motivos por que, cada vez mais, os artistas se fecham em seus ateliers. Aqui quase não chegam exposições de arte, e, quando chegam, são pouco visitadas. O artista precisa de incentivos para o seu progresso, e a falta de estímulos que lhe proporciona a terra natal o faz migrar em massa para os grandes centros.

**FM** – Sobre a propalada síntese das artes, o que pensa você?

**MH** – No futuro, quando a arquitetura e a pintura estiverem ligadas pelo mesmo ideal, talvez seja possível uma síntese das artes. Por enquanto não vejo possibilidade disto. Seria preciso que o pintor estivesse mais a par dos problemas de arquitetura e esta, por sua vez, mais esclarecida quanto aos processos de pintura. E a pintura mural faria parte realmente do conjunto inaugurado pelo arquiteto e não uma coisa anexada, sobreposta.

**FM** – E das relações entre as várias artes?

**MH** – Todas as artes estão relacionadas em sua origem e em seu destino, isto é, brotam de uma mesma fonte, que é a ideia criadora e aspiram em conjunto uma beleza transcendental, acima das contingências materiais. Daí podermos, também, relacioná-las umas às outras de uma maneira visível. A música e a pintura, por exemplo, o som e a cor. Existe uma grande afinidade entre a combinação das notas musicais e a combinação das cores. Agora, também a poesia, com as últimas experiências concretistas, veio se entrosar de tal forma com as artes plásticas, que, para ser devidamente apreciada, tem de ser vista e não simplesmente ouvida. Um poema concretista é um quadro também; foi feito para ser visto nas exposições e dependurado em paredes.

**FM** – Que acha da situação lamentadora da escola Guignard?

**MH** – A escola de Guignard, fundada em 1944, debaixo do maior entusiasmo, sobrevive quase por milagre, nas ruínas do Teatro Municipal. Espera-se até hoje uma verba que não sai e, enquanto isto, um punhado de jovens se esforça por mantê-la de pé, contando apenas com a boa vontade de poucos. Nada mais.

**FM** – Finalmente, de quem gosta e de quem não gosta.

**MH** – Fayga Ostrower, Rossini Peres, Arnaldo Pedroso Horta, Guignard, Portinari, com restrições, Franz Weissmann, Segal, Milton da Costa. Rouault, Chagall, Morandi etc. Os que não gosto, não digo.



## O ITINERÁRIO ESTÉTICO DE MARIA HELENA ANDRÉS

Pedro Paulo Christovam dos Santos<sup>4</sup>

Expostas na semana passada as ideias mestras de Maria Helena Andrés sobre a arte como ideia criadora e sobre o belo como esplendor da forma, importa hoje descobrir o itinerário estético desta ilustre pintora mineira, mediante a análise de seus quadros apresentados atualmente no Museu de Belo Horizonte.

Ao procurar compreender Maria Helena por Maria Helena, temos por finalidade exclusiva descobrir na beleza estética de suas realizações concretas a verdade pessoal de sua existência artística.

Iniciando-se com o retrato naturalista da escola acadêmica, Maria Helena, através de Guignard, evoluiu natural e vitalmente para o retrato fantasista, tentativa sincera de superar a imitação servil da natureza e elevar-se à criação autêntica do espírito estético. Porque, como nos diz ela mesma, a arte é a mais evidente afirmação da liberdade humana. Impõe-se quando é autêntica, pela própria força desta autenticidade, mesmo que os contemporâneos não lhe deem atenção.

Podemos dividir o itinerário estético de Maria Helena Andrés em três fases principais: a fase inicial de 1947-1954; a fase de transição de 1954-1959, e a fase atual de 1959.

### Fase inicial

Em 1947, inspirada na Bíblia, especialmente em Isaías, produz durante o advento obras de caráter religioso, revelando uma arte expressionista trágica em cores mais grossas, tendo o azul e o roxo como fundo, em contraste com o amarelo e o vermelho. Fase, sem dúvida, de tentativa, de descoberta pessoal de si mesma, de esforço sincero por expressar um mundo artístico ainda impreciso, mas conatural ao seu próprio ser. Nesta primeira fase figurativa, ao invés de copiar simplesmente a forma observada na natureza, procura já transfigurar as formas e cores naturais, segundo as necessidades de sua ideia criadora, tal como acontece no quadro do “Profeta Isaías”.

Na fase intermediária de 1949 a 1950, predominam temas líricos inspirados no mundo infantil, na paisagem campestre e nos parques urbanos, em quadros marcados pela presença de Guignard.

É a época do verde e do azul, da *Menina de Azul*, do *Casamento na roça* e do *Domingo no Parque*. Início da passagem da figura para o abstrato, ponto de partida para novas conquistas plásticas. Porque as formas vão se simplificando cada vez mais como resultado da síntese à qual procura chegar a artista. Todas as linhas supérfluas que funcionavam apenas como elementos decorativos e anedóticos vão sendo eliminadas. A perspectiva desaparece aos poucos e o quadro é considerado apenas como uma superfície plana.

Nos trabalhos de números 12 a 23 ou seja, *Figuras na praia* e *Roda de crianças*, é a própria matéria da pintura que sofre radicais transformações: a tinta, antes usada dando noção de volume, é agora quase raspagem na superfície, dando origem a meios-tons; gravam-se na tela, por necessidade gráfica da artista, com a espátula as linhas principais da composição.

---

<sup>4</sup> SANTOS, Pedro Paulo Christovam dos. O Itinerário Estético de Maria Helena Andrés. *O Diário*, Belo Horizonte, nov. 1959.

### **Fase de transição**

Na fase de 1954, temos com o quadro 24, *Boizinhos*, a fase de transição do figurativo para o abstrato, a preocupação do espaço, a tentativa de libertar a figura do ponto de apoio. A artista preocupa-se em representar a forma de um boizinho, mas apenas sintetizar suas linhas essenciais em formas geométricas, de tal modo que a figura do quadro já não é mais aquela que lhe deu origem. No quadro 25, *Composição sobre fundo verde*, a figura tratada do boizinho desliga-se totalmente da realidade para se tornar apenas um conjunto de formas e cores dispostas harmoniosamente na superfície do quadro.

A artista não mais deseja representar o elemento visto e sim criar uma nova forma até então inexistente que passa a existir em razão do poder criativo da ideia força.

Na fase de 1956 a 1957, partindo do tema da cidade, a artista procura colocar dentro da superfície do quadro edifícios, estruturas, janelas iluminadas, não segundo a realidade, mas de acordo com as necessidades plásticas da própria composição. Os elementos usados passam a ter vida própria, independentes da realidade externa, existindo apenas em função de sua beleza plástica integrada na superfície trabalhada.

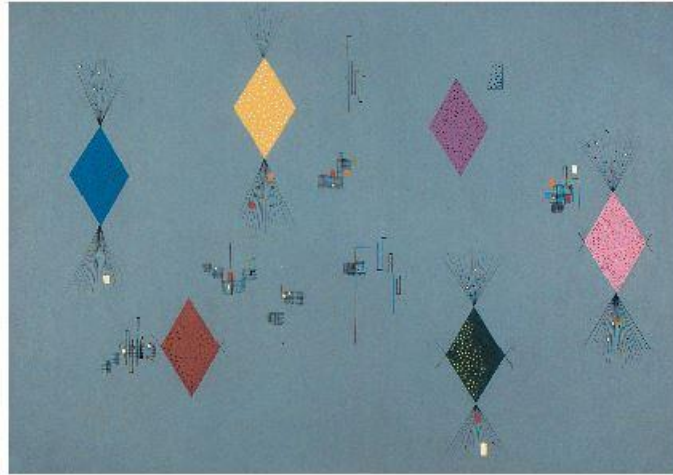
Balões, eis o motivo principal do qual parte a artista para a criação pessoal de figuras geométricas originárias da forma dos balões lançados dentro do quadro segundo a composição desejada. Cumpre observar o alto sentido decorativo de todos os trabalhos desta fase, em que as cores vibram em contraposição umas às outras. No quadro 32 da *Cidade Iluminada*, verificamos o retorno dos elementos figurativos — postes e edifícios empregados na composição do trabalho executado.

### **Fase atual**

Na fase atual de 1959, do quadro 34, *Casas*, ao quadro 42, *Cidade e Ritmos*, existem para a artista apenas os valores plásticos puros: a cor, a forma, a composição. Nada mais deseja ela representar a não ser estes próprios valores inerentes à pintura. Dispor formas e cores harmoniosamente dentro de uma composição segura e plástica, eis o que Maria Helena Andrés procura dentro de seus últimos trabalhos.

Com o belo quadro das *Regatas* (43), num retorno lírico aos elementos figurativos, a artista faz um circuito e volta ao ponto de partida, porém infinitamente mais rica de experiências e estudos. Torna a empregar as mesmas cores inicialmente usadas, mas com muito mais consciência. As formas trazem reminiscências figurativas como mastros, velas e navios, sendo, entretanto, usadas apenas pelos seus valores plásticos puros ou valores abstratos.

Maria Helena parte da figura e volta à figura. Ou melhor, a figura nunca esteve ausente de sua ideia criadora e da sua realização concreta.



*Papagaios, óleo s/tela, 1955. Coleção particular*

### **Conclusão**

Maria Helena Andrés é pintora abstrata? Diremos nós com Amarílis Teixeira e Marília Giannetti, arte abstrata baseada em temas figurativos. A artista não prescinde, de modo absoluto, da realidade existente. Há, sim, abstração em sua obra de arte, porque sem esta qualidade essencial não há autêntica criação artística. Encontramos uma existência artística de tipo abstrato na qual a figura sempre permanece ao menos implícita, latente, evocadora. Ou então, como nos diz a própria Maria Helena, “houve em meu itinerário estético uma passagem do real para o ideal, do figurativo mais realista para o figurativo mais idealista”.

## DÉCADA DE 1960



*Embarcação*, óleo s/tela, 1963, Coleção Artur Andrés e Regina Amaral

## MARIA HELENA ANDRÉS PREVIU (EM PINTURA) OS MAREMOTOS DO CHILE

Frederico Morais<sup>5</sup>

Os maremotos e terremotos ocorridos no Chile e em toda a costa do Pacífico impressionaram muito a pintora Maria Helena Andrés, que ainda continua preocupada e um pouco atemorada com estes cataclismas. É que a série de barcos e velas de Maria Helena Andrés desapareceu em profundos e dramáticos maremotos pretos, vermelhos e amarelos. Explicamos, Maria Helena Andrés está preocupada porque sem querer previu os maremotos e outros cataclismas ocorridos no Chile há pouco e como continuará construindo ainda seus “maremotos” por algum tempo, pode ser que outros venham a ocorrer no Chile ou em qualquer ponto do mundo.

### Um achado

Nos últimos meses do ano passado Maria Helena Andrés, talvez um pouco entediada pelas abstrações lírico-geométricas da série *Cidade Iluminada* ou simples *Construção* voltou temporariamente à figura, insistindo sobre um tema banal *Velas*. Ao mesmo tempo que Maria Helena mudou de tema procurou também mudar de materiais e, no lugar de óleo, começou a usar primeiro o *gouache* e depois (agora) o pastel. O suporte também mudou. Passou da tela para o papel comum de desenho e agora um papel aveludado, de uma cor única, o cinza ao qual se adapta extraordinariamente o pastel. Na realidade este papel é um verdadeiro achado de Maria Helena Andrés, pois o pastel, que normalmente encontra dificuldade de se fixar em outros papéis, se integra perfeitamente no aveludado que a artista está usando agora. Nesta série de *Velas* (um dos primeiros trabalhos desta série foi apresentado no último Salão Municipal) Maria Helena procurou trabalhar com grande liberdade, tanto no tratamento da cor, visto que não se preocupava em encontrar uma unidade tonal, mas procurou reexperimentar as cores, quanto no tratamento do tema que para a artista poderia ser menos ou mais figurativo. Esta busca permanente de novos temas e igualmente um permanente vai e vem entre a figura e abstração parece ser uma das características de Maria Helena Andrés. É, aliás, a própria artista que afirma: “volta e meia necessito sair da abstração e voltar até a figura para dar novo impulso à minha arte, pois a permanência numa determinada linha de abstração poderá se tornar num recurso fácil”.

### Evolução

Lentamente Maria Helena Andrés foi dominando o tema *Velas* retirando sempre o essencial, procurando a plástica e eliminando o puramente anedótico. Num determinado instante o tema desapareceu, ou como diria a artista, as velas afundaram em profundos maremotos. Suas composições atuais, onde não há mais nada figurativo, ou melhor, que não partem mais de “nada”, lembram maremotos. Na realidade são apenas jogos de cores e massas. No início da abstração do tema, Maria Helena Andrés mantinha ainda as linhas (normalmente pretas) que nos ligavam ao tema no tempo que eram mais desenho do que pintura. Seus últimos trabalhos não apresentam mais esta

---

<sup>5</sup> MORAIS, Frederico. Maria Helena Andrés previu (em pintura) os maremotos do Chile. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, jun. 1960. (Coluna Artes Visuais).

predominância da linha e a cor é mais massa e mais pintura. Por outro lado suas composições são mais simplificadas e a cor é mais controlada. A explosão cedeu lugar à sobriedade e a própria composição é mais planejada, mais pensada e sobretudo mais plasticamente vivida. Os últimos trabalhos desta série, que este colunista viu (juntamente com outros), são excelentes, de grande beleza e qualidade.

### **Na Piccola**

Quinze trabalhos desta série Maria Helena Andrés mandará para o Rio, onde serão expostos na Piccola Galeria. A exposição será em agosto, imediatamente após a de Yara Tupynambá (gravuras). Maria Helena Andrés não poderá mandar mais porque a galeria é pequena e além do mais seus trabalhos são grandes no sentido horizontal. Maria Helena Andrés deverá obter grande sucesso no Rio. Trabalhos desta série serão remetidos ao Salão Nacional e ao Festival de Artes Plásticas do Rio Grande do Sul.

### **Via Sacra**

Nesse período *Velas*, Maria Helena trabalhou igualmente com um tema difícil e perigoso: a *Via Sacra*. Tomando como dominante a cruz e chegando em algumas cenas à abstração total, Maria Helena Andrés procurou dar uma nova versão plástica ao tema, o que conseguiu. Usando a cor dramaticamente — sobretudo o vermelho e o preto — a artista conseguiu boas soluções e não caiu no “gagá”. Os quadros, feitos igualmente a pastel e em papel aveludado, não medem mais do que 30cm cada. Uma sugestão à artista: por que não expô-los em Belo Horizonte?

## MARIA HELENA ANDRÉS

Pierre Santos<sup>6</sup>



*Barcos*, crayon s/papel veludo, 1961. Coleção particular

Para se ver a obra de arte alçada a uma categoria legítima, sempre é mister que haja, desde o primeiro ao último trabalho, um traço, uma característica a distingui-la, característica esta que só pode ser uma decorrência da “personalidade do artista”. De outra parte, aliada a este requisito — a marcá-la de maneira definitiva — é preciso nela encontrar-se o que denominamos “vivência interior”, apenas entrevista na obra de quem faz natural e humildemente da arte um veículo de expressão, uma verdadeira “linguagem” através da qual exterioriza seu mundo íntimo, comunicando-o ao meio que o cerca. E, completando a trilogia, a ela deve incorporar-se a “experiência”, aqui tomada em duplo sentido: seja no de conhecimento da realidade externa, seja no de domínio técnico e artesanal.

São precisamente estes requisitos que vamos encontrar nos trabalhos de Maria Helena Andrés, por meio dos quais nos é possível estabelecer um julgamento de valor não só de toda a obra da artista, como ainda de suas produções mais recentes.

Dedicando-se à pintura há longos anos e perseguindo a depuração técnica que se acentua a cada dia, Maria Helena Andrés tem esta vivência interior indispensável. Isto marca seus trabalhos separados (em consequência da constante busca de novos métodos e maneiras de expressão) em grupos tão diversos: figurativos nos primeiros anos, depois semiabstratos ou abstrato figurativos, em seguida pinturas abstrato geométricas e, finalmente, abstrato expressionistas cerca de um ano para cá.

Longo foi, como se vê, o caminho percorrido e cada fase necessária para que a artista conquistasse e dominasse seu autêntico modo de expressão: na primeira fase

---

<sup>6</sup> SANTOS, Pierre. *Maria Helena Andrés*. 1960. Piccola Galleria do Instituto Italiano di Cultura, Rio de Janeiro, 22 ago. a 10 set. de 1960.

processam-se o conhecimento e o deslinde do *métier* na pintura; em seguida vem a forma submeter-se à segurança de seu traço, depurando-se e transformando-se em suas mãos. Nesta conquista o poder criativo é o elemento básico. Na fase abstrato - geométrica, Maria Helena Andrés sujeita a imaginação à rígida disciplina. As linhas são limpas, as cores puras e os espaços construídos delimitam sólidas formas.

Após extenso período de submissão disciplinar, é uma consequência natural e lógica o libertar-se cada vez mais da linha, o tratamento mais lírico da cor, impostos pelo próprio temperamento de Maria Helena Andrés nos trabalhos da última fase. Aliás, poesia e lirismo são qualidades naturalmente encontradas em sua obra e uma das características mais pessoais da artista.

Os pastéis agora expostos, que são os trabalhos mais recentes da última fase, partem de massas coloridas inicialmente circunscritas e cortadas por fortes traços negros, que constroem o espaço e são como que um suporte da composição. E, finalmente — isto nos últimos da série — valorizando sempre mais a cor e eliminando gradativamente as linhas negras, Maria Helena Andrés chega a uma pintura bastante livre, onde o jogo de colorido vem resultar como elemento principal e seu mais rico meio de expressão. É verdade que ao espectador menos avisado estes trabalhos podem sugerir elementos próximos da pintura informal; porém, nela não se enquadram absolutamente, pois a um simples exame, que nem mesmo carece de ser muito aprofundado, estes quadros revelarão uma artista que, devido ao seu temperamento, por mais distante que possa estar da forma, jamais deixará de elaborar uma composição disciplinada, principalmente nestes, nos quais o jogo de cores ainda nos sugere imagens — reminiscências de seu figurativismo.

Eis aí retratada, em linhas gerais, a obra de Maria Helena Andrés, principalmente a fase atual de sua evolução, onde capacidade e segurança, imaginação e lirismo, se entrelaçam, identificam-se e explodem neste interminável crescendo de emoções.



## PINTORA MINEIRA TRAZ PASTÉIS ABSTRATOS PARA MOSTRAR AOS CARIOCAS: EXPOSIÇÃO É AMANHÃ

Edilberto Coutinho<sup>7</sup>

A pintora Maria Helena Andrés é casada com um médico, o casal tem seis filhos, mora em Belo Horizonte, mas “Mamãe” não para: pinta. Já tendo participado das Bienais de São Paulo e de vários Salões nacionais, é concorrente séria ao ambicionado “Prêmio de Viagem”, para fazer cursos na Europa. Mostrará, de amanhã ao dia 10 de setembro próximo, aos frequentadores da Piccola Galeria, no Flamengo, o estágio atual de sua arte, já aplaudida pelos críticos mais exigentes que destacam “o progresso que vem fazendo e a supremacia linear que dá às suas composições” (Mário Pedrosa), “sentindo-se que a pintora tem alguma coisa a dizer na arte abstrata” (Antônio Bento).

Maria Helena Andrés surgiu no cenário artístico mineiro como integrante de um grupo jovem de artistas plásticos, sendo responsável — ela, como a gravurista Yara Tupynambá e os também pintores Vicente Abreu, Wilma Martins e Nelly Frade — pelos avanços do “ambiente” na capital mineira, que, apesar de ainda tímido, já é bastante animador. Contam, naturalmente, com as dificuldades próprias do meio: poucas oportunidades de ver os grandes mestres, boas exposições, e privados da conversa com os críticos e outros artistas.

No Rio e em São Paulo, os novos têm a vantagem desses contatos.

### Museu Ajuda

Conta-nos, contudo, Maria Helena Andrés que, desde a inauguração do Museu de Arte de São Paulo, da sementeira associada, “o clima” vem melhorando e continua em marcha o movimento dos jovens, que têm outras oportunidades, agora.

### De figurativa a abstracionista

Dizendo que admira “todos os pintores sinceros”, Maria Helena Andrés, por uma necessidade de sua arte, evolui, através de diversos “ismos”, do figurativismo ao abstracionismo. Na mostra que amanhã se inaugura na Piccola Galeria, poderão ser apreciados os seus pastéis abstratos, bem diferentes dos retratos ou da “fase Guignard” dos primeiros tempos. De resto, está sempre em experiência, e cada fase é a do momento, é o estudo, a compreensão, o ângulo novo, procurando realizar a sua síntese “entre a necessidade de cor e a necessidade de linha”, com a predominância, ocasional, de um ou de outro elemento.

Em alguns trabalhos, como em muitos dos atuais, abandona a preocupação de linha e de cor, para deter-se na procura de “mais massa e mais pintura”, através de simplificações que resultam em harmoniosa síntese, bem distante, agora, das explosões de cor dos seus primeiros ensaios. “Menos exuberante, mais pensada e, sobretudo, mais plasticamente vividos, os seus últimos trabalhos são excelentes” — disse o crítico mineiro Frederico Moraes, que vem acompanhando a trajetória de Maria Helena Andrés desde os seus quadros iniciais, sempre atento ao dom congênial da jovem pintora.

### Itinerário de Maria Helena

---

<sup>7</sup> COUTINHO, Edilberto. Pintora mineira traz pastéis abstratos para mostrar aos cariocas: exposição é amanhã. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 21 ago. 1960.

Tendo iniciado os seus estudos de pintura com Carlos Chambelland, no Rio de Janeiro, Maria Helena Andrés transferiu-se depois para a Escola de Belas Artes de Belo Horizonte, onde, orientada por Guignard, estudou até 1947. Naquele ano, juntamente com Marília Giannetti Torres, realizou a sua primeira exposição, na Cultura Francesa, em Belo Horizonte. Em 1954, expôs pela primeira vez no Rio de Janeiro (Instituto Brasil-Estados Unidos); em 1955, novamente em Belo Horizonte, para, em 1959, convidada pelo Museu de Arte da capital mineira, reunir trabalhos de dez anos numa retrospectiva. Participou, desde o início, de várias exposições coletivas do chamado “Grupo Guignard”, no Rio e em Belo Horizonte. Expôs na I, II, III e IV Bienais de São Paulo, no Salão de Arte Moderna e no Salão Municipal de Belo Horizonte.

Em 1952, obteve o prêmio de vinte mil cruzeiros destinado ao melhor pintor mineiro, e no Salão de Arte Moderna recebeu menção honrosa, medalha de bronze, isenção de Júri e dois prêmios de aquisição. Integrou a mostra do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, apresentada aos países da América do Sul, e também, sob os auspícios da mesma entidade, a coletiva de artistas brasileiros atualmente em exposição nos principais países da Europa. Seus trabalhos fazem parte do acervo do Museu Nacional de Belas Artes, do Palácio da Alvorada e do Museu de Arte de Belo Horizonte. Faz parte, ainda, do corpo docente da Escola de Belas Artes de Belo Horizonte, tendo regido a cadeira por um ano (1959). Conferencista, pronunciou uma série de palestras sobre arte moderna e arte sacra na Escola de Arquitetura mineira.



Capa do catálogo da exposição de Maria Helena Andrés na Piccola Galeria do Instituto Italiano de Cultura, Rio de Janeiro, 1960

Filha do casal Euler de Salles Coelho e Nair Barroca de Salles Coelho, nasceu em Belo Horizonte, onde se casou com o médico mineiro Luiz Andrés Ribeiro de Oliveira, professor da Faculdade de Medicina local. Meia dúzia de rebentos nunca a impediram de trabalhar, sendo mesmo uma das artistas jovens do Brasil que podem orgulhar-se de obra mais numerosa e participação mais ativa em diversos movimentos.

## MARIA HELENA ANDRÉS

Vera Pacheco Jordão<sup>8</sup>

En la última Bienal de São Paulo me llamaron la atención los dibujos de María Helena Andrés, figuras de barcos estilizados, de gran vigor y acertada composición. Me agradaron los trabajos que presentó en el Salón, y ahora encuentro a la artista en mejor forma aún.

María Helena trabaja por fases, escogiendo para expresarse el medio y el género que más le parecen adecuados a la ocasión.

Así, ya hizo pintura figurativa al óleo, ya realizó una serie de barcos a tinta china, a la cual sigue la fase de los naufragios — como si la artista, encerrada entre las montañas, buscara la evasión en el mar —, y ahora presenta una serie de trabajos a pastel, notables especialmente por la riqueza del colorido.

Abandonándose a la imaginación, componiendo a medida que trabaja, María Helena revela una gran seguridad en sus trazos negros, que son como la trama en torno de la cual se desdobra la fiesta de los colores. Y qué colores maravillosos, destacándose sobre el papel gris, y contrastando con el dibujo negro, algunas veces colocados en apenas pequeños toques para realzar el dibujo, y otras veces expandiéndose como cielo de aurora o de crepúsculo.

María Helena sigue hasta el fin cada una de sus fases, que responde a un impulso interior, hasta que se agota. Sin nada de intelectual, es un temperamento auténtico de artista, que traduce en su lenguaje propio las vibraciones de su sensibilidad.

---

<sup>8</sup> JORDÃO, Vera Pacheco. *María Helena Andrés*. Galería del Centro Chileno Brasileño de Cultura de Valparaíso y Viña del Mar. Valparaíso, 1 a 15 ago. 1963.

## FORMA E COR: MARIA HELENA ANDRÉS

Olívio Tavares de Araújo<sup>9</sup>

A série de trabalhos que ora apresenta Maria Helena Andrés na Galeria Grupiara é toda presidida por sugestões marítimas, com menções, nos títulos dos quadros, a barcos que chegam e partem, a ancoradouros, a pesca, redes, ventos etc. Isto não deve, entretanto, confundir o observador: Maria Helena Andrés é uma artista que, tendo experimentado em uma de suas fases a mais rigorosa abstração, dela parte para sua pintura atual, em que apenas sugere a figura. Dizemos efetivamente sugere porque seus barcos e suas pescas não são retratos de dados objetos, mas antes de tudo arranjos de cores e formas sobre um determinado espaço, que é o da tela; e se esses arranjos evocam marinhas, é coisa, de certo modo, secundária. A importância de que a composição enquanto composição ainda se reveste, para Maria Helena Andrés, está atestada nas suas poucas telas reconhecidamente abstratas desta exposição (*Alvorada Vermelha*; *Vermelho e Ritmos*; *Formas e Ritmos*, e a própria *Perspectiva Aérea*) e, sobretudo, pelos excelentes desenhos a preto e branco, e ocasionalmente ocre ou sanguíneo, onde a ausência do recurso da cor obriga a um maior rigor puramente espacial, como nas *Redes de Pesca 4*, em *Raíces 1* e, principalmente, *Tempestade 2*.

O desenho de Maria Helena Andrés é muito preciso, mas não se torna frio, em nenhum instante, devido a uma observação mesma da pintora: — é nele que trabalha mais rápida e espontaneamente, encontrando nas limitações da própria técnica do óleo (o ter de esperar secar uma tinta, por exemplo) um obstáculo a formas mais imediatas de expressão. Suas linhas são, por isso, aqui, geralmente ágeis e leves, acentuando o caráter tipicamente lírico de seu desenho.



*Alvorada Vermelha*, acrílica s/tela, 1963. Coleção Antônio Eugênio Salles Coelho e Renata Guerra

Já sua pintura se encontra enriquecida pela notável sensibilidade para as cores: são elas, em seu clima geral, em suas muitíssimas nuances, que evocam as atmosferas sugeridas pelos títulos, certamente colocados *a posteriori*. Suas duas *Pescas em alto mar*

---

<sup>9</sup> ARAÚJO, Olívio Tavares de. *Forma e Cor: Maria Helena Andrés*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 out. 1963. (Coluna Arte).

possuem, assim, distintas luminosidades, uma em tons de azul-esverdeado e amarelo-cinza, outra de um azul bem mais escuro e mais espalhado por toda a tela, evidenciando diferentes horas do dia e diferentes circunstâncias. Do mesmo modo, o uso de tons mais ou menos semelhantes em *Navio chegando* e *Partida*, em torno do lilás, do rosa, amarelo claro, de tons de aurora: o primeiro, entretanto, guarda alguma coisa de mais festivo e mais seguro, a justificar as diferenças dos títulos apostos.

Dentro de sua procura expressiva, Maria Helena Andrés aplica em suas atuais pinturas, vários métodos de uso das tintas, que lhe conferem as diferentes texturas, neste ponto, os melhores exemplos: são quadros tecnicamente bem distintos. O segundo utiliza a pincelada grossa e arredondada, a tinta bem igualmente espalhada sobre a tela; enquanto *Perspectiva Aérea* utiliza uma espátula que raspa a tela, deixando a descoberto uma leve camada anterior de tinta, numa textura ríspida, um jogo de linhas anguloso. Outros trabalhos aproveitam de um e de outro método: *Azul e Azul e Barcos* são feitos de pincel liso e espátula aplicando tinta alta; *Nuvens e marcos* é todo feito à base de uma grossa camada de tinta aplicada com espátula (contrastando inteiramente com a tela raspada de *Perspectiva*); em *Chegada* o pincel complementa e contorna os espaços deixados a descoberto pela espátula; e assim por diante.

Todos os processos se casam funcionalmente; nenhuma tela dá a mínima impressão de desunidade ou desordem, mesmo quando a composição é complexa e a técnica variada (cf. *Pesca em Alto Mar 1*).

A atual exposição de Maria Helena Andrés na Galeria Grupiara é uma digna mostra do estágio atual de sua pintura e de seu desenho, ambos excelentes em sua respectiva categoria (e complementados pelo pastel em papel camurça ou lixa fina, inovação de Maria Helena Andrés), ambos possuidores de uma grande segurança e, mais ainda, de uma evidente vitalidade do trabalho que tem realmente alguma coisa importante a dizer.

## A “VIVÊNCIA E ARTE” DE MARIA HELENA

Márcio Sampaio<sup>10</sup>

Maria Helena Andrés nasceu em Belo Horizonte, filha de um advogado: Euler de Salles Coelho.

A infância de Maria Helena foi marcada pelas viagens que ela fazia com sua família ao Rio de Janeiro, onde um seu avô residia. Maria Helena gostava do mar. Ficava horas e horas admirando aquela grandiosidade azul e cinza, sobre a qual deslizavam mansamente os navios que chegavam de longe. Sempre aliava aqueles navios aos conhecimentos de geografia e, naturalmente, como todas as crianças, sonhava com viagens pelo mar; tinha vontade de atravessá-lo e conhecer as outras terras, o mundo todo.

Ainda não revelava, naquela época, a sua vocação para a pintura. O que mais a fascinava eram as histórias e os livros.

### **Você é uma artista**

Maria Helena tinha doze anos e estudava no Colégio Sacré-Coeur de Marie, de Belo Horizonte. Foi numa aula em que ela se distraía fazendo um desenho que a professora, uma freira muito sisuda, notou que a menina não prestava muita atenção nas explicações. Tomou o papel com o qual Maria Helena se distraía, mas ao ver o desenho, sorriu e falou:

— *Mas, menina... você é uma artista! Não pode deixar de estudar pintura!*

Maria Helena que esperava uma repreensão da mestra, ficou surpresa e nem soube o que dizer, mas ao sair da sala de aula, foi correndo para casa contar a seus pais a novidade: “A freira disse que eu sou uma artista!”.

### **Os estudos**

Assim, ela ganhou cadernos e lápis e os primeiros pincéis. Ficava o dia inteiro desenhando retratos de seus parentes. Nas festas de suas amigas fazia sucesso desenhando o rosto das pessoas mais sérias de que nada desconfiavam. Os retratos eram perfeitos. Aos 16 anos, começou a estudar com um professor acadêmico, no Rio. Maria Helena passava uma temporada na Cidade Maravilhosa, estudava um pouco e depois voltava para Belo Horizonte. Quando Guignard abriu o seu curso no Parque Municipal, abandonou imediatamente os estudos no Rio. O método de ensino de Guignard diferia por completo da orientação tradicional a que a Maria Helena estava acostumada. Guignard incentivava a criação espontânea e sempre se alegrava quando via algum aluno fazendo coisa nova. Maria Helena frequentou a escola três anos. Em 1947, quando se casou com o Dr. Luiz Andrés Ribeiro de Oliveira passou a trabalhar somente em casa.

### **Prêmios e viagens**

O primeiro prêmio, Maria Helena o obteve no Salão de Belo Horizonte com um retrato de sua filha. Depois vieram outros mais importantes no Salão do Rio e exposições nas Bienais de São Paulo. Nesta época, teve a oportunidade de realizar o antigo sonho

---

<sup>10</sup> SAMPAIO, Márcio. A “vivência e arte” de Maria Helena. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 15 mar. 1965. (Caderno Mulher: Coluna Mulher e Cultura).

de criança: viajar: Teve um convite para passar 4 meses nos Estados Unidos. Visitou as principais cidades daquele país vendo o que havia de melhor em arte. Ao mesmo tempo, expôs seus quadros em Washington, Nova York, Santa Fé e Seattle. Depois atravessou os Andes e chegou ao Chile visitando Santiago e Valparaíso.

### **O Magistério**

A escola fundada por Guignard sempre passou por muitas dificuldades, principalmente financeiras. Foi justamente para ajudá-la que Maria Helena aceitou o convite para lecionar ali. A orientação que dá aos seus alunos segue a mesma do mestre, isto é, sem interferir no trabalho dos alunos, dá-lhes antes de tudo estímulo para criar. Alguns de seus alunos já têm um nome feito na história da pintura mineira. Outros ainda buscam um lugar ao sol e Maria Helena tem sempre incentivado a todos. Ela observa que a nova geração, procura fazer arte com seriedade, pesquisando sempre e não se detendo nem nos fracassos e nem nos sucessos. Eles encaram a arte com dedicação, amor e entusiasmo.

### ***Vivência e arte: um livro de mestre***

Em 1958 Maria Helena começou a fazer alguns estudos e anotações para conferências que foram proferidas na Escola de Arquitetura. Daí surgiu a ideia de transformar aquelas anotações, estruturando-as em um pequeno volume de ensaios. Contando com o incentivo de sua cunhada, D. Lourdes de Oliveira Rezende, Maria Helena foi, aos poucos, organizando a matéria que, sete anos depois, se transformaria em livro. Mas era preciso fazer passar o livro por uma crítica severa de quem muito bem conhecesse os problemas da arte. Maria Helena teve a ideia de mandar os originais para Alceu Amoroso Lima. Apesar de, na ocasião, não conhecê-lo pessoalmente, a pintora acompanhava sempre os seus artigos e suas opiniões sobre estética e arte. O grande ensaísta, lendo o livro de Maria Helena, achou-o muito bom e se ofereceu para prefaciá-lo.

Assim, Maria Helena, resolveu publicá-lo. Foi fácil conseguir uma editora: a Agir, do Rio, vendo os originais e o excelente prefácio de Tristão de Ataíde, tomou a seu cargo a edição.

### **O que é o livro**

O livro de Maria Helena Andrés é dividido em três partes. Na primeira parte, a autora faz um estudo sobre o problema da criação artística e uma introdução à estética com reflexões sobre a “arte como ideia criadora”, “emoção e técnica”, “forma e conteúdo”, “experiência artística”, “beleza, definições e preconceito”, “função da arte na sociedade” etc.

A segunda parte trata de pinturas em geral e da pintura moderna em particular com um ligeiro apanhado sobre as diversas correntes artísticas desde o impressionismo até a atualidade.

A terceira parte aborda o problema da arte sacra, seu desenvolvimento, sua decadência e a grande tentativa de renovação que se tem feito ultimamente, incentivada pelo Concílio Ecumênico.

Sobre a arte moderna atual, diz Maria Helena em seu livro:

Procura-se uma forma viva e orgânica que não obedeça às regras preestabelecidas. [...]. Há como que um clamor uníssono, brotado de todos os cantos da terra, em favor da emancipação total dos meios de expressão do artista. Criar, antes de tudo, jogando com os recursos mais simples e mais próximos, usando sugestões às vezes chocantes para o público pela falta lógica dos elementos usados, dá uma dimensão diferente e paradoxal à arte que se começa a fazer no mundo, atualmente.

Maria Helena está acabando de selecionar o material fotográfico e os clichés sobre as várias modalidades de pintura, para que a Agir possa iniciar a impressão dos livros.

### **Por que o livro**

Depois de muita excitação, Maria Helena decidiu dar ao livro o título *Vivência e Arte*, pois é o que mais define o seu conteúdo. As ideias expostas não são teóricas, mas vividas, fruto de experiência pessoal.

Não pretendo tornar-me escritora, nem substituir a pintura pela literatura, mas acho que às vezes o artista precisa refletir e escrever sobre a arte, dando um testemunho sincero do que realmente sente e pensa. Espero que o meu livro possa ajudar. Não pretendo mais do que isto.



## NOVA FASE M. H. ANDRÉS: COLAGEM

Jayme Maurício<sup>11</sup>

*Vivência e Arte* é o título do livro que a pintora mineira Maria Helena Andrés escreveu e que está prestes a sair numa edição da Livraria Agir. São três ensaios sobre problemas de estética, pintura moderna e Arte Sacra, em que procura esclarecer alguns equívocos. É prefaciado por Alceu Amoroso Lima.

Depois de várias individuais no Brasil, nos Estados Unidos e no Chile, Maria Helena é atualmente vice-diretora e professora da Escola de Belas Artes de Belo Horizonte (onde também estudou), e a par de toda essa atividade, continua a trabalhar ininterruptamente nos seus quadros, sendo que os mais recentes deles se caracterizam pela presença da colagem como elemento funcional no conjunto da composição. Esta fase é uma decorrência (no dizer da própria pintora) de tudo o que tem produzido nos últimos anos. Ao dinamismo bastante espontâneo e lírico dos desenhos e pinturas anteriores, quase todos com reminiscências de barcos e velas, sucede agora por necessidade de complementação, a fase em que o espontâneo é controlado pelos elementos da colagem. Os recortes figurativos de rodas, estruturas, máquinas, engrenagens, são entrosados à composição inicial, estruturando-a de um modo mais firme e violento. Não houve um salto de uma fase para outra, mas a continuação de pesquisas anteriores em que acrescentou a colagem. Os trabalhos atuais lembram o movimento da vida moderna, o dinamismo do mundo em que vivemos e do homem profundamente ligado à máquina.

Com a colagem de elementos figurativos — diz Maria Helena — veio também uma aproximação maior à figura, um passo para o figurativo talvez. Não poderei, no entanto, prever qual seja a próxima fase. Elas sempre obedecem a uma necessidade interior e surgem espontâneas, uma completando a outra.



*Radioactive Ship*, acrílica e colagem s/tela, 1965.  
Acervo Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte

---

<sup>11</sup> MAURÍCIO, Jayme. Nova fase M. H. Andrés: colagem. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 maio 1965. (Coluna Artes Plásticas).

Maria Helena informa-nos sobre o movimento artístico nas Alterosas:

O grupo jovem mineiro mais atuante veio da orientação de ex-alunos de Guignard, não só na Escola do Parque como em cursos particulares. Alguns nomes que se projetam, alguns premiados no último Salão Mineiro: Jarbas Juarez, Maria Beatriz A. Magalhães, Paulo Laender, Vicente Sgreccia, Lotus Lobo, Antônio Eugênio de Salles Coelho, Klara Kaiser, Frei David, entre outros. É um grupo jovem, dedicado ao trabalho, bastante inovador. Também minha filha Marília Andrés, de 16 anos, começa a aparecer como artista, tendo feito a apresentação para o filme de curta metragem *O Parque*. O movimento artístico em Minas é bem grande, aumenta sempre o número de exposições, as galerias estão sempre cheias, os cursos de arte bastante frequentados. Ex-alunos de Guignard, pertencentes à primeira turma, foram convidados a expor em Washington, no Brazilian Institute. Organizou-se, através do Museu de Arte de Belo Horizonte, uma exposição coletiva de mineiros, levada a Israel, e outra seguirá em breve para Buenos Aires e, neste mês, ainda, uma outra será inaugurada em Porto Alegre.

## PINTURAS E IDEIAS DE MARIA HELENA ANDRÉS

Clarival do Prado Valladares<sup>12</sup>

Não se exige de um artista plástico o talento de redigir com clareza o que ocorre em seu mundo interior de vivência estética.

Às vezes, entretanto, acontece esta maravilhosa casualidade, este dualismo, do pintor ser também escritor.

Então eles nos legam textos que se tornam preciosos porque iluminam direções e espaços, motivos e razões, anseios e reflexões que não são os nossos.

Maria Helena Andrés publicará, dentro de alguns meses, um livro de ensaio e meditações a que denominou, com propriedade, de *Vivência e Arte*, cuja matéria ensejou a Alceu Amoroso Lima um prefácio em que admite a tese e lhe aplaude o modo claro e simples de comunicar-se.

Em março do corrente ano vi, em Belo Horizonte, a série de pintura colagem que ela desenvolvia incorporando uma unidade realística (recorte fotográfico) a uma construção pictórica (composição abstrata) procurando unir forma e ideia.

Mais recentemente Maria Helena Andrés reassumiu a figura humana, dramaticamente, mas não por intuito narrativo.

A figura volta a ser usada não mais como ilusão, e sim como centro de ideia.

Esta exposição que a Galeria Goeldi organizou para o público da Guanabara pretende mostrar o trabalho de uma artista que ao mesmo tempo analisa e escreve sobre a expressividade de sua data. Não se trata de ilustrações das ideias, embora ambas estejam implicadas no mesmo propósito estético.

Tomei a iniciativa de selecionar fragmentos de texto do livro de Maria Helena Andrés, *Vivência e Arte*, a fim de oferecer ao visitante desta exposição uma participação mais direta com o pensamento da autora.

É próprio da curiosidade do público indagar o que a arte quer dizer.

E é muito difícil ao crítico e ao artista traduzi-la a contento.

No caso de Maria Helena Andrés, as frases soltas de seu livro permitem a visão do pensamento da artista que se reflete tanto na imagem escrita de suas meditações como na imagem pictórica de seus quadros.

Que se veja, pois, no texto selecionado da autora o roteiro natural de sua exposição de pintura.

(Trechos de *Vivência e Arte*. Maria Helena Andrés, Editora Agir. No prelo)

Existe um mundo adormecido em cada alma, onde se encontram as noções de beleza, verdade e bondade.

A arte, brotando do universo interior, procura em linguagem específica a comunicação com os homens.

A ideia criadora é uma iluminação intuitiva e repentina.

---

<sup>12</sup> VALLADARES, Clarival do Prado. *Maria Helena Andrés*. 1965. Galeria Goeldi, Rio de Janeiro, 9 a 18 set. 1965.

Durante o curso do trabalho ou do simples esboço, a ideia ainda virgem reveste-se de cores e formas, de linhas e massas, para formar um objeto novo, autônomo, independente e livre do modelo tomado como sugestão.

Ao escolher uma cor ou preferir uma linha, o artista revela parte de sua vida.

A mão que traça uma linha e mistura uma cor não estará praticando um gesto vazio de sentido, mas realizando o que sua experiência exigiu de um modo particular e sincero.

A obsessão, esta vontade tirânica de se expressar em detrimento de todas as outras formas de vida, constitui a condição necessária para que o artista siga um caminho verdadeiro e sincero.

Uma forma nasce da contemplação de outra forma...

E é justamente realizando as coisas inúteis aos olhos do mundo que o homem se eleva e se aproxima de Deus...

... a verdadeira arte não envelhece, mas permanece ao lado de nossa vida efêmera.

A forma é a expressão exterior de uma verdade interior.

Poucas coisas permanecem tão vivas quanto a arte, para identificar cada geração.

As fases de um artista são espontâneas... Sua duração é a própria duração de um clima interior.

A colagem, quando usada com habilidade e gosto, proporciona um equilíbrio de formas bastante intelectual e sugestivo à composição inicial do artista.

No meio da tensão em que vivemos, surgiu uma arte agressiva, pouco agradável à vista, traduzindo um expressionismo brutal nascido do impacto de uma revolta.

O esforço humano nunca é um gesto isolado...

A arte é a síntese, a interpretação das experiências do artista, de suas descobertas e derrotas, com as descobertas e derrotas de uma civilização.

## PREFÁCIO DE VIVÊNCIA E ARTE

Alceu Amoroso Lima<sup>13</sup>

Este pequeno e modesto volume é um admirável solucionador de equívocos. Não conheço, em nossa língua, melhor introdução à arte moderna, com a dupla autoridade de quem meditou profundamente e sem preconceitos sobre o próprio fenômeno estético, e pratica uma arte, a pintura, com uma vocação e uma originalidade absolutamente incontestáveis.

O mal-entendido entre a arte moderna e o grande público é muito anterior à ruptura que, em 1914, a Primeira Grande Guerra criou entre o século XX e o Século XIX. Já sem remontar à “batalha de Hernani”, na literatura ou às telas de Delacroix, na pintura, com o advento do Romantismo, foi com o Simbolismo em literatura e com o Impressionismo em pintura ou música que começou o mal-entendido. Tudo se agravou, porém, de modo precipitado depois que as várias correntes do pré-modernismo ou do próprio modernismo, especialmente a partir de 1904, se anteciparam ao dinamismo revolucionário do novo século. A arte precedeu e como que anunciou os acontecimentos, confirmando o paradoxo de Oscar Wilde, de que a natureza imita a arte. Os novos artistas e os novos críticos começaram a compreender que a interpretação que os renascentistas, e acima de tudo os “acadêmicos”, que dominaram o século XIX, haviam dado à estética de Aristóteles, era errada. Quando o Estagirita definiu a arte como “imitação da natureza” não queria dizer que a arte era uma cópia das formas naturais, e sim que imita o modo de criar da natureza. Ora, a natureza não copia modelo nenhum. Quando muito poderíamos dizer que a estética de Platão imporia à arte a imitação de formas ideais. E nesse sentido o renascentismo e seu reflexo sem talento, o academicismo, são muito mais platônicos que aristotélicos. Mas o realismo aristotélico ou escolástico é o fundamento filosófico da liberdade estética. E Maritain o demonstrou cabalmente.

Essa liberdade é que está na base da arte moderna e é o grande motivo do famoso equívoco entre o público e os artistas. Ou entre artistas “acadêmicos” e artistas “modernos”. Bem sei que no fundo o equívoco ou o mal-entendido está entre artistas com talento criador ou sem talento. E entre o público que considera a arte simples passatempo e o que toma a sério o fenômeno artístico.

A autora dessa pequena e lucidíssima introdução à arte em geral, à arte moderna em particular e à arte religiosa, compreendeu admiravelmente o problema e o coloca em termos tão simples, tão honestos, tão acessíveis e sensatos, que custa a crer que haja quem resista às suas razões.

É precisamente essa ausência total do complexo de superioridade ou de inferioridade que dá tanto calor a esta introdução à estética. Não tem nenhum complexo de superioridade, como acontece muitas vezes com os livros dos modernos críticos de arte, tratando o público de cima de suas tamancas, como sendo um rebanho de ignorantes e de retardatários. O complexo de inferioridade, que considero pior que o outro, se coloca por sua vez na posição do falso publicano, que no fundo se gaba de sua humildade, dizendo que não entende os modernos, mas deve ser porque não está à altura etc.

---

<sup>13</sup> LIMA, Alceu Amoroso. Prefácio. In: ANDRÉS, Maria Helena. *Vivência e Arte*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1966.

A autora destas considerações não assume nem uma nem outra atitude. Apresenta-se com a simplicidade de quem sofreu muito para chegar às conclusões a que chegou, e por isso mesmo as exhibe sem nenhuma pretensão de querer converter ninguém. Quem quiser que se converta a si mesmo ou se convença do bem fundado delas e depois passe a aplicá-las, na prática, não confundindo preferências pessoais com uma compreensão objetiva das formas infinitas com que os artistas que por natureza palmilham os caminhos dos possíveis e não dos já trilhados ou impostos pela arrogância dos dogmatizadores de regras disciplinares — exprimem a sua capacidade de criação.

A autora não pretende ser pedagoga e muito menos palmatória do mundo. Como provavelmente passou pelos mesmos tranSES de ser chocada pela arbitrariedade e multiplicidade das formas estéticas e pelas deformações das formas naturais e pela ausência de critérios de perfeição ideal, sabe perfeitamente que ninguém se converte senão por si mesmo. Se isto é verdade até em religião, onde a graça indispensável não tem nome nem forma nem palavra que a exprima, quanto mais em arte, quando a vocação é que desempenha o papel da Graça e o trabalho, o *métier*, a técnica, o da Natureza.

A autora, além disso, não se limita a doutrinar sobre arte ou a repetir o que aprendeu nos livros dos filósofos da matéria. É ela própria uma artista, uma grande pintora. Uma criadora de formas novas, com um extraordinário talento a uma originalidade não procurada mas espontânea. E tudo isso à custa de muito trabalho, de muito “sangue, suor e lágrimas”, dessas que os verdadeiros artistas, da palavra, do som, da matéria, do movimento, do que quer que seja, escondem ou por vezes não escondem na obra feita ou no silêncio dos seus *ateliers*.



Capa do livro *Vivência e Arte*, Ed. Agir, Rio de Janeiro, 1966

Sente-se, nas entrelinhas deste pequeno breviário de estética, especialmente pictural — com uma síntese histórica da evolução da pintura moderna, muito instrutiva — o enorme trabalho interior de raízes, para se chegar a esta pequena árvore tão fresca, tão simples, tão copada, que dá uma sombra tão repousante e luminosa ao leitor de boa vontade.

Nem por isto deixa de condenar o mau gosto, como sendo o grande inimigo da verdadeira arte. Justamente por ter a arte moderna reivindicado, para o artista, os direitos da liberdade, é que o problema da honestidade ou da desonestidade em arte,

do bom e do mau gosto, tanto dos artistas como do público em geral, é hoje muito mais importante do que quando a arte obedecia a certos modelos e disciplinas compendiadas e ensinadas. “A fotografia libertou a pintura”, disse Jean Cocteau numa frase célebre. Mas também soltou os cabotinos. Contra os quais então o mau gosto reage em nome da sinceridade... Em matéria de arte religiosa então é que o mal-entendido se tornou mais grave. E a autora sai da sua mansidão habitual para escrever coisas incisivas e indispensáveis como esta: “A igreja passou a ser a depositária deste mau gosto público. E a ornar os seus altares com o que de pior pode haver em matéria de arte. Não se pode mesmo dar o nome de arte a esses santos de bazar, porque neles não se vê a menor preocupação de estilo. Nem ao menos de acadêmica poderia ser chamada esta pseudoarte das igrejas”. Perfeito.

Não quero, porém, nem poderia de modo algum, substituir-me à autora, como sua tríplice autoridade — de pintora, de conhecedora teórica do fenômeno estético e de escritora, tão simples, tão natural, tão sem pretensão. E *last...* tão profundamente espiritual.

Não será esse último aspecto o mais íntimo segredo destas páginas, que recomendo vivamente aos que querem compreender? Porque aos que não querem, nem Deus convence...

## MARIA HELENA ANDRÉS

Jacques do Prado Brandão<sup>14</sup>

Os trabalhos de desenho e pintura de Maria Helena Andrés, nos últimos anos, podem ser divididos, de um modo bem marcado, em algumas poucas fases distintas. Muito embora as fases se interpenetrem, seja na retomada de formas e temas, seja pelo uso do mesmo material, seja, enfim, pela passagem de uma fase a outra por estágios intermediários, elas se integram, dando-nos uma visão global da arte da pintora mineira.

Entre esta série de obras, de origem e significado distinto, destacam-se, como na presente exposição, a fase dos barcos, que maior sucesso tem alcançado entre o público e a crítica; a fase da guerra, que maiores controvérsias tem levantado; e, por fim, as suas últimas experiências, já no terreno da arte religiosa, com o aproveitamento livre de motivos e temas barrocos.

Vindo de um longo trato com obras, que se colocavam dentro do movimento concreto, a artista jamais se definiu como um concretista, e, principalmente, como um puro construtor de espaços geométricos. Maria Helena Andrés retomou, há alguns anos, o caminho da abstração. Aqui é onde melhor se encontra, onde melhor pode se exprimir dentro do pleno domínio técnico de um artista já realizado. Abandonando os princípios rígidos do concretismo, desde a década de cinquenta, tem nos dado, ultimamente, suas obras mais importantes.

Na fase dos barcos, os trabalhos se destacam desde logo pelo emprego do material e pela composição com formas diáfanas, superpostas em transparências, onde a cor, quando surgia, era em tons pastel, diluídos no contexto e de limites definidos. No começo, usava a artista o papel veludo colorido, contribuindo com sua matéria delicada para uma suavização maior dos contornos esbatidos já em sua concepção. Passando a usar o papel liso e branco, no qual o isolamento das formas, seu maior contraste e o aprofundamento na superfície neutra eram elementos de oposição ao sentido geral do desenho, mantinha a desenhista os mesmos efeitos de transparência e de consistência etérea das figuras e das linhas.

A fase, em conjunto, definia-se não só por uma fuga ao presente e um convite ao sonho, mas já como uma crítica a certos aspectos brutais da atualidade. O uso de longas formas triangulares, esvoaçantes, sem peso, onde o espectador projetava sua visão de velas, mastros, barcos, naus e bergantins, num espaço indefinido e homogêneo, funcionava como uma projeção do passado, um passado tranquilo de viagens e de paz. A fase, no entanto, iria terminar pela intrusão na visão lírica de outros elementos, formas estranhas, sugerindo correntes e minas, âncoras lançadas, manchas de cor em tons violentos, que estavam a indicar a consciência da artista quanto ao seu significado, e, por outro lado, o seu nenhum engano quanto à possibilidade de fuga e sonho.

Passando, transitoriamente, por uma série de experiências com colagens, Maria Helena Andrés entrava no mais violento de seus períodos, com uma sucessão de trabalhos ligados ao tema da guerra e da destruição. Aqui os barcos destruídos davam lugar a uma série de manchas sugerindo máquinas ameaçadoras de corpos esfacelados e indistintos, de formas agudas e eriçadas em dentes. Se como tratamento a fase se liga à anterior, pelo mesmo emprego de transparências e manchas pouco definidas,

---

<sup>14</sup> BRANDÃO, Jacques do Prado. *Maria Helena Andrés*. 1966. Grande Hotel de Ipatinga, USIMINAS, Ipatinga-MG, maio 1966.



superpostas em longos esbatimentos sobre a superfície branca, a ela se contrapõe pelos temas e pela violência de certos toques, contrastados pelo uso de linhas fortes, numa delimitação mais precisa do espaço. A atualidade compreendida e transposta pela artista continuava em seus efeitos dialéticos, em que uma etapa retomava a outra, absorvia-a sem superá-la.



*Madona Barroca*, acrílica s/tela, 1966. Coleção Maurício e Aparecida Andrés

Nos mais recentes trabalhos de Maria Helena Andrés, sua experiência com temas e motivos barrocos não é uma síntese das fases anteriores, mas uma tentativa de transcendê-las pela retomada de uma tradição. Não se trata aqui de recriar formas barrocas, mas um aproveitamento livre de motivos, como que uma verificação de quanto ainda permanece de barroco, na visão do artista, dentro do mundo atual. E o barroco, para um artista brasileiro e mais do que tudo mineiro, está ligado a uma tradição perdida num mundo fechado de evocação religiosa. Suas madonas se apresentam, dessa forma, contrapontualmente, ora como harmonias em azuis e branco, ora como polifonias em vermelho, demonstrando toda a ambivalência presente na própria concepção.

Vistos em conjunto, pela primeira vez, os trabalhos dessa exposição, é fácil observar a passagem de uma fase a outra como os barcos se transformaram em máquinas de guerra e como de ambos surgiram as figuras majestosas e evanescentes das madonas. Como o uso de um material específico vai determinar os empregos de certa forma em outra fase, ou como o emprego de uma forma ou técnica de colorido será modificada na fase seguinte. O principal, contudo, é colocar frente ao espectador uma qualidade pouco mencionada em obras visuais e desleixada pela crítica atual: a poesia de Maria Helena Andrés. Mas isso é um capítulo à parte.

## MARIA HELENA EXPÕE HOJE EM IPATINGA

Mari'Stella Tristão<sup>15</sup>

Maria Helena Andrés abre hoje em Ipatinga, nos salões da USIMINAS, uma exposição de desenhos e pinturas. A mostra da consagrada artista marca o início de uma série de promoções artístico-culturais, que aquela empresa se propõe a realizar. Muita coisa nova vem acontecendo recentemente e leva-nos a afirmar que os interesses gerais voltam-se agora mais acentuadamente para as artes, o que é sobremodo animador. Não vai longe o tempo em que um acontecimento artístico constituía um fato extraordinário. Hoje é preciso haver tela, tinta e artista para atender a todas as solicitações. E isto é bom, pois quanto mais crescer o movimento, maior será o número de interessados na prática de artes e, dentre esses, surgem os que realmente impõem por qualidade e talento criador. Das primeiras fases dos acontecimentos artísticos mineiros, surgiu Maria Helena Andrés como um desses talentos, possuidora das condições capazes de conduzi-la à qualificação e à consequente posição que ela hoje desfruta no cenário artístico nacional e internacional.

Do início — não direi ao fim — mas aos dias atuais, a artista expositora da USIMINAS conseguiu manter-se fiel à sua arte, estabelecendo uma interligação entre as suas diferentes fases, sem que jamais se perdesse no emaranhado de buscas inúteis, ou realizações que não fossem válidas. Todas as suas séries foram sérias. Iniciada na figuração de maneira positiva conquista a seguir a geometrização e, penetrando no espaço abstrato, nele se firma por longo tempo. Mas, não se limita, neste estilo, às repetições comuns, e não se prende a um só tema. Sim, porque a abstração nasce dos temas figurados.

Maria Helena atinge assim mais alto nível de sua arte, abstraindo barcos em composições líricas, depois a guerra, através de instrumentos e expressões violentas, que provocam o impacto do tema, a dramaticidade dos fatos, mas conserva na técnica a sensibilidade das linhas e o equilíbrio das formas. Finalmente o conjunto da obra de Maria Helena, que agora retoma a figura em evocação religiosa pintando imagens de Santos, ou madonas de inspiração e recriação barroca, afirma os efeitos concretos das suas qualidades gráficas pictóricas, desde o início manifestados.

---

<sup>15</sup> TRISTÃO, Mari'Stella. Maria Helena expõe hoje em Ipatinga. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 maio 1966.

## MARIA HELENA ANDRÉS

José Guimarães Alves<sup>16</sup>

Esta exposição de Maria Helena Andrés (Grupiara, agosto 1966) deve ser encarada como uma face de sua arte, e não, como uma fase. Os trabalhos apresentados deixam transparecer a mesma identidade de impulso criador que originou a temática dos barcos veleiros, da guerra e das máquinas. Tratamento e tema variam, mas a dinâmica do traço (e, por extensão, a dos tons e das cores) alimenta-se da mesma seiva de inconformismo às fórmulas mágicas, de incessante pesquisa no terreno da abstração ordenadora.

Seria fácil dizer-se que Maria Helena Andrés encontra-se na fase das madonas. Há, mesmo, uma tentação nesse sentido, que seria o de ruptura. Acontece, porém, que os trabalhos imediatamente anteriores da artista — veleiros, guerra, máquinas — ligam-se aos atuais pelo mesmo processo de ordenação e simplificação do campo do visível e do intuitível. Variam, sim, o tratamento, os materiais e os temas. Prossegue, entretanto, o sentido da linha na procura de uma expressão cada vez mais enriquecida.

Nesta face, ganha relevo o fato de que existe em cada quadro um núcleo figurativo audaz. Em torno dele, as linhas se desenvolvem no sentido de compor uma atmosfera própria, um clima barroco. E não apenas as linhas, mas também os tons, as cores (e a luz) funcionam nessa direção, formando tudo uma unidade cerrada causadora de uma só e forte impressão formal.

Cada quadro desta exposição, por força até das raízes comuns àquilo que seria a fase mais longa, cumpre com maestria uma função orgânica no sentido estético. Elementos claramente distintos uns dos outros, todos necessários, se conjugam para uma conclusão de referências e de nexos de grande valor plástico.

É de se ressaltar ainda nesta face de Maria Helena Andrés um de seus detalhes técnicos transbordante de espírito barroco. É o da repetição dos elementos gráficos, também chamado “recorrência”. O alinhamento repetitivo, a partir do centro nucleado, conduz a um resultado muito eficaz, dando significação ao que, de outro modo, não a teria. Os artistas mineiros do século XVII sentiram, ou intuíram, as possibilidades da conjugação dos elementos soltos, isolados, para o resultado de uma impressão global. Maria Helena Andrés retoma a experiência em plano atualizado, recriando-a em sua essencialidade. Funde, assim, sentido de tempo a algo que permaneceria restrito a sentido de espaço. E alcança a unidade não procurada na variedade que soube alcançar pelo talento e pelo exercício.

---

<sup>16</sup> ALVES, José Guimarães. *Maria Helena Andrés*. 1966. Galeria Grupiara, Belo Horizonte, 25 ago. a 09 set. de 1966.

## MARIA HELENA ANDRÉS: ARTE VIVIDA DIA A DIA

Márcio Sampaio<sup>17</sup>

Ela descobriu a arte nos recantos poéticos do mundo criado por Guignard, com quem aprendeu pintura e desenho e, como o Mestre, aprendeu a fazer da arte um ato de fé nos homens e no mundo.

Já contando com uma longa experiência como pintora e desenhista e também como professora, Maria Helena Andrés é um dos artistas mineiros mais respeitados e conhecidos, pois a sua arte, que tem aprovação unânime da crítica e do público, já foi mostrada em museus e galerias do Brasil e também do exterior, integrando importantes coleções nacionais e estrangeiras.

Sua experiência de artista e professora está documentada no livro *Vivência e Arte*, editado há dois anos pela Agir Editora e que é hoje adotado em várias escolas.

Maria Helena está numa das salas da Escolinha Guignard e, entre vozes de jovens artistas discutindo seus grandes problemas e o canto manso do riacho que corre pelo Parque, ela me fala de suas experiências como artista e professora. Pergunto-lhe sobre Guignard, com quem estudou:

Em Guignard, vejo não somente o artista de grande sensibilidade que eternizou a paisagem mineira, como também o mestre inconfundível, pioneiro de nossa Arte Moderna. Guignard sempre incentivou e despertou a criatividade do aluno, a individualidade que se revela nos diversos tipos humanos. Como Hegel, baseou-se no princípio de que “a menor invenção ultrapassa todas as obras-primas da imitação”. Sua crítica, portanto, não se fundamentava em preconceitos ou regras preestabelecidas. Sabia reconhecer que, para alunos diferentes, as exigências também deveriam ser diferentes, nunca padronizadas.

E você como mestre, segue o mesmo método de Guignard?

Um mestre autêntico não é aquele que julga segundo suas inclinações e preferências, mas aquele que desinteressadamente compreende o aluno e o conduz. Ele não traz valores fixos a decretar, mas desperta novos valores, ao contato de sua presença, de seu estímulo. Atualmente, o ensino de Arte distribui-se em diversas cátedras com horários marcados e reduzido contato com os alunos, mas o exemplo de Guignard pode e deve ser imitado.

Como professora, gosto de ver o aluno despertar suas próprias ideias, descobrir maneiras novas de expressão. Para o mestre, essa é sempre uma das mais vivas experiências: a descoberta de um caminho novo. Sente-se de perto, através da experiência dos jovens, que a vida não recua ao passado, nem se detém no presente, mas projeta-se para o futuro, buscando cada dia a renovação e o progresso. No sucesso e também no fracasso dos jovens, toda uma luta se processa e é dessa luta que brota a evolução.

---

<sup>17</sup> SAMPAIO, Márcio. Maria Helena Andrés. Arte Vivida Dia a Dia. *Revista Minas Gerais*, ano 1, n. 1, p. 28-32, Belo Horizonte, mar.-abr. 1969.

### **Arte: vocação irresistível**

Maria Helena atende seus alunos, procurando ajudá-los na solução dos problemas, sem, contudo, forçar caminhos. Abre um livro de Cuevas, discorre sobre deformação da figura e estilização. O aluno compreende seu próprio problema, desperta para novas invenções. Maria Helena volta a falar-me, enquanto acompanha de longe uma aluna que risca no papel uma grande quantidade de linhas sinuosas, num correr livre sobre o espaço branco. Maria Helena recorda seus primeiros passos na Arte. Diz ter sido uma espécie de menina prodígio. Aos doze anos fazia retratos de parentes. A família, maravilhada, resolveu mandá-la para o Rio, a fim de aprender pintura com um professor acadêmico.

Fiquei algum tempo a copiar paisagens e naturezas-mortas, o que, em verdade, me decepcionou um tanto, pois eu desejava, sentia necessidade de criar algo novo, tirar algo de mim própria, acrescentar alguma coisa ao mundo. Desisti de ser “um grande artista” da escola tradicional, e voltei para Belo Horizonte. Quando Guignard veio para fundar a Escolinha, busquei o seu contato e foi então que realmente descobri a Arte.

Com um sorriso, Maria Helena relembra os tempos heroicos da Escolinha, os colegas, quase todos hoje realizados. Muitos vinham de uma formação acadêmica e mostravam certa dificuldade em deixar extravasar livre a sua imaginação, como mandava o Mestre. Outros, iniciantes, já demonstravam nos primeiros trabalhos sua completa liberdade de criação, incentivada por Guignard — o mestre perfeito.

Aos poucos, porém, fui entendendo a razão da liberdade na arte, fui deixando os esquemas tradicionais e ingressando num novo mundo, que vislumbrara nas telas encantadoras de Guignard. Mas buscava o meu próprio caminho, e foi assim que comecei a fazer uma espécie de concretismo, sem, contudo, agarrar-me às simples formas geométricas.

Revedo uma grande quantidade de desenhos e pinturas desta fase inicial, compreendo o que quis dizer Maria Helena Andrés. Há nestes trabalhos uma consciente busca de construção. As formas se associam, formando barcos, cidades, gentes. As cores são luminosas e vivas; as formas, corretas; as linhas, firmes. Há uma poesia perene, e as formas harmoniosas chegam a sugerir uma suave música, que se desenvolve ritmadamente pelo espaço do papel ou da tela.

### **Barcos: Uma longa viagem**

Há uma forma que se pode dizer constante na obra de Maria Helena: os barcos. Os barcos, sugeridos muitas vezes por entre formas abstratas e nos quadros dados como informais, podem levar-nos a uma série de interpretações. Maria Helena admite uma necessidade de viagem, de descobrir novos mundos, que ela sempre alimentou. Há uma longa fase de sua pintura em que os barcos, navios se tornaram bastante visíveis. Depois, por volta de 1964, ela passou a figurar máquinas voadoras hoje cristalizadas numa pintura que se pode chamar de “figuração científica”, pois refletem a preocupação da artista pelos últimos acontecimentos da “era espacial”: os cosmonautas chegando à

lua. Toda esta pintura reflete um temperamento sonhador, talvez um tanto romântico, com projeção de estados oníricos. Mas houve uma fase dramática em que a artista, consciente de seu tempo, documenta a guerra com muitas de suas implicações. Esta pintura se torna mais dramática porque, junto a formas abstratas, ela usou de colagens realistas, marcando fortemente esta atmosfera de caos e tragédia em que vivemos.

### Uma arte universal

Maria Helena Andrés faz uma arte universal, sem se prender a regionalismos. Ela acha, hoje em dia, inútil o regionalismo.

Nestes tempos de fácil comunicação, não há lugar para uma arte fechada em seu pequeno âmbito geográfico. A arte deve falar a todo mundo, deve vencer as limitações da língua, tornar-se uma linguagem universal. Mesmo os grandes temas “nacionais” podem ser projetados pelo artista plástico de maneira que o mundo inteiro compreenda. Como artista, uma das minhas experiências mais vivas foi o encontro com a arte universal, a possibilidade de ver de perto, sentir e compreender Van Gogh, Rouault, Picasso, Klee, Kandinsky.

Impressionaram-me vivamente a *Guernica* de Picasso, no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, e um mural de Orozco no México, testemunhos vivos de uma época de guerras e violências.

As obras de arte espalhadas pelo mundo nos falam da grandeza de um povo, uma raça, uma civilização. Sentimos o poder de comunicação das artes visuais em mensagem direta, ultrapassando a barreira da língua. A arte aproxima os povos, confraterniza-os. A visão dessa arte universal abriu novos caminhos para a minha arte.



Guerra, nanquim s/papel, 1969. Coleção da artista

Realmente, Maria Helena Andrés fez-se entender por diferentes povos, através de sua arte. Expôs com sucesso em vários países, na América do Sul, nos Estados Unidos, na Europa. Participou várias vezes da Bienal de São Paulo, e é grande o número de

prêmios que levantou nos diversos salões nacionais. As exposições individuais realizadas em Belo Horizonte, Rio, São Paulo e outras cidades brasileiras atestam, pelo sucesso obtido, a eficiência e a qualidade de sua arte.

### **O magistério: novas perspectivas**

Em 1966, Maria Helena Andrés lançou pela Agir Editora o seu livro de ensaios e meditações: *Vivência e Arte*, que despertou o interesse de críticos, professores e estudantes de Arte. Neste livro, partindo de suas próprias experiências como artista e professora, Maria Helena procura indicar caminhos para a compreensão do fenômeno da Arte e do fazer artístico. Nas suas meditações reflete-se a profunda vocação para a Arte e também para o magistério, que para ela é uma atividade vital. Na escola, em casa, e agora como conferencista, ela está dando uma valiosa contribuição à nossa cultura. Recentemente, propôs lançar-se a uma empresa que lhe parece maravilhosa, obtendo já um grande sucesso. A convite de escolas e entidades culturais, tem viajado a diversas cidades do interior de Minas para fazer conferências sobre Arte, para as quais leva *slides*, filmes, quadros etc., pondo o público em contato mais estreito com a Arte Moderna.

Essa série de conferências pelo interior — afirma Maria Helena Andrés — tem sido realmente uma experiência nova. Comunica-se com um público diferente, curioso, que não conhece nem o artista, nem sua obra, mas que os acompanha através dos jornais, através do noticiário e da publicidade, atraindo um grande interesse pela Arte Moderna, de que tanto ouve falar.

### **No lar, ainda (e sempre) a Arte**

O atelier de Maria Helena Andrés ocupa a parte inferior de sua casa. Está cheio de quadros, livros, objetos curiosos que ela ajuntou, no correr do tempo, e que dão um sabor especial ao ambiente. Uns sinos hindus tocam com o vento e parece que a sala, ainda não de todo iluminada, se enche de um mistério que irá revelar-se em breve.

Maria Helena é casada com o Dr. Luiz Andrés, médico e catedrático da Faculdade de Medicina da UFMG. Tem muitos filhos. Para eles, Maria Helena guarda um quadro, o melhor quadro, de cada fase de seu trabalho. E acontece-lhe, muitas vezes, recusar vender um destes seus trabalhos, porque resolveu guardá-lo para o caçula. E quando isso acontece, a maior fortuna oferecida não a faz recuar. E todos compreendem e, até mesmo com um pouco de orgulho, incentivam esta mania. Cada filho possui um acervo considerável, no qual estão documentadas todas as fases da obra de Maria Helena. Ela fala com orgulho de seus filhos:

Nossos filhos nasceram e foram criados em ambiente de arte. Desde pequenos acostumaram-se a desenhar, pintar murais nas paredes, modelar figuras. Hoje, os três mais velhos já se iniciam no caminho das artes visuais. Nossa casa agora é mais movimentada do que nunca, com estúdio de fotografia, cinema e cursinho de arte infantil. Acho que os filhos não só recebem influência do meio em que vivem, como também ajudam os pais. Diante da juventude, com sua sede de progresso, somos obrigados a rever certas estruturas arcaicas e a nos atualizarmos diariamente.

## A PINTURA ESPACIAL DE MARIA HELENA ANDRÉS

Celma Alvim<sup>18</sup>



*Foguete espacial*, acrílica e colagem s/tela, 1968. Coleção Maurício e Aparecida Andrés

Ligando-se a uma temática de postura universal Maria Helena Andrés, desde 1966, esquadrinha os cosmos, intui a rota de foguetes voadores, antecipa Aldrin e Armstrong em absurdos e fantásticos roteiros postos nas telas, com toda força de figuração pressentida e imaginada. Superando equivalências a um estágio da civilização culminante nas conquistas espaciais, sua arte atual caminha no sentido de um movimento impulsor que funde, na luta e na aventura científica, os componentes de um espírito repartido entre a dramaticidade (fase de guerra) e o lirismo (fase dos barcos).

### **Figurativo Imaginário**

A artista, que nunca foi uma abstrata por excelência em que pese a influência do Informal, da *Action Painting*, a partir de 1961, quando fez um curso de especialização nos Estados Unidos, joga com o figurativo imaginário, ligado a uma ideia central que estrutura o quadro e dá-lhe um arcabouço para composição, nunca a fluidez só de espaço e de cores habilmente lançadas<sup>19</sup>. Neste particular, convém que se diga que na própria fase concretista de Maria Helena as formas abstratas geométricas sugeriam “cidades iluminadas” revelando-se um significado, um fio de ligação à coerência e ao nexo.

Em toda a sua obra há uma necessidade de mutação, um sentimento nômade de percorrer terras, espaço e mares numa constante contraposição ao estático. A fantasia, em largos lances, incompatibiliza o cotidiano, a pormenorização do dia a dia, força a superação da realidade, o vislumbre da vida em gradação imaginária e fantástica.

<sup>18</sup> ALVIM, Celma Jorge de Faria. A pintura espacial de Maria Helena Andrés. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 jul. 1969.

<sup>19</sup> Depoimento da artista.



Na sua condição de excelente colorista, Maria Helena emprega preferencialmente cores fortes, consentâneas à sua personalidade, pois a

sua pintura é ela própria, nas suas concepções, na sensibilidade, no apurado sentimento de humildade, na eterna fuga das coisas sem alma e dos fantasmas de toda espécie que povoam o profundo deserto da vida. A afirmação de sua forte personalidade e a impressionante unidade de sua obra artística emergem das cores vivas, mas transparentes, dos traços negros e incisivos, mas metálicos, de seus quadros. É que a realidade, circunscrita ao mundo material, não lhe basta. Ela, nas cores transparentes, quer ver além dos objetos e dos corpos. Nos traços metálicos, pretende iluminar essas realidades com o brilho do espírito e da sensibilidade.<sup>20</sup>

### **Exposição**

No próximo dia 5 de Agosto, na galeria do Copacabana Palace, a artista estará expondo 20 trabalhos desta série intitulada “Espacial”. De certa forma antecipada em Minas — através da Sala Especial a ela dedicada no Salão dos Destaques nas Artes 68 — esta mostra é apresentada em catálogo por Paulo Campos Guimarães, layout de Eduardo de Paula e fotografias de Maurício Andrés.

---

<sup>20</sup> Trecho da apresentação de Paulo Campos Guimarães.

## OS ENGENHOS VOADORES

Walmir Ayala<sup>21</sup>

O grande trauma causado em toda a humanidade, no momento em que assistia ao primeiro homem colocar o pé na Lua, quer me parecer que é menos de euforia do que de susto. Susto e grande dor. Porque, na verdade, para a grande maioria da humanidade, esta conquista pouco significa de útil e imediato. Infelizmente vivemos num mundo em que as minorias gozam dos privilégios, inclusive privilégios naturais como a cultura e o bem-estar. A sensação de ver a Lua, com seus milhares de muros obstaculando o acesso humano, é de se pensar que tudo vai começar de novo. E as grandes plataformas espaciais para a comunicação ampliarão que tipo de comunicação? A que vemos diariamente nas nossas televisões, a do embrutecimento, a lição da guerra, da violência, da competição que confirma no homem o lobo do homem? Pode ser que, por um milagre, todo este meu pressentimento seja desmentido por um grande gesto, por uma descoberta que coloque o homem coletivo na ordem de sua importância de rei da Criação, à altura de sua própria aventura. Mas isto é tão pouco provável, e vivemos um tempo de desacerto.

Neste sentido, o artista é o grande pioneiro, como sempre foi, da conquista universal. Quantas vezes descemos em Vênus com um poema? Quantas atmosferas foram criadas com a matéria pictórica, quantos azuis transpassados. E tudo num ato de amor, num voo, num desejo panorâmico de ver, conhecer e habitar de felicidade.

Um destes artistas é a mineira Maria Helena Andrés, que exporá dia 5 na Galeria do Copacabana Palace, e que marca a primeira exposição de temas interplanetários, individual, depois do grande feito que deixou velha e falida toda a nossa experiência técnica, para reforçar em nós uma revisão da eterna emoção de estarmos vivos, como uma defesa de simples espectador diante de um fato que esmaga. Colhemos com Maria Helena Andrés um simples depoimento, antecipando o comentário que certamente faremos depois de inaugurada sua exposição.

### **Solidão e Poesia**

As atuais formas de arte — diz Maria Helena Andrés — revelam inquietação e, ao mesmo tempo, as grandes transformações que vêm abalando a sociedade de nossos dias. Isto porque o artista contemporâneo vive e sente a realidade de seu tempo e, inconscientemente, vai refleti-la em seu trabalho. Vivemos do contraste entre o drama e o sonho, a guerra e a paz. Mas a solidão e a poesia ainda são necessárias à criação artística. O choque de ideias contraditórias e a arbitrariedade dos conceitos estéticos dia a dia nos sugerem a busca de novos caminhos. Daí a mudança da minha pintura, embora a técnica se mantenha a mesma.

Como temática, os meus quadros atuais abandonam os veleiros e sugerem as conquistas espaciais. São máquinas voadoras conduzindo pequeninos seres humanos, deixando bem marcado o contraste entre o homem e a monumentalidade das máquinas que devassam os espaços em ritmo de conquista e à procura da paz. Desde 1944

---

<sup>21</sup> AYALA, Walmir. Os engenhos voadores. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 ago. 1969. (Coluna Artes Plásticas).

comecei a figurar engenhos voadores, mas foi somente a partir de 1966 que eles despertaram em mim um interesse quase obsessivo. A partir de então, as naves espaciais tomaram conta da minha arte, da pintura ao desenho.

As cores transparentes ou aquelas de brilho metálico e as luzes que aparecem em meus quadros atuais são as principais características desta nova fase que é uma nova síntese ou um desdobramento de duas fases anteriores: os barcos — fase lírica e colorida; e a guerra — fase dramática em preto e branco. Na fase dos barcos, os mastros resolveram aquela necessidade de me apegar a qualquer coisa visível, palpável, alguma estrutura que pudesse armar o arcabouço de minha composição, segurar, portanto, o quadro. Na fase de guerra foram as máquinas de destruição que representaram essas amarras. E agora, no espaço, são as naves interplanetárias.

### **Pintura em Dia**

Todos os trabalhos que vou expor no Rio — prossegue Maria Helena Andrés — foram pintados antes da chegada de Armstrong e Aldrin à Lua, mas revelam esse pressentimento pelo feito dos cosmonautas e de outros que ainda virão. No futuro certamente nossos filhos e netos poderão visitar a Lua, passar o fim de semana em Marte ou Vênus, ou qualquer outro planeta distante, viajando em naves tão grandes como os jatos da atualidade. Uma predição de Júlio Verne e Saint-Exupéry.

### **Otimismo e Fraternidade**

Colocando-me ao lado de outros artistas — termina a pintora — como Danilo di Preti, Emílio Castelar, Darel, Ildeu Moreira, Ione Fonseca, Márcio Sampaio, entre outros, deixei-me também influenciar pelos mistérios do cosmos e pretendo com esta fase nova de minha pintura transmitir mensagem de otimismo e confraternização, esperando que em futuro próximo a humanidade se una sem ódio, sem guerra, sem divergências ideológicas, sociais e raciais, em busca de um mundo novo e, quem sabe muito melhor.

## ANTECIPAÇÃO: MARIA HELENA, O ESPAÇO E A LUA

Jayme Maurício<sup>22</sup>



*TV no espaço*, acrílica e colagem s/tela, 1969. Coleção Laís Barbosa Salles Coelho

“Toda a minha pintura de naves interplanetárias antecedeu a chegada do homem à Lua” — afirma, radiante, a pintora mineira Maria Helena Andrés, montando a sua nova exposição, na galeria do Copacabana Palace, hoje, às 21h.

O assunto está na “crista da onda”, com os exageros de sempre — artistas que anteciparam a ciência, a tecnologia que possibilitou o grande acontecimento que nos colocou na pré-história da arte espacial. Maria Helena, serena e sem cabotinismo, porém muito segura, explica:

Quando, no silêncio do *atelier*, tomamos uma tela branca e começamos a elaborar um novo quadro, não temos conhecimento muito claro do que está detrás das pinceladas que se processa. Criamos porque sentimos necessidade de dizer, de proclamar alguma coisa que nos emociona, seja uma paisagem, uma figura, uma ideia, uma intuição. Lírica ou agressiva, realista ou abstracionista, a forma de arte é a exteriorização daquela ideia que se esboça vagamente.

E como acontece isso com Maria Helena? Ela diz que brota do inconsciente, sem imposições externas. Livre no estilo, no tema e na forma, ela às vezes transmite pressentimentos claros do que está por acontecer no futuro. Há dez anos, a pintura deixava um período de pintura geométrica, esse exercício que a maioria fez no Brasil. Passou a produzir peças que se caracterizavam pelo dinamismo e a transparência, estruturando-as em traços negros que mantinham a composição. Sentia necessidade de passagens atmosféricas e de algo que as sustentasse no espaço. Escolheu, então, os veleiros porque tinham mastros; e as correntes e canhões porque eram elementos

<sup>22</sup> MAURÍCIO, Jayme. Antecipação. Maria Helena, o espaço e a Lua. *Correio da Manhã*, 05 ago. 1969.

agressivos e decisivos para compor a guerra. Agora escolhe as formas metálicas das naves espaciais.

Minha pintura atual não é apenas cósmica, não figura galáxias ou estrelas. Coloco no espaço objetos estranhos, naves tripuladas, aviões supersônicos, foguetes lunares. Desde 1966 pinto comunicações no cosmo, projeções espaciais, o cinema e a TV no espaço, a fuga para os planetas mais próximos, os passeios e as viagens do futuro. Há muito, quando introduzi a colagem em meus quadros, já procurava esse contraste do espaço fluido cortado por um objeto quase sempre brilhante e transparente.

Maria Helena pinta numa fazenda distante de Belo Horizonte, cujas paisagens belíssimas ignora para ver as estrelas, perceber os satélites artificiais cortando a noite — e sonhar com algum disco voador pousado em suas terras.

Ainda não aconteceu, apesar de ser em Minas.

Quando os homens chegaram à Lua, minha exposição já estava encaixotada para seguir para a galeria do Copacabana Palace. E por sorte chegou na hora. Estou eufórica, feliz com o homem na Lua. E espero que esse sentimento reflita, subjetivamente, na minha exposição.

## MARIA HELENA ANDRÉS

Paulo Campos Guimarães<sup>23</sup>

O melhor retrato do artista é a sua obra, porque nela se surpreende uma fisionomia moral. Por isso é que qualquer obra de arte, além de ser o testemunho da capacidade puramente intelectual do artista, é, sobretudo, a projeção de sua personalidade. Daí o acerto de Tolstói, quando define a arte como a emoção relembada. Nela corre o rio da comunicação estética de uma vivência.

Maria Helena Andrés, na sua pintura de fuga à realidade bruta do mundo, procurando a estrela polar da paz, aparece de corpo moral inteiro, mostrando sua extraordinária vocação artística, com a graça divina do chamamento para esse recanto do mundo.

Sua pintura é ela própria, nas suas concepções, na sensibilidade, no apurado sentimento de humanidade, na eterna fuga das coisas sem alma e dos fantasmas de toda espécie que povoam o profundo deserto da vida.

A afirmação de sua forte personalidade e a impressionante unidade de sua obra artística emergem das cores vivas, mas transparentes, dos traços negros e incisivos, mas metálicos, de seus quadros. É que a realidade, circunscrita ao mundo material, não lhe basta. Ela, nas cores transparentes, quer ver além dos objetos e dos corpos. Nos traços metálicos, pretende iluminar essas realidades, com o brilho do espírito e da sensibilidade.

Ainda, como Tolstói, sua luta no campo da pintura é um romance de poesia no clima da guerra e da paz. Os capítulos épicos de seu ideário artístico são as próprias fases do seu trabalho criador. Começou pela figurativa, em que se aproxima de Guignard, distanciando-se da agressividade das coisas, através de retratos e paisagens do Parque. A angústia da artista dentro do mundo criou-lhe a revolta, na fase de deformação da figura humana. A guerra contra o lado mau do homem levou-a ao inevitável do abstracionismo, mas em atmosfera da busca desesperada de paz, na fase geométrica, pela pintura de cidades iluminadas, vistas de longe, e, na fase dos barcos, pelos quadros de viagem para o mar. O oceano, no entanto, não lhe deu a necessária tranquilidade, que a artista só encontra na realização do seu sentimento do mundo. Nasceu, então, a rebelião do anjo da arte, traduzida nos quadros de guerra, definindo sua repulsa à destruição, porque, para ela, a civilização é a vitória da humanidade sobre a animalidade. A pintura de guerra feriu de tal forma a sua delicada sensibilidade que procurou refugiar-se na história, criando o misticismo das madonas barrocas, que parecem santas, com a conquista, pelo menos, da paz no passado. Esgotados os recursos da artista, na aventureira pintura de guerra e paz, partiu para o quixotismo espacial. Não encontrando repouso na terra, habita hoje o mundo interplanetário, levando, em busca da paz, para longe da guerra permanente, os homens e as mulheres, na *Viagem Interplanetária*, o teatro, no *Espaço Azul*, o cinema, na *Projeção Espacial*, o navio, na *Barca Espacial*, e o avião, na *Nave Espacial*.

Sua ansiedade diante do mundo adverso fez com que ela retratasse até a travessia da barreira do som. A luta que empreende na arte confunde-se, portanto, com a própria luta pela poesia do caráter. A artista Maria Helena Andrés tem, assim, o seu

---

<sup>23</sup> GUIMARÃES, Paulo Campos. *Maria Helena Andrés*. 1969. Galeria Copacabana Palace, Rio de Janeiro.

destino de luta na expressão da emoção e da comunicação da beleza, muito parecido com o movimento angustioso da flor que nasce entre pedras.

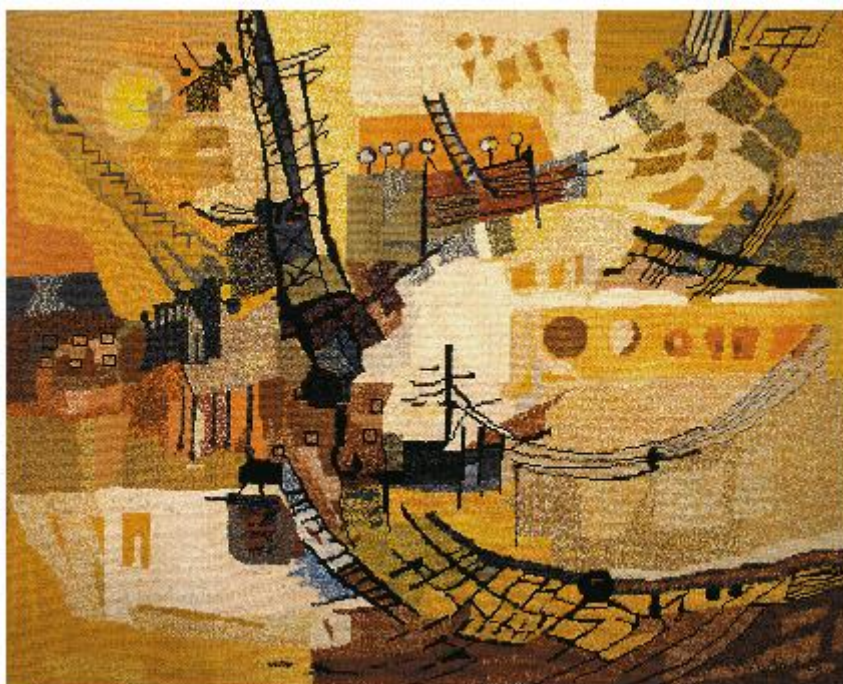
## MARIA HELENA ANDRÉS

Morgan da Motta<sup>24</sup>

Hoje, às 21 horas, inaugura-se exposição individual da artista e professora Maria Helena Andrés, que pela primeira vez vai expor tapetes — uma nova incursão que não é de se estranhar, em se tratando de uma artista que tem uma obra superqualificada e que se utiliza das mais variadas técnicas. Ela é, sem dúvida, um dos mais importantes nomes entre os artistas plásticos de Minas.

### Ficha de Artista

Maria Helena Andrés é mineira, de Belo Horizonte. Estudou desenho e pintura com Guignard. Obteve prêmios no Salão Nacional de Arte Moderna (Rio), Grande Prêmio Salão do Estado (Minas), Prêmio de Desenho em salões da Prefeitura de Belo Horizonte e em muitos outros estados. Trabalhos seus fazem parte do acervo dos Museus: Belas Artes – Belo Horizonte, Museu de Arte Moderna – Rio, Museu de Arte Moderna – São Paulo, Museu de Florianópolis – Santa Catarina, de Seattle e Washington – Estados Unidos, Museu de Arte Contemporânea de Santiago – Chile, e de coleções do Zoe Dussane Art Gallery (USA), Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos (Washington). Expôs em Minas Gerais, Rio, São Paulo, Brasília, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Goiás. No exterior, participou de exposições individuais e coletivas: Paris, Roma, Madri, Munique, Lisboa, Washington, Nova Iorque, Seattle, Novo México, Nova Orleans, Indiana, New Jersey, Colorado, Kansas, Buenos Aires, Montevideu, Santiago do Chile e Nigéria.



*S/Título*, tapeçaria, 1970. Coleção particular

<sup>24</sup> MOTTA, Morgan da. Maria Helena Andrés. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 06 out. 1969.



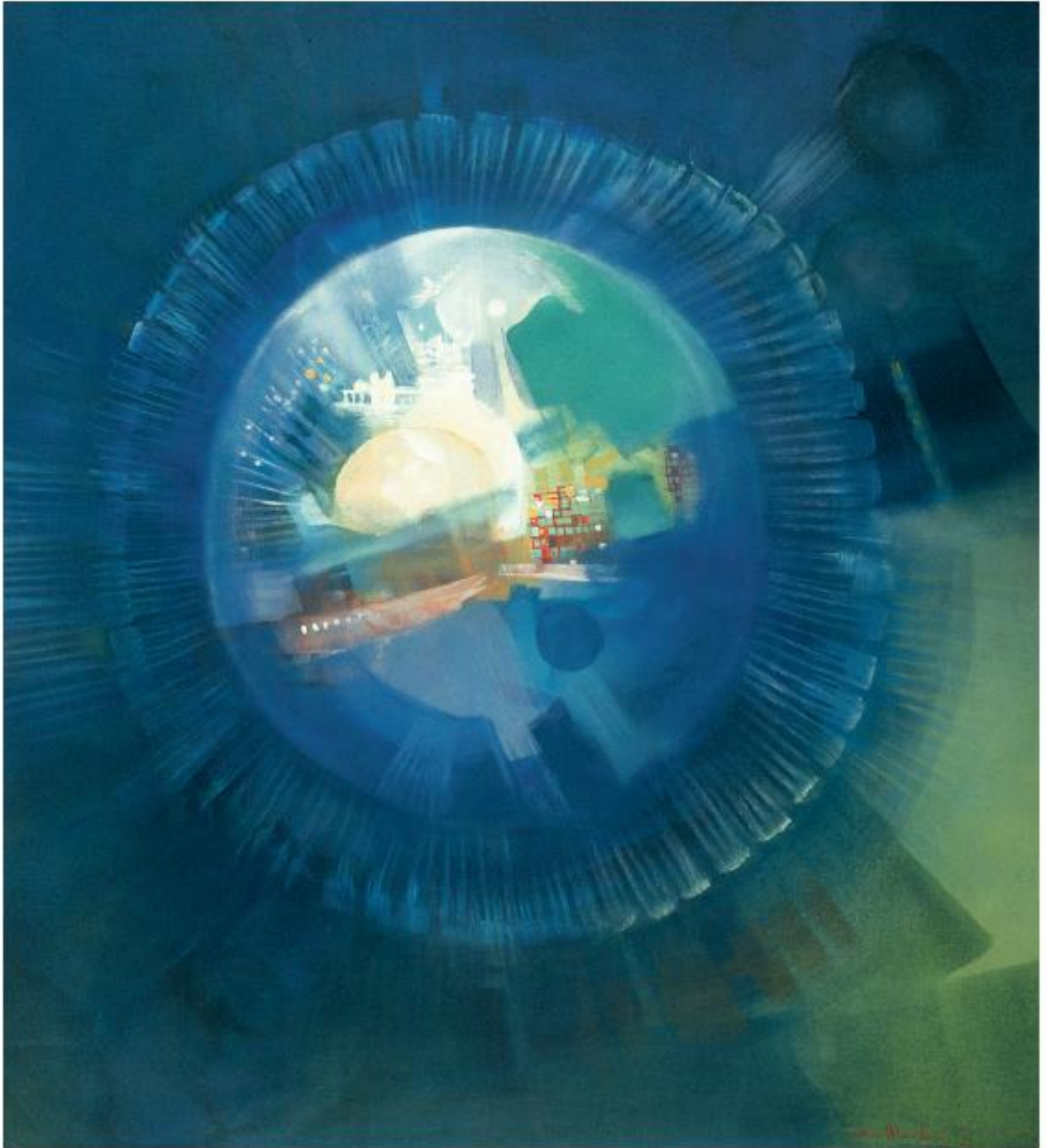
## **Depoimentos**

Segundo Maria Helena Andrés, sua experiência em tapeçaria não constitui opção para este ramo das artes plásticas, mas a tentativa de aplicar parte de seus projetos nesta modalidade de arte coletiva. Não houve modificações no estilo nem a eliminação dos matizes e nuances já definitivos em sua pintura. E diz também que descobriu que podia combinar cores em lã como combina tons em pintura. E que os relevos e passagens podem ser sugeridos nos diversos pontos da tapeçaria. Enfim, com o emprego de novos materiais ela se propõe a dar uma nova dimensão ao seu trabalho. Já Maria Ângela Magalhães, uma das orientadoras da equipe, aquela que foi uma das primeiras a se entusiasmar com os cartões de Maria Helena Andrés., diz que ela realmente conseguiu dar ao desenho outra face, numa outra matéria.

## **Obra atual**

Para nós, que acompanhamos a obra de Maria Helena Andrés há vários anos, sua fase atual é uma síntese de toda sua obra. A máquina da fase anterior passa a ser barco cercado por redes ou tarrafas, aqui e ali sugerindo carrancas, pescadores, enfim os barqueiros do Rio São Francisco. São figuras diluídas, quase abstrações, supervalorizadas pela excelência da técnica arraiolo empregada pela orientadora Maria Ângela Magalhães e demais integrantes do artesanato da Providência no Rio. Lá estão os relevos, as transparências conseguidas por Maria Ângela e sua equipe, prima da artista que orienta a parte artesanal, de sensibilidade que completa e enriquece sobremaneira. Enfim, da mesma forma como Maria Helena Andrés combina cores com o emprego de diferentes tintas, Maria Ângela combina cores com o emprego de lãs de diferentes nuances. É uma nova dimensão na obra de uma artista que se integra numa equipe — o caminho mais indicado no momento — e parte para novas buscas em torno da tapeçaria com características de mural.

## DÉCADA DE 1970



*Mandala*, acrílica s/tela, 1974, Coleção Maria Regina Andrade

## MARIA HELENA ANDRÉS

Pierre Santos<sup>25</sup>

Maria Helena Andrés Ribeiro, nascida em Belo Horizonte em 1922, conta-se entre os artistas mais representativos de Minas Gerais. Após um estágio com Chambelland no Rio, foi aluna de Guignard e Edith Bhering na Escola de Belas Artes de Belo Horizonte, aperfeiçoando-se depois com Theodoros Stamos na Art Student League, em Nova York.

Hoje, após anos e anos de dedicação ao *metiér*, quer da criação quer do magistério artístico, durante os quais vem realizando copiosa e significativa obra e mostrando-a no país e alhures, individual e coletivamente, levantando prêmios e admirações, vê seus trabalhos e entidades específicas estando representadas nos principais museus brasileiros e estrangeiros.

A década abrangida nesta mostra fora pródiga para com a artista, possibilitando-lhe o equacionamento de uma linguagem e um estilo em tudo pessoais. Na verdade, se no período imediatamente anterior sua arte revelava compromissos concretistas, os quais embora resolvidos à sua maneira, estavam longe de definir a verdadeira inclinação de Maria Helena — agora, desde os *Barcos* de 60/63, passando pelo tema da *Guerra* em 64, das *Madonas* em 65, e dos *Astronautas* em 66/69, até a presente fase, há uma verdadeira expansão de sua personalidade artística e, cada vez mais afastada da rígida disciplina de antes, sua arte se torna mais livre e espontânea, lírica e expressiva. Convindo conosco ela mesma explica:

60/70 corresponde a um período de expansão da minha arte. Desde 1959 comecei a desligar-me da influência concretista, quando vi surgirem os meus primeiros barcos e, com eles, o movimento, as nuances, as cores transparentes. Meus barcos significaram a necessidade de libertação da linha reta, das formas geométricas.

Impossível conceber para Maria Helena outra arte que não esta visionária e livre, porque, temperamento contemplativo e calmo, pausada nos gestos e solene na expressão do olhar, era normal que a tanto se inclinasse e, não bastasse o ter sido aluna de Guignard, de quem herdara a liberdade formal e quem a conduzirá ao desenvolvimento das tendências líricas, outros fatos a isto a induziram, entre os quais a sua viagem aos Estados Unidos, em 1961, quando entrará em contato com a *action painting* e com a filosofia Zen-budista, que prega a espontaneidade, a sinceridade no semiconscente do imediato.

Desde aquela época — [observa ela] — os americanos já haviam começado a absorver um pouco do Oriente em sua arte. Pintura de ação é o despertar do inconsciente, daquilo que o intelecto não pode antecipar. É a procura de raízes e, ao mesmo tempo, a ligação com o cosmos.

---

<sup>25</sup> SANTOS, Pierre. *Maria Helena Andrés*. Artistas Mineiros 60/70. 5º Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais, Ouro Preto, jul. 1971.

Parece-nos que o informalismo dos americanos surtirá o efeito de autêntica revelação para a artista, ajudando-a a orientar-se para o seu melhor caminho, mas sempre guiada pela estrela da personalidade. Ela mesma esclarece:

Acompanhei com interesse a coragem de criar estudo prévio. Lembrei-me de Guignard que, quase sempre, se dirigia à tela diretamente, aproveitando a emoção do momento. Senti-me identificada com a pintura abstrata informal, que me permitia maior expansão e maiores voos dentro da arte, levando-me a pintar, já não o que via, mas o que sentia.

Em texto que nos parece perfeita premonição do que a artista viria a criar no momento, sobre ela escreveu Paulo Campos Guimarães “Nasceu, então, a rebelião do anjo arte... definindo sua repulsa à destruição, porque, para ela, a civilização é a vitória da humanidade sobre a animalidade”. Ao que, como num eco, a artista acrescenta:

Minha arte tem sido uma trajetória permanente entre a guerra e a paz, o lirismo e o drama. Deixo a intuição conduzir-me. Os títulos de meus quadros são colocados quase depois da pintura já pronta: se sugerem naves espaciais, são astronautas. Os astronautas conduziram-me a espaços mais amplos e o cosmos tem sido ultimamente o meu ponto de referência. Em meus últimos trabalhos, as estrelas descem à terra, procurando uma comunicação com os homens.

Agora perseguindo as estrelas em suas rotas astrais, deixa que o pensamento se erga e vague acima das galáxias, à procura de uma expressão equivalente do homem e seu futuro, numa exaltação ao mito da tecnologia, que tão bem caracteriza a “era espacial” em que vivemos.

## MARIA HELENA ANDRÉS

José Maurício Vidal Gomes<sup>26</sup>

A Maria Helena de muitos anos admirada. Sequência genial de uma carreira coerente, honesta, que ganha no tempo e flui na imensidão humilde do cosmos. A Maria Helena dos traços princípio-tímido; a Maria Helena do espaço-guerra, agressivo e pessimista; A Maria Helena da terra-espaço, na dúvida da guerra entre a máquina e o homem, o homem-máquina, a máquina-homem.



*Fotograma espacial*, colagem e nanquim s/papel, 1970. Coleção Marília Andrés

Agora me vem uma Maria Helena nova, que venceu as batalhas da terra e compreendeu o espaço. O espaço assim mesmo, livre da terra e da máquina. Um espaço de fadas, de crianças brincando, profundo, quase onipotente.

O espaço calado, o nirvana-espaço, silencioso, sem gestos e formas porque a cada traço, cor, o pensamento é diferente seguindo o caminho como o desabrochar sucessivo de flores que não morrem, sucedem-se no renascer.

Os olhos fechados no escuro tranquilo da meditação, navegando cores sem corpo, palavras, suavemente integrados no eterno.

Uma nova Maria Helena, quase definitiva, porque o novo universo aberto pede mais, muito mais. A flor que oferece suas pétalas pede mais cor e perfume. Se ela nunca parou, agora não pode parar nunca mais, seria profanação.

Retorno à origem do mundo, e alcanço todos os mundos na forma pura de Maria Helena Andrés, que, como pessoa quase calada, é cada dia mais gente. Uma reflete a outra, a pessoa e a artista.

---

<sup>26</sup> GOMES, José Maurício Vidal. *Maria Helena Andrés*. Arte Livro, Belo Horizonte, 26 out. 1972.

## MARIA HELENA ANDRÉS

Sérgio Maldonado<sup>27</sup>

Acompanhando há tempo o desenvolvimento da arte de Maria Helena Andrés, assombro-me com a seriedade e sinceridade no desenrolar de sua obra.

Maria Helena sempre foi coerente consigo mesma.

Sempre pensei e penso que o artista não deve procurar a vanguarda, pois se a abraça afoitamente, de imediato perderá aquilo que lhe é particular, único, individual para ser mais um clichê gratuito, uma atitude apenas.

O artista, seguindo honestamente a sua própria arte, tendo como base sistemática o Eu, trabalhando, pensando, vendo, fatalmente chegará à contemporaneidade.

A vanguarda é que deve chegar ao artista, e não o artista a ela.

Falo isto para relevar a última fase de Maria Helena, a ser exposta dia 26 na Artelivro.

É um trabalho sério, verdadeiramente sério com uma pressentida qualidade sendo denominador comum.

Antes eram as máquinas, a guerra, a técnica opressiva, o caos.

Maria Helena denunciava com cores vibrantes, muitas vezes usando colagem, as enormes vicissitudes da humanidade.

Agora a artista vai mais além: “Buscamos no momento uma realidade cósmica situada em limites que a máquina não pode alcançar”, como ela própria diz.

Desse coloquialismo com uma supra realidade, alcança em seus desenhos uma finalidade transcendente.

O caos, as volições cederam lugar à fluidificação de um mundo interior. Este se depura e se aperfeiçoa, corporificado pela ordem da vida espiritual e reflexão total de si mesma.

Mesmo caminhando para esta finalidade maior, a artista continua a postular os problemas humanos.

Novas e novas exigências espirituais não são esperadas pela humanidade?

Este é um problema indeclinável na obra de Maria Helena Andrés.

Uma aspiração perene e infinita às exigências profundas.

Uma arte tangida por um espírito sutil e agudo, aprofundada e clarificada.

Uma arte antes de tudo revestida de uma grande dignidade.

---

<sup>27</sup> MALDONADO, Sérgio. Maria Helena Andrés. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 22 out. 1972.

## A LONGA E FELIZ ANDANÇA DE MARIA HELENA ANDRÉS

José Maurício Vidal Gomes<sup>28</sup>

Maria Helena Andrés é mineira de Belo Horizonte. Casada com o médico Luiz Ribeiro de Oliveira Andrés. Seu estúdio é num canto gostoso de sua casa, dando para um jardim lateral cheio de flores, plantas e, sobretudo, dono de uma vivência. Quadros por todos os lados e aquele ar de desordem que todo ateliê possui com muito charme. Ao lado, uma sala para meditação yoga, e às vezes um cheiro de incenso, quando faz um I-Ching. É um mundo agradável, convidativo e de personalidade, a própria artista.

Estudou desenho e pintura com Chambelland no Rio. Com Guignard e Edith Bhering, em BH e com Theodoros Stamos no Art Student League em Nova York.

Fez 20 exposições individuais desde 1947, e entre elas na Casa do Brasil em Roma; na Galeria Valerie Schmidt em Paris; União Pan-Americana em Washington; Museu de Santa Fé, Novo México; EEUU: Galeria Sudamericana em Nova York; Galeria do Centro Cultural Brasil, em Santiago e Valparaíso no Chile; Dusanne Gallery em Seattle, EEUU; B.A.C.I em Washington; outras em Belo Horizonte, Rio, Brasília, São Paulo etc.

Participou de um cem número de coletivas, sendo muitas no estrangeiro, como Montevideu, Buenos Aires, Santiago, Munich, Madrid, Lisboa, Paris, Filadélfia, Nova Orleans, Nigéria, Washington, New Jersey, Kansas, Colorado, Indiana, Nova Iorque, e Interlachen, também nos EEUU. A isto se juntam salões e coletivas em todo país.

Entre os muitos prêmios que recebeu, destaque alguns: Salão Nacional de Arte Moderna: Medalha de Bronze; Menção Honrosa: Isenção de Júri; dois prêmios de aquisição; Grande Prêmio Salão da Prefeitura de Belo Horizonte; 1º Prêmio de Desenho no XV Salão de Belas Artes de Belo Horizonte, e Prêmio SESC.

Obras suas estão nas principais coleções mineiras, cariocas e paulistas, e em acervo de muitos importantes museus brasileiros, painéis, quadros e tapeçarias, nas pinacotecas de empresas colecionadoras bem como bancos. Estão também nos Museus de Washington e Seattle, nos EEUU; no Museu de Arte Contemporânea em Santiago do Chile; no Phillips Collection e no Instituto cultural Brasil-EEUU em Washington.

Em 1961 passou 5 meses nos EEUU convidada pelo Departamento de Estado. Autora do livro *Vivência e Arte*, lançado pela AGIR, ex-presidente do ICBEU e autora de inúmeras palestras e artigos sobre ensino da arte.

Vendo, anteontem, pela primeira vez, seu álbum de desenho da fase que vai de 1945 a 1955, a própria Maria Helena descobriu uma constante em sua arte, desde o princípio: a Cruz. Primeiro, a cruz da Via Sacra, a cruz sofrida em desenhos leves, extremamente bonitos e proféticos. O desenho deixando o figurativo, introduziu num geometrismo formal, a cruz em postes. A cruz em suas madonas, e quando apareceu em sua pintura a “mandala”, a cruz se tornou mastros de navios fantasmas ou encravadas nas mandalas de seus espaços. É sua preocupação pelo eterno da paz, pelas figuras sugeridas às vezes com muito sofrimento, às vezes com passividade sofrida, dentro do movimento oposto um ao outro da guerra e mau da terra.

Agora, em sua fase atual, deixando o sofrimento de lado, e diluindo suas mandalas, num espaço acolhedor, alegre, às vezes com figuras que sugerem anjos,

---

<sup>28</sup> GOMES, José Mauricio Vidal. A longa e feliz andança de Maria Helena Andrés. *Estado de Minas*, 03 nov. 1972.

fadas, crianças brincando, ela volta com sua cruz menos pessimista e bem mais gloriosa por ser uma cruz que venceu a guerra humana de dentro da artista e ganhou a compreensão infinita do espaço. Quem for ao ateliê de Maria Helena, deveria ver os seus álbuns, a sua extraordinária sequência dentro de uma mudança, às vezes brutal. Hoje, vendo seu princípio em 1945, temos a certeza de que ela foi uma pessoa fadada às artes, empurrada pelo mistério do gênio que precisa se expandir, romper e conquistar sempre. Maria Helena andou por esse Brasil e fora do país, os mais conhecidos críticos foram-lhe pródigos em elogios, em comentários, documentos que também mostram a feliz andança de Maria Helena no mundo das artes plásticas.

Algumas opiniões, dos exigentes, críticos estrangeiros dos EEUU, como Anne G. Todd, de Seattle “... usando o pastel, Madame Andrés aparece com uma infinidade de pequenas velas, de uma força vibrante. Nenhum de seus navios deve ser olhado isoladamente, mas uma armada inteira de galeões fantasmas ao vento da vitória”.

O crítico R.H. da Art News de Nova Iorque, Florence Berryman, de Washington, P. Matticoli, também de Washington, deram-lhe palavras elogiosas, com uma sinceridade e análise que nem sempre um crítico brasileiro possui.

No meio disto tudo, Maria Helena surge como uma artista preocupada com as coisas simples. Por duas ou mais vezes ela me chamou a atenção, talvez sentindo o meu entusiasmo pela sua obra: “Cuidado com o que vai escrever. Não exagere, seja simples em suas palavras”. Meus caros, isto é raríssimo, e para Maria Helena além de sua arte que atinge maravilhas como vocês podem ver em seu ateliê muito visitado por colecionadores daqui e do país, ou na Artelivro, é importante também, o espaço para que ela viva, ande dentro de seu mundo, com a mesma naturalidade e simplicidade que seus trabalhos florescem nas telas ou desenhos. Tudo nela é harmonioso, como seus quadros, sua casa, sua pessoa.



## MARIA HELENA ANDRÉS

Roberto Pontual<sup>29</sup>

A presença e a importância de Maria Helena Andrés, como desenhista, pintora e professora, na arte mineira dos últimos vinte e cinco anos, tornou-se fato inconteste. Durante esse período, além de cuidar de sua própria produção, bastante ampla, tem acompanhado de perto e inclusive formado grande parcela dos que hoje compõem as gerações que se seguiram à de Guignard, preocupada em ampliar os conhecimentos e a prática de novas formas de criação, suficientemente atualizadas. No seu trabalho pessoal, ela manteve certas características básicas ao longo desses anos, como a tendência a diluir as formas do real numa série de sugestões semiabstratas, como propensão romântica para o símbolo, a metáfora e a alegoria. Os barcos, ou configurações que apenas os sugeriam, foram, por exemplo, constante de seu desenho e pintura durante fase prolongada, simbolizando, como ela própria afirma, a vontade atávica de viagem, de descoberta, de abandono do interior pelo exterior (tema, aliás, que a situa entre diversos outros artistas de sua terra, para os quais sobrevive a ânsia de transpor o círculo montanhoso do horizonte mineiro). Por volta de 1964, fundindo o significado simbólico das embarcações com chamamentos diretos da contemporaneidade, passou a figurar, na mesma crescente diluição quase abstrata, máquinas voadoras num universo de sonho e luminosidades metálicas; seguiu também, paralelamente, tendência no sentido da absorção dramatizada de situações do nosso cotidiano, como as guerras, em trabalhos que mesclavam formas abstratas e colagens realistas. Nos desenhos e pinturas mais recentes, a abstração tem se ampliado em termos de novo prazer pelo gestual, pela fluidez de transparências e impacto de contrastes, talvez incorporados através de seu interesse e de seu contato com a arte oriental.

---

<sup>29</sup> PONTUAL, Roberto. Maria Helena Andrés. *Arte/Brasil/Hoje – 50 Anos Depois*, São Paulo: Collectio Artes Ltda, 1973, p. 282-283.

## TRÊS DÉCADAS DE MARIA HELENA ANDRÉS

Célia Laborne Tavares<sup>30</sup>



*Dom Quixote no espaço, acrílica s/tela, 1973. Coleção particular*

O artista constrói sua obra, muitas vezes sem o saber, contando a marcha detalhada de sua caminhada pela vida, de sua sensibilização cada vez mais apurada e profunda, estruturando, assim, sua evolução interna. Ele dá seu recado ao mundo, um processo de autoinvestigação.

Portanto, a síntese de uma retrospectiva tem que abranger um aspecto sempre muito amplo.

O roteiro do trabalho de Maria Helena Andrés é um exemplo claro e nítido do crescimento interior, e um desdobrar compassado e constante de um reconhecer-se à cada passo.

Ela teve sua iniciação artística em 1940/43, no Rio de Janeiro, com Carlos Chambelland, numa tomada de contato com os materiais, cores e formas e com as composições naturais, ditadas pelo ambiente e pelas pessoas. Desta época ainda se vêem retratos a pastel, paisagens, desenhos etc.

Mas, sem dúvida, foi no aprendizado com Alberto da Veiga Guignard, a partir de 1944, que Maria Helena começou sua maior expansão, a liberação de latentes e autênticas possibilidades. Guignard foi, para todos os seus alunos, um verdadeiro “Guru” na arte, insistindo sempre na importância da liberdade, da criatividade, do aproveitamento diversificado de cada sensibilidade. Sem molde pré-fabricado, sem preocupação de competições pessoais, sem postulados, ele impulsionou Maria Helena — sem dúvida uma de suas alunas de estrutura mais sólida para campos abertos e ilimitados.

---

<sup>30</sup> TAVARES, Célia Laborne. *Três décadas de Maria Helena Andrés*. Museu de Arte da Pampulha, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, set. 1974.

Ele ensinou-lhe a pegar no lápis duro, como num florete, e a romper o próprio caminho, sem amarras e restrições, para que a fonte de arte jorrasse livre. São desse tempo os desenhos muito bem modelados de retratos de olhos detalhados e expressivos. Nessa faixa de 1945/47 houve ainda uma abertura para várias técnicas e materiais que formaram a base sólida que fundamenta hoje quer o desenho, a cor, a forma, ou o jogo de massas e transparências dos trabalhos da artista.

Paisagens, retratos, cenas de rua, aquarelas, desenho a nanquim, e algumas pinturas compõem essa etapa onde já surge, constante, o tema sacro, os ângulos bíblicos, o envolvimento religioso cristão que se repetiram, depois, como característica de várias fases de sua obra.

Aí, a cruz e o sofrimento são momentos de inspiração para técnicas diversas.

Em 1953/54 Maria Helena passa por uma experiência de desenhos em linha contínua. Cenas de rua, figuras humanas nascem ao correr livre da pena, ensaiando seu primeiro voo para decompor a figura e para encontrar o conjunto, a partir de um ponto inicial. Era uma busca de liberdade, mas ainda linear, em superfície.

Ela ainda não está preparada para uma largada mais arrojada e ainda que Guignard diga: "Coragem!", ela sente necessidade de um novo degrau de disciplina, de investigação, agora intelectual. Vem a construção de suas *Cidade Iluminadas*, organizadas num espaço amplo, mas ordenadas, limitadas por linhas rígidas e definidas, vinculadas a um processo do intelecto.

É por volta de 1960 que Maria Helena dá sua arrancada mais profunda; agora mergulha em águas revoltas, procura com mais intensidade e começa uma verdadeira guerra de autoconquista. Está iniciada a batalha que irá levá-la, dentro de alguns anos, à faixa de vibração e criação que ela, há muito, buscava.

Sua guerra começa no mar, elemento maleável e germinativo, onde a força das ondas e o sacudir dos vendavais vêm ao encontro de seus antigos veleiros, rompendo velhas hierarquias e destruindo-as, sem complacência. É a força da destruição, para o construir novo, que emerge das águas. O público sente esse impulso de libertação e vitalidade e seus desenhos, a pastel, têm uma procura crescente. Seu nome projeta-se, hasteado como bandeira em seus veleiros coloridos ou em preto e branco. É uma de suas fases mais conhecidas.

Mas o invasor, que germinou nas águas, vem oferecer-lhe nova frente de combate, agora em terra firme. São máquinas gigantescas, engrenagens bélicas, eixos que giram, explosões que assustam. Suas telas vibram no vermelho do fogo, no laranja dos clarões, no arroxeadado do terror, no negro da morte. Os corpos caem, a terra se fende; a agressividade é violentamente expurgada.

Agora, Maria Helena já pode respirar e repousa numa fase de Madonas, se bem que a Mãe Kali, da destruição, ainda esteja presente no afogueado dessas telas. Mas, a Mãe do amor já lança seu azul intenso, seus clarões de paz.

Passada a trégua, a artista abandona terra e água e parte, pioneira, para o espaço infinito, em suas naves, seus satélites, suas cabines e volta novamente a medir forças, a testar impulsos, a dar combate ao cosmos, para desvendar seus segredos. Ela ainda enfrenta o susto, talvez o medo do imponderável, da integração no todo. Mas, suas estruturas mais rígidas já foram rompidas e o guardião do céu espera apenas que terminem os últimos resíduos do entrecocar das armas espaciais.

Ela já goza do infinito, dentro do infinito: o azul começa a intensificar-se, o amarelo e branco são pontos de luz gradualmente mais claros, mais transparentes, em seu trabalho.

Em 1970 Maria Helena faz uma viagem à Índia e ao Japão que a marca profundamente e lhe dá ângulos de vivência já pressentidos, mas, até então, não realizados. Agora ela se situa no cosmos não mais como guerreira, mas buscando seu correto lugar, sua casa, sua integração maior. Seus pontos de união e contato com o Todo crescem, aguça-se sua sensibilidade e lhe faz conhecer o terreno em que pisa. O cosmo, reconhecido como irmão, vai-se iluminando em límpido azul, em suave rosado, em branco brilhante. Daí, até hoje, a alvorada raia, a cor é definitivamente pura e luminosa, os anjos afloram, bolas de luz se multiplicam, madrugadas se acendem.

Em telas ou papel, de grande dimensão, Maria Helena projeta suas vivências: suas aquarelas são filmes desenrolados nesse autoconhecimento consciente. Seus óleos retratam o entreabrir do lótus, como um canto interior. Ela já pode apreender o fio de seu roteiro artístico, como lição de vida. Começa a ter paz consigo mesma e a projetar, na tela, essa paz. Por vezes a luta prossegue, mas sem sangue e violência; o medo foi desmascarado e as flutuações que surgem têm apenas o ritmo cadenciado e constante da Vida que exige sempre luz, mais luz...

## MARIA HELENA ANDRÉS EM RETROSPECTIVA: VEJA NO MUSEU DE ARTE DA PREFEITURA

Morgan da Motta<sup>31</sup>

Mostras retrospectivas, muitas são feitas. Entretanto, exposições planejadas, montadas e que alcancem seus objetivos são poucas. A retrospectiva de Maria Helena Andrés se enquadra na segunda. Afinal, de um total superior a 300 obras e obedecendo um critério estético no lugar do cronológico em termos de montagem, o que resulta é uma retrospectiva de fato que nos permite uma visão completa do artista e da obra no decorrer de 30 anos de atividades artísticas.

### Os caminhos da retrospectiva

Sem se desligar por completo de suas fases anteriores, quer sejam líricas ou dramáticas, Maria Helena Andrés propõe um desdobrar coerente de sua obra. Partindo dos retratos elaborados a lápis duro, ela incursiona pelos pastéis, fixa figuras humanas e paisagens e num despojamento cada vez maior dilui a figura e cai no concretismo. Depois, retoma a figura em contraponto com situações abstracionistas — pinturas — chegando ao desenho completamente abstrato, sendo que aí usa e abusa das transparências já obtidas no óleo sobre tela. Às vezes sutilmente inseridas numa grande área abstracionista, a figura ressurgue, enfim, algo como um elo entre outras fases e a mais atual.

Utilizando-se das mais variadas técnicas, Maria Helena demonstra um perfeito domínio do *métier* a que se propôs. Sejam barcos de guerras ligados à terra ou a cosmos, paisagens ou construções geométricas, nada é supérfluo e nada deixa de conter a sua marca e sua característica principal que é a unidade incursionando pelas mais variadas temáticas ou técnicas. Daí, a maneira mais prática para se visitar a retrospectiva de Maria Helena Andrés, ou, então, os caminhos de uma excepcional retrospectiva deve ser: veja os retratos que estão no Salão Redondo — parte térrea do auditório — ao lado da série madonas. Faça um confronto com os que estão no 1º andar (ao lado das obras do acervo como se usa nos mais importantes museus do mundo). Em seguida, veja a fase figurativista das paisagens e elementos humanos no andar térreo. Depois faça um confronto com os desenhos sobre camurças e pinturas sobre telas, e estamos certos de que descobrirá elementos de fases anteriores nos desenhos sobre papel, camurça ou telas. Em seguida, faça uma observação mais detalhada nas tapeçarias, o que há de mais recente da produção artística de Maria Helena, chegando a um resultado que não será surpresa: nas tapeçarias, num confronto da figura com áreas abstracionistas, há uma ligação de todas as fases e, por que não, nas tapeçarias a síntese de toda uma obra.

### Depoimentos

Harry Laus, crítico paulista, assim se expressou sobre a retrospectiva:

Cada vez que venho a Belo Horizonte, volto enriquecido com alguma coisa, dessa vez a riqueza me vem da retrospectiva de Maria Helena Andrés, trinta anos de paciência e amor à criação artística, trinta anos

---

<sup>31</sup> MOTTA, Morgan da. Maria Helena Andrés em Retrospectiva: Veja no Museu de Arte da Prefeitura. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 21 out. 1974.

de labor consciente, sério e certo. Se em matéria de desenho abstrato, tinha ficado em mim a retrospectiva de Fayga Ostrower no Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro na década de 50, o desenho de Maria Helena Andrés me reestimula. Se em matéria de guaches há sempre a lembrança de Frank Schaeffer como o melhor guachista brasileiro, a revisão de Maria Helena põe em dúvida essa liderança, e na tapeçaria? Vemos a artista romper com todo o esquema de cores usado na pintura óleo e nos guaches para dar calor à decoração ambiente, como convém, sem romper com a fidelidade ou seus temas. Por tudo isso, e muito mais que poderá ser dito, Maria Helena Andrés cresceu no meu respeito e em minha admiração.

### **Primeiras fases e arte concreta**

E, reforçando nossa opinião em termos de desdobrar coerente, eis o que diz Maria Helena Andrés no seu depoimento:

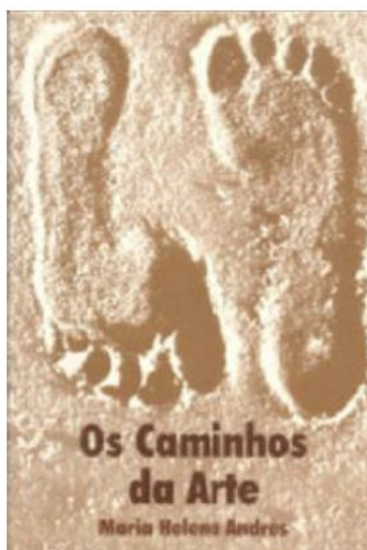
É difícil refletir sobre a própria arte e sua evolução no tempo, isso porque ela implica não só decisões intelectuais, mas também impulsos interiores nem sempre explicáveis. De certo modo a arte é a resposta ao que estamos vivendo no momento. Quando eu tinha meus filhos pequenos, pintava retrato de criança, reproduzia cenas de fazendas e da vida no campo. Precisava de modelos, paisagens e figuras, o mundo exterior servindo de motivação para expressar o que eu sentia. Pintava o que me cercava, procurando refletir em minhas telas e desenhos o meu pequeno mundo, quase sempre dentro de um certo lirismo herdado de Guignard.

## PREFÁCIO DO LIVRO *OS CAMINHOS DA ARTE*

Pierre Weil<sup>32</sup>

Entre os caminhos que levam à consciência cósmica por meio de uma ampliação do campo da percepção, encontra-se a arte. Certo dia, uma pessoa ávida de desenvolvimento espiritual procurou o Swami Sivananda em Rishikesh, na Índia, pedindo-lhe uma iniciação na prática do *Yoga*. “Qual a sua profissão?”, perguntou o Swami. “Eu sou dançarino.” “Então você já está no caminho, pois a dança é um verdadeiro *Yoga*”, respondeu Sivananda.

É o que compreendeu muito bem Maria Helena Andrés, que fez da arte, na sua própria vida, um meio de realização. Sua própria produção artística, a pintura, reflete a sua grande sensibilidade e a sua libertação progressiva dos condicionamentos e repressões. Aluna de Guignard, recebeu desse mestre a grande lição da libertação: voltar a ser criança. Pois Guignard era, antes de tudo, uma grande criança; a criança realiza a palavra de Cristo indicando o caminho da realização, o caminho do Reino do Céu; quem quer alcançar esse estágio supremo de evolução humana tem que voltar a ser criança, uma criança consciente. A arte nos oferece muito mais do que um só caminho. Há em primeiro lugar o caminho de quem cria, o caminho do produtor da obra. Para este, a arte é um meio de fazer falar as forças produtivas dentro dele mesmo; fatalmente, um dia terá que reconhecer que há dentro dele um Criador, e esse momento será o Eureka da sua existência.



Capa do livro *Os Caminhos da Arte*, Petrópolis, Vozes, 1977

Há também a beleza da obra pronta, o sentimento estético despertado no próprio artista pela sua própria produção. O sentimento estético é uma verdadeira experiência sublime, que influencia diretamente o sistema de valores de cada pessoa.

Há também a mensagem estética da obra artística, para quem a recebe, para quem contempla a produção, seja pictórica, musical ou de expressão corporal; deixar-

---

<sup>32</sup> WEIL, Pierre. Prefácio. In ANDRÉS, Maria Helena. *Os Caminhos da Arte*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

se compenetrar por uma obra de arte pode levar a uma verdadeira experiência de contemplação, a uma experiência culminante.

Assim, uma obra artística pode ser um caminho não somente para quem a produz, mas também para quem a contempla; eu ia dizer para quem a possui, mas nem sempre a posse de uma obra tem esse objetivo ou resultado; quantos são os que compram uma obra por causa do nome do artista, visando a uma valorização monetária? Nesse caso o quadro é apenas uma ação na bolsa de arte. Maria Helena Andrés, no presente livro, se insurge contra a mercantilização da arte, ainda mais quando o artista produz apenas para enriquecer.

A obra que Maria Helena Andrés nos oferece no presente livro é um convite à reflexão, não somente para os artistas ou apreciadores da arte, mas para todos os que se interessam pelo desenvolvimento da consciência humana. A sua abordagem é universal; ela faz questão de nos mostrar que a experiência espiritual não tem fronteiras nem culturais, nem religiosas, nem filosóficas. O seu livro é uma contribuição ao rompimento das barreiras criadas artificialmente entre os homens pelo próprio homem. Chegou o tempo de eliminá-las, mostrando ao homem que, se diferem os caminhos, todos eles levam ao encontro final dentro da unidade do Ser universal.



## AS “MIL FACETAS” DE MARIA HELENA ANDRÉS

Celma Alvim<sup>33</sup>

No correr de minha vida profissional, uma lida de vinte anos, vinte etapas surpreendentemente diversificadas e enriquecidas pelo contato frequente e íntimo com um enorme contingente de artistas, formou-se uma instigante galeria de personalidades do *métier*.

Nesta galeria, uma das figuras de maior destaque e digna do mais profundo respeito e admiração é a pintora Maria Helena Andrés.

Grande artista, pintora, desenhista e tapeceira, com ampla e positiva repercussão nacional e internacional, excelente professora (deve-se a ela a formação de inúmeros artistas mineiros, entre os quais, o saudoso Nello Nuno) e autora de dois livros de abordagem crítica e conceitual da arte, Maria Helena Andrés fez jus, com plenitude de razões, à homenagem que a Sociedade Amigas da Cultura lhe presta por ocasião do seu Jubileu de Prata.

Estruturalmente discreta, aversa a quaisquer artifícios publicitários, Maria Helena caminhou na sua carreira um espaço altamente produtivo, voltando muito mais ao benefício comunitário do que propriamente ao pessoal.

Na sua lida profissional foi sempre generosa e profundamente humana, desvinculada de quaisquer movimentos que visassem a disputa, ou mesmo prestígio pessoal.

Apesar de sua extrema discricção, a crítica nacional foi sempre unânime em considerá-la uma das mais fortes expressões artísticas do país.

Sensível e surpreendentemente intuitiva, sua obra teve sempre a marca da contemporaneidade. Sem que assumisse um comportamento afoito e aderente a toda uma gama de tendências e estilos lançados nos últimos anos, no painel artístico internacional, Maria Helena manteve, contudo, ao longo de toda a sua carreira, uma linguagem para o Mundo, extrapolando os âmbitos limitativos das conotações regionalistas.

Suas fases marcantes se definiram, nas diversas expressões plásticas às quais se aventurou, maduras, amplas, universais: *Cidades Iluminadas*, *Barcos*, fase de *Guerra*, *Madonas*, fase *Espacial* etc...

Sem desalinhar uma certa sequência lógica, seus temas percorreram trajetos vários: a artista é múltipla, rica, profundamente sensível. Interpreta, documenta e registra com extraordinária inventiva estágios da nossa civilização, como, por exemplo, na sua fase *Espacial*, cuja abordagem crítica publicamos em 1969, nesta coluna.

Ligando-se a uma temática de postura universal, Maria Helena Andrés, desde 1966 esquadrinha o cosmos, intui a rota de foguetes voadores, antecipa Aldrin e Armstrong em absurdos e fantásticos roteiros postos nas telas, com toda a força de uma figuração pressentida e imaginada. Sugerindo equivalência a um estágio da civilização, culminante nas conquistas espaciais, sua arte atual caminha no sentido de um movimento propulsor que funde, na luta e aventura científica, os componentes de um espírito repartido entre a dramaticidade (fase de *Guerra*) e o lirismo (fase dos *Barcos*).

---

<sup>33</sup> ALVIM, Celma. As “mil facetas” de Maria Helena Andrés. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 dez. 1978.

Ainda em 1969, a artista inicia-se nos caminhos da tapeçaria, uma fase importante de sua carreira, não só pela busca de uma nova expressão, como pela temática abordada. Há muito que a sua tendência é evadir-se da tela, cumprir um trajeto para gestos maiores e mais ousados. Na dimensão mural ela se realiza e cumula de possibilidades o seu anseio de relacionamento com a monumentalidade. Maria Helena buscou na geografia o tema: seguiu o curso do tradicional São Francisco, narrou sonhos barranqueiros, a dinâmica das corredeiras, redes azuis e vermelhas, o langor sensual da calmaria.

Trouxe o barro do rio e o espírito das canções de pesca. Em fluidas formas, sugere o transitar de barcos, as direções marcadas a portos fantásticos, a lida insana de tripulações anônimas (matéria publicada por esta coluna, em 1969).

Assim é a obra de Maria Helena, uma artista plena, madura, sempre atual.

Por tudo isto, merecedora da homenagem que ora lhe presta a Sociedade Amigas da Cultura.

## DÉCADA DE 1980



*Homenagem ao Cometa Halley*, acrílica s/tela, 1986, Acervo Fundação Clóvis Salgado, Belo Horizonte

## BRASIL E ÍNDIA VISTOS POR MARIA HELENA ANDRÉS

Mari'Stella Tristão<sup>34</sup>

A Morrison Knudsen Engenharia é mais uma empresa privada que troca os uísques dos presentes de fim de ano por obras de cultura, ganhando, por isso, entusiasmados aplausos.

Um belíssimo trabalho acaba de ser editado por esta empresa. Trata-se de uma obra de autoria da artista plástica Maria Helena Andrés, com a colaboração de sua filha Eliana, constante de texto e desenhos comparativos entre o Brasil e a Índia, programado a partir das vivências e pesquisas de Maria Helena nos dois países.

A empresa permitiu também às autoras a colocação da obra à venda, o que será feito a partir de hoje pelas galerias e livrarias de arte.

Maria Helena Andrés começou estudar arte moderna em 1965, quando escreveu e lançou seu primeiro livro *Vivência e Arte*.

Nesse tempo, Maria Helena pintava a linguagem da terra e do mar, alcançando depois o espaço — com a fase da pintura cósmica, 1969 — quando, coincidentemente, o homem pisava na lua, estabelecendo assim uma relação entre o que estava acontecendo com o que ela já fazia. Sua pintura sempre se antecipou à investigação que vem depois para complementar o que já havia vivenciado na prática.

A partir de 1970, Maria Helena começou a estudar as filosofias orientais. Em 1978, vai à Índia em companhia do filho arquiteto Maurício Andrés e sua mulher, Aparecida, em bolsa de estudos, lá permanecendo por um ano. Foi aí que Maria Helena começou a observar a semelhança muito pronunciada entre o brasileiro e o indiano, principalmente o do sul da Índia, talvez pela localização dos dois países — ambos banhados pelo sol dos trópicos.

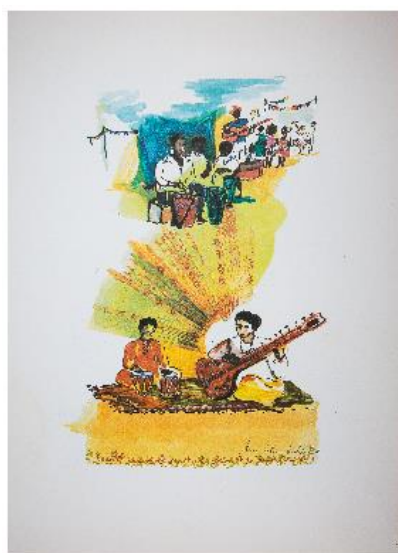


Ilustração para o álbum *Oriente/Ocidente. Integração de Culturas*, Morrison Knudsen Engenharia S.A., 1984

<sup>34</sup> TRISTÃO, Mari'Stella. Brasil e Índia vistos por Maria Helena Andrés. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 dez. 1984.

Mais tarde, 1982, voltando à Índia, Maria Helena estabeleceu contatos com historiadores de Goa, que lhe forneceram informações sobre a colonização portuguesa e o intercâmbio existente entre indianos e brasileiros, naquele tempo.

As naus colonizadoras partiam de Macau, na China, paravam em Goa, na Índia, seguindo pelo sul da África, com ordens de seguir até Lisboa. Mas de passagem pela costa brasileira, os tripulantes desciam com várias “mercadorias”, que influenciaram decisivamente na arte colonial brasileira, o mesmo acontecendo na Índia, donde a afinidade dos detalhes barrocos.

Maria Helena fez, em Goa, um curso com o historiador Antônio Menezes e observou que ali existe grande interesse pela realização de um intercâmbio com elementos da cultura no Brasil (recado para José Aparecido) pela semelhança entre as duas raças. Maria Helena diz que parece o mesmo povo.

As ilustrações do álbum, ora editado pela Morrison Knudsen Engenharia S/A, constantes de dez pranchas separadas do texto, referem-se aos mesmos elementos sob a visão dos dois países, estabelecendo as suas semelhanças, tais como no artesanato (um cesto de Ouro Preto idêntico ao indiano), no misticismo folclórico e religioso (o tapete de flores nas procissões e os tipos de andores), nos instrumentos (tabla e tamburra idênticos ao tambor e atabaque).

Nos desenhos, Maria Helena procurou fazer um trabalho que, visualmente, aproximasse os dois povos, sem maiores elucidações textuais. O texto foi baseado numa palestra que a artista mineira realizou em Goa, em 1983, no *Seminário Hindo-Português*, a convite do diretor da Universidade de Bombaim.

O trabalho propõe a unidade planetária e resulta de uma pesquisa de vários anos, desde 1961 nos Estados Unidos e a partir dos seus contatos com a filosofia Zen Budista, que levou a artista a perceber a integração entre o Oriente e o Ocidente através da arte moderna, na pintura gestual e suas semelhanças com a caligrafia chinesa.

É um trabalho que, segundo a artista, está apenas no começo e que será continuado com força e intensidade.

## A VIDA ALÉM DA ARTE

Célia Laborne Tavares<sup>35</sup>



*Energia em movimento*, acrílica s/tela, 1984. Acervo CEMIG, Belo Horizonte

Alguns artistas crescem internamente de forma tão acentuada que passam à frente de seus contemporâneos, não só no sucesso da aceitação de seu trabalho — que é comum a todo bom artista — como, sobretudo, em autoconhecimento e clareza interna.

Maria Helena Andrés, que atualmente expõe na Cemig, atinge esse ponto em que a arte se faz caminho, não só externo, como interno. Temos acompanhado, desde o início, a carreira artística de Maria Helena; desde o tempo em que fomos colegas na escola do mestre Guignard, também ele um iniciado em arte e caminho de vida evolutiva.

O desdobramento de Maria Helena, que tem sido marcado pelas diversas fases de seu desenho e pintura, agora reunidos numa mostra didática, é uma expressão, quase concreta, do crescimento da artista. Uns fazem sua caminhada pela ciência, outros pela mística, outros pela palavra, outros pela arte e pela filosofia de vida. Mas em todos os que crescem, como Maria Helena, há um pouco de cada ângulo da manifestação humana, sempre mais evidente naquele setor, o que é o seu trabalho assumido.

Com o crescimento interno, vem a beleza das formas, o despreendimento do lucro fácil, o ensinamento sutil, a irradiação das fases atingidas etc.

Em Maria Helena, o processo tem sido dos mais ricos, claros e harmônicos, mostrando um trabalho que nunca foi fácil, mas que sempre se prendeu a uma realização mais profunda; que no início, nem ela mesma, nem os que acompanhavam sua obra podiam identificar em toda sua estrutura, agora desabrochada na atual manifestação.

Ela partiu dos planos bem materiais e humanos, do figurativo dos retratos, casas e paisagens, passou pelo nível emocional da fantasia colorida e ainda formal, e atinge agora as energias mentais do abstrato simbólico e sutil, sem perder de vista as manifestações, antes tendo delas uma visão integral e profunda, como as pedras de um jogo de armar que, finalmente, revelam toda a sua história de artista e servem de marco para outros caminhantes que compreendem também a jornada da arte como um

---

<sup>35</sup> TAVARES, Célia Laborne. A vida além da arte. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 28 jul. 1985. (Coluna Vida Integral)

complexo e sedutor caminho de vida mais plena e mais universal. Caminha sem limites, sem preconceitos, sem vaidades, sem autoengrandecimentos inúteis, sem ganâncias deformadoras do processo.

O conjunto do trabalho de Maria Helena não é apenas mais uma mostra de arte didática, é todo um roteiro seguido por ela e um farol a mostrar, aos já despertos, um processo de alinhamento e de desabrochar internos. Textos seus acompanham e esclarecem o trabalho.

Casas, barcos, chamas, mandalas e naves espaciais nos mostram o seu manejo nos elementos terra, água, fogo, ar e éter; um conjunto que moldou a artista e lhe deu a maturidade de arte/vida que hoje nos apresenta e que é estímulo para os ainda não despertos.

A mostra de Maria Helena Andrés, atualmente no saguão da Cemig, será levada ainda ao Rio de Janeiro e São Paulo; são telas, tapeçarias, desenhos, gravuras, livros e álbuns que formam o importante conjunto de sua obra.



## MARIA HELENA ANDRÉS, PINTURAS

Celma Alvim<sup>36</sup>



*Bandeirantes*, acrílica s/tela, 1986. Acervo Edifício Bandeirantes, Belo Horizonte

Há muito familiarizada com os temas que sugerem caminhadas espaciais e aeronaves passeando o céu, a artista obtém, na monumentalidade mural, um extraordinário efeito.

Sem repetir-se, Maria Helena transfere toda a força contida na sua vasta produção limitada aos centímetros das telas para o arrojado espaço mural. Refaz, com as armas da experiência acumulada, o percurso de muitas viagens, desde as primeiras incursões, remotas buscas da própria identidade, até o momento atual, maduro e pleno. Faz renascer, com brilho e conotações novas, não só os imaginários engenhos que na sua linguagem predestinou a caminhar os céus, mas toda uma carga de intuição e sensibilidade que marca o espírito de sua obra.

Para alcançar o clímax de um processo que caminhou lenta e persistentemente, acredito que isto tenha exigido da artista um relacionamento mais profundo, e certamente mais penoso, consigo mesma e com a sua pintura. Impossível avaliar as sutilezas deste mergulho, o curso desta operação que veio redimensionar, paralelamente, todo um tempo de vida e de pintura.

Quanta indecisão, quanto medo, por detrás do gesto corajoso e seguro que ordenou mudanças e reinaugurou paisagens?

Sobre uma imensa superfície azul repousa uma viagem. O percurso taticamente mantido sem insinuações explícitas estabelece a possibilidade vital do voo criativo. O público caminhará na esteira do sonho.

---

<sup>36</sup> ALVIM, Celma. *Maria Helena Andrés – Pinturas*. Sala Manoel da Costa Athaíde, Espaço Integração, Museu da Inconfidência, Ouro Preto-MG, 29 jan. a 28 fev. 1988.



## O ABSTRATO DE ANDRÉS EM DESTAQUE NA BIENAL

Júlio Assis<sup>37</sup>

Os efeitos que uma bienal proporciona na produção artística são difíceis de dimensionar. Mas com esse objetivo, foi organizada, na 20ª Bienal Internacional de São Paulo, a sala especial com o tema *Pintura Abstrata/Efeito Bienal, 1954-1963*. O curador da sala, Casimiro Xavier de Mendonça, selecionou 23 artistas presentes nas bienais entre 1954 e 1963, que retornam com trabalhos do período. Entre eles, dois mineiros, Maria Helena Andrés e Celso Renato Lima.

A sala especial concentra seu enfoque no “Abstracionismo Informal” menos estudado que sua contrapartida, o Concretismo, e busca oferecer um amplo painel da pintura de época; assim além de Maria Helena e Celso Renato, participam: Anatol Wladislaw, Arthur Luís Piza, Danilo Di Prete, Iberê Camargo, Ivan Serpa, Tomie Ohtake, Yolanda Mohalyi, Wega Nery, Antônio Bandeira, Arcangelo Ianelli, Ernestina Karman, Frans Krajcberg, Henrique Boese, Laszlo Meitner, Loio Pércio, Maria Leontina, Manabu Mabe, Mira Schendel, Samson Flexor e Sheila Brannigan.

A trajetória de Maria Helena Andrés confirma o propósito da sala. Ela completa com essa participação presença em nove bienais, e lembra que na primeira, em 1951, apresentou uma série figurativa intitulada *Domingo no Parque*. Em seguida vieram as experiências gestuais. “As coisas fluíram naturalmente, espontaneamente, um desenvolvimento lento, inicialmente acompanhando o abstracionismo geométrico ou concretismo; depois traços mais estilizados até chegar ao abstracionismo informal”, conta.

Foi o caminho que a artista procurava:

O abstracionismo informal permite captar as coisas que estão acontecendo e revelar o inconsciente das pessoas, de maneira livre, solta. Através do informal é possível unir o mundo interior e o imaginário, um fenômeno de sincronismo que como a realidade pode ser violento e lírico —, define.

Sem abandonar o abstracionismo, Maria Helena transmitiu a suas obras essas diversidades de emoções em fases distintas e bem delineadas no seu percurso. Assim quem conhece a carreira da artista fala da fase da guerra e outra dos astronautas. A primeira ficou caracterizada no período do golpe de 1964. “Contra o que se passava no Brasil naquela época, criava gestos que traziam o sentimento de revolta”, recorda.

A fase dos astronautas ocorreu dois anos antes de um homem chegar à lua, quando os quadros sugerem naves espaciais e viagens interplanetárias, como símbolo de sonhos de dias melhores. Atualmente Maria Helena dá asas a seu contato com o oriente mais especificamente a Índia, país que visitou pela primeira vez em 1970. e que assumiu como filosofia de vida a partir de 1974. “Se eu mudei de lá para cá, os quadros mudaram, mas não porque tive a intenção de modificá-los em função da Índia e sim como sintoma da intuição”, observa.

---

<sup>37</sup> ASSIS, Júlio. O abstrato de Andrés em destaque na Bienal. *Hoje em dia*, Belo Horizonte, 19 out. 1989.

Para atender ao projeto da Bienal, Maria Helena escolheu dois trabalhos de sua produção dos anos 1960. Um é *Alvorada Vermelha* onde o vermelho incendeia a tela, e o outro, sem título, também da fase abstrata sugere velas num mar revolto.

### **Estudando e refletindo sobre a arte**

Mais do que apresentar seus trabalhos nove vezes na bienal, Maria Helena aproveita os convites para transformar o evento num centro individual de estudos e reflexões sobre arte. Ela já tem até receita de como ir além de um mero observador: “A Bienal deve ser visitada com um sapato de salto baixo, aconselhável para andar bastante, estudar, analisar e fazer muitas anotações”.

A boa observadora publicou dois livros de suas experiências: *Vivência e Arte*, Editora Agir, 1965, e *Os Caminhos da Arte*, Editora Vozes, 1977. Após conhecer o oriente, escreveu *Pepedro nos Caminhos da Índia*, publicado em 1983 pela Civilização Brasileira, e mais tarde um estudo da integração de culturas *Oriente/Ocidente*. Procura agora uma editora para uma retrospectiva de 40 anos de dedicação à arte, elaborada com a ajuda da filha, Eliana Andrés, e intitulada *Arte e Reflexões*.

O novo livro terá textos em português e inglês, enquanto procura editor no Brasil, Eliana Andrés já tem proposta de publicação em Nova York. Eliana Andrés selecionou trechos de textos da artista publicados em outros livros, onde faz reflexões sobre a arte. A obra traz ainda dados biográficos e reproduções de trabalhos representativos de Maria Helena Andrés.

Natural de Belo Horizonte, ela fez suas primeiras exposições individuais em 1947 e não parou mais. Mostrou seus trabalhos nos Estados Unidos, França, Itália, Espanha, Chile e Índia. Tem quadros no acervo permanente do Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; Palácio da Alvorada, em Brasília; Museu de Arte Moderna, em São Paulo; Museu de Seattle, Estados Unidos; Museu de Arte Contemporânea, em Santiago, no Chile.

Em Belo Horizonte, a artista tem quadros no Museu de Arte e dois painéis públicos, um na Cemig e o outro no Aeroporto Internacional de Confins. Maria Helena Andrés é professora da Universidade Internacional Holística de Brasília e recentemente esteve na Amazônia, onde ofereceu um curso sobre arte no Porto Trombetas.

Desde que conheceu a Índia, Maria Helena Andrés defende, sempre que pode, uma maior integração entre o Brasil e aquele país. Não são poucas as oportunidades de divulgar suas ideias, pois constantemente é convidada para fazer palestras e dar cursos.

Há razões desconhecidas que promovem semelhanças entre povos muitas vezes distantes, como a Índia e o Brasil. As terras parecem irmãs... Quando estivemos no vale do Jequitinhonha, em Minas, pudemos sentir, a cada instante, um elo entre as duas culturas, na dança, na música, nos desafios cantados, no artesanato, na organização familiar e nas festas populares —, escreveu.

Como artista plástica, Maria Helena Andrés estudou desenho e pintura, com Carlos Chambelland, no Rio de Janeiro, e com Alberto da Veiga Guignard, em Belo Horizonte. Participou de um curso de pintura na Art Student League, de Nova York, e de 1956 a 1970 ensinou desenho na escola Guignard.

## *Uma grande escola. Analisando a exposição em São Paulo*

Maria Helena Andrés<sup>38</sup>

Considero a Bienal de São Paulo como a grande escola que me possibilitou crescer dentro da arte. Residindo em Belo Horizonte, longe dos grandes centros, eu via na Bienal a possibilidade de conhecer o que se fazia no mundo todo em matéria de arte. O fato de estar participando era a motivação para descer as montanhas e passar o mês inteiro em São Paulo, contemplando as grandes mostras nacionais e internacionais.

Tomava notas, escrevia, buscando um contato direto com as diferentes expressões artísticas dos diversos países do mundo. Revivendo o passado, posso afirmar que a minha visão holística da arte nasceu da oportunidade de comparar, confrontar e integrar tendências artísticas diversas, buscando sempre a unidade na multiplicidade.

Meus quadros sofreram transformações espontaneamente do figurativo para o abstrato, em busca de novos caminhos. O fato de me dedicar à vida familiar e me concentrar no processo interno da arte abriu um espaço maior para a reflexão. Desta necessidade de refletir sobre o processo artístico, surgiram dois livros, o primeiro editado pela Agir, em 1966, e o segundo pela Vozes, em 1977. O fato de escrever não me limitou o contato diário com a pintura e o desenho.

A Bienal foi testemunha do meu caminho. Esta é a nona vez que participo. Agora, minhas indagações se ampliaram para novos horizontes. A visão da arte universal abriu perspectivas novas para a necessidade de comparar e integrar Oriente- Ocidente. Buscando conhecer de perto as nossas origens orientais, vivenciei "o caminho das Índias" feito pelos portugueses. Esse interesse pela Índia me afastou por alguns anos da necessidade de expor em São Paulo e Rio de Janeiro.

Desta vez, a Bienal me convidou para uma sala especial, numa coletiva com os pioneiros da arte abstrata no Brasil. Estou feliz por estar novamente presente em São Paulo, nesta mostra histórica; será uma grande oportunidade de estudo da evolução dessa tendência artística que se transformou, ao longo do tempo, em manifestações diversificadas da mesma necessidade de busca interna.

---

<sup>38</sup> Texto da artista, especial para o jornal *Hoje em Dia*. Belo Horizonte, 19 out. 1989

## DÉCADA DE 1990



*S/Titulo*, acrílica s/tela, 1999. Coleção Rodrigo Figueiredo

## MARIA HELENA ANDRÉS

Ramón Garriga Miró<sup>39</sup>

Maria Helena Andrés es ya un despliegue personal y una concepción del mundo en que se juntan afinidades y raíces profundas telúrico-históricas-luso-hindú-brasileñas con mandala incluido, como el SER de los filósofos pre-socráticos, redondo él, único, omnipresente, que descansa su luz en unos paisajes, terrestres y marinos a la vez, de puesta de sol trágica, guerrero o bélico, tradicional y moderno, ejemplificando lo mismo en el trazo, trazos pictóricos, de origen barroco-romántico-expresionista, y en el uso de los colores fundamentales: azul, rojo, amarillo, matizados soberanamente, a veces azules con matices de verdes, los cuales expresan, comunican con una dialéctica del Sí y el No, que el mundo es una sucesión de catástrofes, luchas, de contrarios, y que el agua, el aire, el fuego y la tierra siguen siendo los quatros elementos primordiales y únicos.

---

<sup>39</sup> MIRÓ, Ramón Garriga. Maria Helena Andrés. In. *Exposição de pinturas*. Fernando Pedro Escritório de Arte, Belo Horizonte, 18 maio a 07 jun. de 1991.

## NOVO OLHAR SOBRE A OBRA DE ANDRÉS

Walter Sebastião<sup>40</sup>

Em 1951 acontecia a primeira Bienal de São Paulo, criada com o objetivo de colocar o Brasil em contato com a produção internacional. Uma peça do suíço Max Bill, *Unidade Tripartida*, daria ao autor o Grande Prêmio de Escultura. Foi tomada quase como logomarca da tendência que seria a “sensação” do evento: a abstração geométrica, mote guerreiro do jovem construtivismo do Brasil. Uma mineira não só participava da exposição como estava integrada ao movimento: Maria Helena Andrés.



S/título, acrílica s/tela 1991. Coleção particular

O que foi clareza de formas surgida da gradativa simplificação dos temas figurativos, nove anos mais tarde sofreria uma transformação radical: abandono do concretismo e adesão à abstração informal, insatisfação com o racionalismo e gradativo interesse pela espiritualidade e libertação. A menina, ex-estudante do Colégio Sacré-Coeur de Marie, que aos 12 anos tinha um professor acadêmico, aos 16 desenhava artistas de cinema, aos 22 integrava a primeira turma de Guignard, flertava agora com jovens pintores americanos da chamada *action painting*.

“Foi na Art Student League, de Nova York, onde estive por quatro meses, que vi pela primeira vez os jovens artistas, sob direção de Theodoros Stamos, pintando telas enormes, na hora, sem premeditação”, recorda Maria Helena Andrés. “Este grito de independência para libertar a cor e a forma de qualquer significado foi muito importante para a minha pintura. Foi uma nova conquista de liberdade, abertura para o novo, para a vivência do agora”. O desenvolvimento do trabalho vai trazer novas observações que radicalizam uma opção pelo moderno.

“Academismo é ceder à pressão externa. O importante é desenvolver o espírito de liberdade, ser fiel à sua verdade íntima. Para mim, o caminho da arte é um liberte-se

---

<sup>40</sup> SEBASTIÃO, Walter. Um novo olhar sobre a obra de Andrés. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 maio 1991.

do passado, a conquista do novo a cada dia. Se não é um novo absoluto que pelo menos seja a renovação de um caminho pessoal”, explica a autora. Para Andrés, na tradição do Ocidente, o aparecimento da abstração significa abertura para o conhecimento de origens, em muitos planos, em especial no sentido de compreender as culturas ditas primitivas e o sentido espiritual da vida e arte.

Como consequência “teórica” e existencial do informalismo, a pintora volta-se para a filosofia e para o Oriente. Surgem então as viagens à Índia, nove delas, a primeira em 1970 e a última em 1991, consideradas decisivas para sua evolução. O resultado mais nítido é a proposta de integração da arte com a vida, mediação feita pela espiritualidade, entendida como possibilidade de ampliação da consciência (cós mica, ecológica, planetária e universalista), motivações que Maria Helena Andrés desenvolve inclusive em dois livros.

Relutante, mas com bom humor, a pintora conta que tem 68 anos, nasceu junto com a Semana de Arte Moderna e no ano em que Krishnamurti entrou em consciência cósmica (“e eu sou muito ligada às ideias dele”). Sobre os novos trabalhos, informa que são desdobramentos de desenhos em preto e branco, apresentados anteriormente no PIC. Um pouco como contrapartida surgem agora pinturas de colorido intenso, sem que exista conflito entre as duas pontuações que, como lembra a própria autora, reafirmam um processo de criação que conjuga desenho e pintura.

“O desenho está mais ligado à mente; e a cor, à emoção. Para dar um passo à frente tenho que ligar o mental ao espiritual”, completa, lembrando que é uma experiência pessoal. Nas telas apresentadas está a pintora hábil no trato das cores e da superfície, na dedicação ao estabelecimento de uma plasticidade atravessada de conotações atmosféricas e até figurativas. A ponta positivamente radical fica por conta de três telas, onde a artista investiga a “dinâmica das cores” avançando em relação ao conquistado até agora.

Vale lembrar que, no currículo da artista, está a participação em nove bienais de São Paulo, três delas em salas especiais, sendo a última em 1989, em mostra dedicada aos pioneiros da abstração no Brasil. Sobre o evento paulistano, Maria Helena Andrés conta que ele teve papel muito importante, no sentido de abrir caminhos para conhecer de perto o que antes só era conhecido por reprodução. Mais até: acha que a Bienal permitiu um contato com a arte de todas as partes do mundo e não apenas dos centros tradicionais de produção.

Maria Helena Andrés está mostrando pinturas no Fernando Pedro Escritório de Artes (rua Deputado Wilson Tanure, 144, Pampulha). Na próxima sexta-feira, ela faz no local, palestra que leva o título de *Meu Caminho na Arte*.

### **A cultura brasileira não é uma colcha de retalhos**

É bom ser artista no Brasil. É um país aberto à integração de tudo o que acontece no mundo, que é incorporado mas de uma forma brasileira. O brasileiro é muito criativo, tem receptividade para o novo, tem esta capacidade, de integrar, de fazer sínteses. Eu sinto muita dificuldade de fazer essas sínteses num país como a Índia, que tem uma tradição muito forte. A cultura brasileira não é uma colcha de retalhos, é recriação de tudo e capacidade holística de integração.

### **A arte sempre aponta direções para a vida**

A abstração foi o primeiro passo para o nosso encontro com o mundo oriental. A arte sempre aponta direções para a vida. O meu interesse pela pintura abstrata abriu espaço para estudos e reflexões sobre arte e meditação, arte e espiritualidade. Integrar filosofia e arte sempre foi uma constante no meu caminho. Os dois livros publicados (*Vivência e arte*, 1965, Agir, e *Os Caminhos da Arte*, 1977, Vozes) dão testemunho disto.

### **Sou aluna de Mestre Guignard**

Até 1944, quando comecei a estudar com Guignard, em Belo Horizonte, eu tinha uma formação acadêmica. Percebi que esse não era o meu caminho. Ele foi quem possibilitou uma outra visão da arte, dando oportunidade a cada aluno de seguir a sua tendência. Tanto que uns são paisagistas, outros figurativos e um pequeno grupo se tornou abstracionista. Guignard assistiu a tudo sem interferir. Para mim, ele foi o primeiro passo para a liberdade de expressão tão necessária a qualquer artista. Guignard foi mestre e psicólogo, possibilitando a cada um o despertar de sua personalidade, sem interferência. Artistas de sua primeira turma se tornaram abstracionistas: Mário Silésio, Mary Vieira, Marília Giannetti, Amílcar de Castro e eu.

### **Um sentimento que não pode ser traduzido em palavras**

Arte para mim significa antes de tudo meditação, a possibilidade de expressar através de formas e cores um sentimento que não pode ser traduzido em palavras. Não existe separação entre arte e espiritualidade, porque ela nos conduz à origem da vida. Ela está presente em todos os mitos da criação. No mundo ocidental cristão, o primeiro escultor foi Deus, criando Adão do barro. Na mitologia hindu, Shiva Nataraja criou o universo dançando. Arte é uma forma de autoconhecimento e expansão da consciência e é justamente neste despertar de consciência que ela se abre diretamente para o mundo espiritual.

### **Arte em Minas**

A própria situação geográfica de Minas e a ecologia local nos colocam numa posição reflexiva diante da arte e da vida. O mineiro não tem as mesmas possibilidades de mercado e de contato com as grandes mostras internacionais, mas, por outro lado, segue seu caminho próprio, independente, conservando antes de tudo a liberdade interna. Acho importante esse afastamento, ele nos possibilita refletir melhor e avaliar o nosso próprio processo de arte.

### **Anos 80: uma abstração com muita coragem**

Houve nos anos 80 uma retomada da abstração com muito mais coragem e incentivos. Nos anos 70, a arte deixou os cavaletes e *ateliers* para fazer propostas conceituais, visando a uma abertura de consciência do cidadão quase sempre absorto em seus condicionamentos. Nos anos 80, houve a retomada da pintura. A abstração pura, sem nenhuma alusão à figura, seria talvez a necessidade de um retorno à infância, à espontaneidade da criança. Nada acontece por acaso e o caminho da arte moderna seguiu sempre



como um roteiro de vida: viver o “agora”, despojar-se dos conceitos, penetrar o mundo inconsciente, resgatar a criança que existe em nós. A Geração 80, retomando a abstração, trouxe à tona o gestual expressionista e a escrita oriental, uma proposta não verbal de encontro Leste-Oeste<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> Em destaque, depoimento de Maria Helena Andrés para Walter Sebastião.

## NOVOS CAMINHOS DA TERRA

Célia Laborne Tavares<sup>42</sup>

A artista Maria Helena Andrés acompanhou boa parte do Fórum Global da Rio-92 e agora nos dá o seu depoimento sobre o que viu através da grande sensibilidade que a caracteriza. Ela pôde perceber que estamos vivendo uma época de integração e síntese, o que foi sentido por todos os participantes da Eco que reuniu grandes nomes do poder, tentando resolver a crise mundial do momento: a destruição do planeta Terra, pela ignorância do próprio homem.

Enquanto os governantes discutiam no Riocentro os destinos do mundo, no Aterro da Glória muitos assistiam ao encontro de várias tendências sociais e espirituais do ser humano buscando, antes de tudo, a consciência da unidade. Todos já compreendem que a crise é global, portanto interessa a homens, mulheres e crianças de todas as raças e nacionalidades. Aliás, as crianças estiveram muito presentes e deram valiosos recados, diz a artista.

A ilusão da separatividade e o egoísmo, causadores da desordem a que chegamos, cederam lugar, no Rio, à compreensão da nossa unidade com a natureza, com todos os seres vivos e com o universo. Velhos conceitos mentais foram caindo pela própria força integradora do atual processo do mundo em mutação.

Diz Maria Helena Andrés que foram distribuídos folhetos com a declaração do “Sagrado Encontro da Terra”, com dizeres assim: “Acreditamos que o Universo é sagrado porque é Uno. Acreditamos na santidade e integridade da Vida”. No Palácio Tiradentes, diz ela, na cerimônia dedicada à imprensa, jornalistas do mundo inteiro participaram do encontro das religiões. Cada um transmitia as mensagens em sua própria língua, pois havia tradutores para o inglês, francês, alemão, espanhol etc. Todos viram que é necessário que a mensagem de paz e de busca da unidade seja divulgada por todos os cantos da Terra. O encontro ecológico da Rio 92 não permitiu que se traçassem limites, diz a artista. A terra é una, pertence ao Universo, e era preciso celebrar esta unidade com amor e respeito.

O encontro das várias religiões permitiu que cantassem todos juntos a celebração de Deus Uno, onipotente e onipresente. Foram derrubadas as barreiras erguidas pelos donos da verdade. A mesma energia criadora e transformadora estava presente em cada um.

Dalai Lama, o grande líder espiritual tibetano, conduziu as pessoas à compreensão de uma tomada de consciência do homem integral deste fim de milênio. Ele disse que não há necessidade de templos, que o templo é o próprio coração do homem; “Até o homem que não tem crença nem fé, se tiver compaixão, estará bem”.

Com a derrubada das ideologias podemos, hoje, chegar a um estado de maior compaixão, de alegria espontânea, pelo próprio fato de existir. Compaixão é sentir o outro como parte de nós mesmos, é perceber a vida de forma global, sem as divisões criadas pelo apego e a necessidade de poder. É preciso encontrar dentro de nós a inocência das crianças. Atuar dentro desta energia é uma das propostas do grande encontro, afirmou Maria Helena Andrés.

---

<sup>42</sup> TAVARES, Célia Laborne. Novos caminhos da Terra. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 jun. 1992.

A voz das crianças foi ouvida em todas as reuniões da Eco. No Fórum Global, elas saudaram a chegada do navio Viking, e, no Palácio Tiradentes, crianças do jardim da infância pediram aos adultos o direito de viver, de sobreviver nos anos futuros.

Muitos puderam perceber que a fonte da sabedoria existe dentro de cada um em estado latente, permanece sempre pura e tranquila, não importa quão variadas possam ser as condições e as circunstâncias criadas pelos homens.

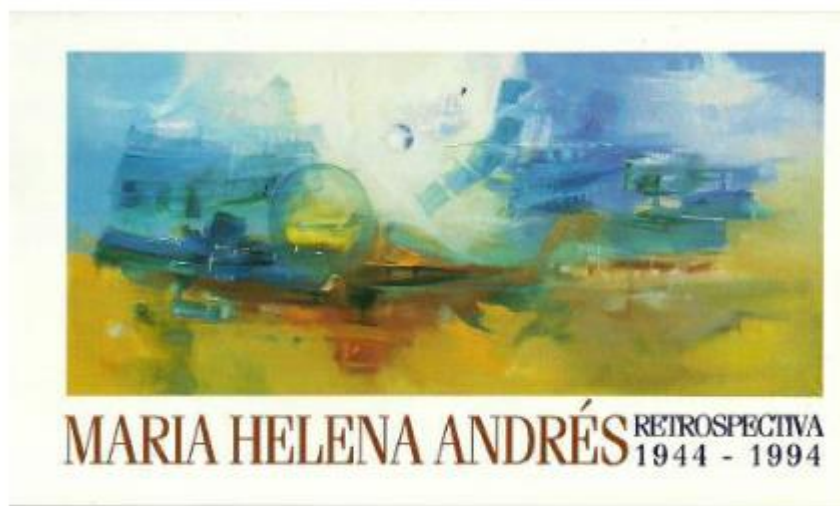
O corpo e a mente poderão desaparecer, diz Maria Helena, mas a verdadeira essência do ser humano não poderá ser destruída. A caminhada para esta verdadeira essência reuniu no Rio grandes e pequenos, ricos e pobres. Vimos de uma mesma fonte e a ela vamos todos retornar, homens, plantas e animais.

O encontro ecológico da Rio 92 transcendeu todas as reivindicações nacionais, culturais, sociais, políticas e religiosas. Quem observou com atenção pôde sentir o movimento da vida exigindo, antes de tudo, a tomada de consciência de que somos uma só família, que a Natureza nos foi dada como uma benção, visando a um benefício global e não a uma fonte de lucro para poucos.

Concluimos assim que a própria Natureza, agredida e desrespeitada pela mão do homem, está nos oferecendo agora, como grande mãe, a possibilidade de reconhecimento de nossos erros e a sintonia com os níveis mais profundos de nossa essência espiritual.

## MARIA HELENA ANDRÉS. LUMINOSIDADE E POESIA

Cristina Ávila<sup>43</sup>



Capa do folder da exposição *Maria Helena Andrés. Retrospectiva 1944-1994*, Palácio das Artes, Belo Horizonte, 1994

Maria Helena Andrés, nascida em Belo Horizonte, Minas Gerais, começou sua atividade artística cedo, em inícios dos anos 40. Estudou no Ateliê de Carlos Chambelland no Rio de Janeiro e na Escola Guignard de Belo Horizonte, tendo como mestres Guignard e Edith Bhering.

Sua sensibilidade artística logo compreendeu a importância da liberdade na criação. A princípio a lição do mestre Guignard foi acatada com discrição e perfeição técnica, distinguindo-se o traço pessoal da artista pela leveza compositiva, os fundos transparentes e uma contida expressividade abrindo-lhe uma trajetória lírica, onde o fazer artístico transborda em luminosa poesia.

Da figuração lírica dos primeiros tempos ao rompimento com a tradição do desenho de Guignard não foi necessário um longo trajeto. Já nos anos 50, a série *Cidades Iluminadas* marcaria a passagem pelo concretismo sem, no entanto, se voltar a uma rigidez que apagasse o tom poético que confere um caráter intimista a toda a sua obra. Tocada pela beleza plástica de um Mondrian, Maria Helena concilia nesta fase linhas e cores numa esquematização formal apropriada a uma síntese compositiva plena de organização.

A inquietude da artista logo a levaria ao rompimento com o geometrismo e a opção pela pintura gestual delimitaria os anos 60, após viagem de estudos aos Estados Unidos, onde recebe a orientação de Theodoros Stamos em Nova York. Esta fase impulsionaria superfícies de matéria espessa e agitada aproximadas do que se convencionou chamar de Expressionismo Abstrato.

---

<sup>43</sup> ÁVILA, Cristina. Maria Helena Andrés. Luminosidade e Poesia. In: *Exposição retrospectiva de Maria Helena Andrés – 1944-1994*. Palácio das Artes, Secretaria do Estado de Cultura de Minas Gerais, Secretaria Municipal de Cultura, Fernando Pedro Escritório de Arte, Belo Horizonte, 06 a 23 out. 1994.

Os anos 70 e 80 caracterizariam o interesse pelo estudo do oriente, com a realização de viagens culturais à Índia que ampliariam as possibilidades do fazer artístico agora voltado à abstração lírica plena de luz. A experiência de vivências reflexivas sobre a arte e a cultura indiana indicaria ainda o caminho para a introspecção necessária ao conhecimento interior, que aparecerá em diversos artigos e publicações de maior fôlego levando sua criação a uma espontaneidade maior que transparece nas obras atuais, onde o gesto livre, porém reflexivo, se evidencia em trabalhos como *Luz do Amanhecer* ou em variações icônicas sobre temas místicos como as mandalas e outras formas circulares.

Com intensa atividade artística, verificável através de seu extenso currículo onde constam participações em bienais, exposições coletivas e individuais no Brasil e no exterior, prêmios e distinções de toda espécie, Maria Helena Andrés destaca-se como uma das mais importantes pintoras brasileiras, cuja obra correta e sensível perpassa por um universo lírico pleno de luminosidade e poesia. A exposição que ora se apresenta é, sem dúvida, evento dos mais significativos para o panorama da arte brasileira, onde o nome da artista se inscreve definitivamente.

## “MEDITAÇÕES” DE MARIA HELENA ANDRÉS

A artista e escritora, que expõe 15 obras inéditas, fala da carreira de cinco décadas e de suas vivências místicas

Alécio Cunha<sup>44</sup>

Aos 73 anos, completados na última terça-feira, quando concedeu esta entrevista, no Fernando Pedro Escritório de Arte — onde realiza sua mais recente exposição —, a artista plástica mineira Maria Helena Andrés não para. Continua pintando diariamente, na sua casa-ateliê localizada no Retiro das Pedras, condomínio residencial entre Belo Horizonte e Brumadinho, ao mesmo tempo em que se prepara para relançar o livro *Os Caminhos da Arte*, publicado originalmente em 1977, pela Vozes.

Nesta mostra, a artista apresenta uma série de 15 pinturas inéditas, realizadas no ano passado, quando chegou a 50 anos de carreira. Marcados pela gestualidade, esses trabalhos têm em seu interior dois símbolos ancestrais: a cruz e a mandala. A influência da religiosidade e do orientalismo nas obras de Maria Helena não são novidade desde 1961, quando, em uma viagem aos Estados Unidos, ela incorporou ao seu trabalho as formas abstratas.

Nesta entrevista, Maria Helena Andrés, que ensina pintura na Universidade Holística de Brasília, dirigida por Pierre Weil, fala sobre os rumos de sua carreira, a importância da filosofia oriental em seu percurso, seus projetos literários e o mercado de artes plásticas em Belo Horizonte.

Participante da primeira Bienal de São Paulo, em 1951, Maria Helena é, hoje, presença obrigatória em coleções particulares em todo o país.

AC – Nos anos 40, a senhora estudou com Guignard. Hoje, 50 anos depois, o que ficou daquele aprendizado?

MH – Ele dava disciplina e liberdade ao mesmo tempo. Essa fusão é importante para todo artista. O lápis duro que Guignard usava servia como um afinar de sensibilidades. Guignard não dava palpites, fazia a gente descobrir a nossa tendência. Se estivesse vivo, seria mestre na universidade. Mais do que ninguém, Guignard vislumbrava a coisa nova, a individualidade que se revela nos diversos temperamentos humanos. Ele nunca perdeu a inocência das crianças. Durante toda a sua vida, manteve a espontaneidade criadora.

AC – Quem eram seus colegas no aprendizado com Guignard?

MH – Numa fase inicial, Mário Silésio, Mary Vieira, Marília Gianetti Torres, Amílcar de Castro, Nelly Frade (já falecida), Wilde Lacerda, Chanina. Em um segundo momento, Sara Ávila e Yara Tupynambá. Quase todos se tornaram independentes de Guignard.

AC – A senhora começou sua carreira lidando com o figurativo. Como foi seu contato com a abstração? E que papel a abstração teve em sua trajetória?

---

<sup>44</sup> CUNHA, Alécio. *Meditações de Maria Helena Andrés*. Belo Horizonte, *Hoje em dia*, 08 ago. 1995.

MH – Introduzida no Brasil na década de 50, através das bienais de São Paulo, a arte abstrata manifestou-se como uma linguagem universal, sem fronteiras. Era necessário que o mundo das formas visuais desaparecesse das telas para que a cor, a linha, a mancha e a textura pudessem ter sua linguagem própria, como a música. Refletindo sobre a introdução do abstracionismo no Brasil e sua influência na arte mineira, procurei situar minha pintura dentro desse contexto. A passagem do figurativo para o abstrato realizou-se espontaneamente, buscando na linha contínua a simplificação da figura. A fase concretista significou para mim uma depuração da cor e da linha dentro de grande rigor técnico. Desde aquela época, minha pintura aproximou-se da música. Depois de esgotada a fase concretista, busquei a espontaneidade gestual. A pintura abstrata possibilitou-me mergulhar no mundo inconsciente em busca de autoconhecimento.

AC – A música interfere no seu ato de pintar?

MH – Gosto de pintar ouvindo música, geralmente mantras indianos. O pincel segue o ritmo da música.

### **“O artista vive a paisagem”**

AC – Como se deu o encontro entre Oriente e Ocidente na sua pintura?

MH – Em 1961, matriculei-me na Art Student League, de Nova Iorque, onde estudei com Theodoros Stamos e conheci a *action painting*. Foi a grande experiência de libertação da forma e a vivência da abstração plena, o caminho direto, sem conceitos ou memórias. O modelo ali estava à disposição dos alunos, mas ninguém se preocupava com ele, pintávamos o que sentíamos. A síntese Oriente-Ocidente começou a me influenciar a partir dessa viagem aos Estados Unidos.

AC – O fato de a senhora morar num lugar tão bucólico como o Retiro das Pedras interfere em seu processo de criação?

MH – Interfere. É maravilhoso eu poder olhar para a minha janela e, quando é primavera, ver o Retiro cheio de margaridas. Eu não pinto o que eu vejo, mas o que eu sinto quando vejo. O artista pinta os olhos do mundo. Ele tem de viver a paisagem.

AC – A senhora ainda lida com a figuração?

MH – A arte é, antes de tudo, um chamado interno, uma forma de expansão da nossa própria consciência. Às vezes eu pinto flores; o que me dá vontade, não é por encomenda.

AC – E seus projetos literários?

MH – Há dois anos, lancei *Encontro com os mestres do Oriente*. Agora, estou preparando um relançamento de *Os caminhos da Arte*, publicado em 1977. São vários ensaios sobre as múltiplas possibilidades da arte. Essa edição vai ser mais completa, com novos textos. Ainda pretendo escrever mais sobre a Índia.

AC – Quais são seus autores prediletos?

MH – Gosto de Krishnamurti. E dos escritores que falam sobre o sertão... Guimarães Rosa, Mário Palmério, Rachel de Queiroz. Da poesia de Cecília Meireles, de Autran Dourado.

AC – E o cinema, Maria Helena?

MH – Adorei *O Pequeno Buda*, de Bernardo Bertolucci. Quando ele esteve no Brasil, ano passado, participando do Festival de Cinema de Brasília, eu o conheci pessoalmente. Gostei muito também de *O Menino Maluquinho*.

AC – Qual sua opinião sobre o mercado de artes plásticas em Beagá?

MH – Há um mercado que corresponde ao que o país está vivendo. Os artistas não estão vendendo muito. Tem que haver mais estímulo. Mas é uma questão delicada que é preciso ser vista sobre outros ângulos.

### **Veleiros num oceano abstrato**

Rigor, poesia e liberdade gestual são algumas das características da múltipla Maria Helena Andrés. Nesta mostra, a transparência dá origem a um belíssimo jogo entre o que é sentido e o que é pintado, o invisível e o visível. Abstratas, com destaque para uma imensidão de emblemáticos azuis, as telas não se limitam a um mero jogo cromático. Símbolos de uma ancestralidade como mandalas e de uma religiosidade sempre presente como cruces recheiam o tecido pictórico destes trabalhos.

Uma imagem chama a atenção. Como ilhas de figuração em um oceano abstrato, aportam na pintura de Maria Helena Andrés pequenos veleiros. Projeções do inconsciente, reflexos de uma visão em que o olhar da artista possa ter captado em tempo pretérito, estas barcarolas mostram que Andrés possui a vivência plena do fazer abstrato.

São 50 anos de exercício pictórico num trabalho que começou figurativo, mas foi teimando em descobrir outros territórios. Munida de seus pincéis e seu poder de observação dos seres e das coisas que a rodeiam, Maria Helena Andrés desnudou a abstração com o mesmo lirismo que existia em suas pinturas figurativas, da época em que ainda era aluna de mestres como Alberto da Veiga Guignard ou Edith Bhering.

Em países como a Índia, a China e a Tailândia, a artista foi buscar mais munção (espiritual e temática) para transformar sua pintura em uma terra de contrastes de culturas e modos de ver distintos. A superfície das telas de Maria Helena Andrés recebe com carinho o encontro entre Oriente e Ocidente, olhares que se contrastam em um parto étnico e estético. Os frutos, bem maduros, merecem ser vistos.



## UMA HOMENAGEM ABSTRATA

Bárbara Ariston<sup>45</sup>

A mineira Maria Helena Andrés é uma das artistas plásticas que participam da coletiva no Museu Nacional de Belas Artes, em homenagem ao mestre Alberto Guignard. Mas a obra que a pintora escolheu para expor em nada lembra o figurativismo da década de 40. O quadro é *Energia Concentrada*, um abstrato sobre a formação de novas galáxias. “Na década de 60, eu me libertei e passei a buscar a pintura mais espontânea, com menos disciplina geométrica, mais solta”, conta. Com mais de 50 anos de carreira, ela diz ter encontrado hoje na arte o reabastecimento de sua energia. “As artes plásticas possibilitam o prolongamento da idade. Arte não é só pintar e vender, serve principalmente para abrir a consciência”, acredita.

Depois de criar seis filhos e acompanhar o crescimento de cada um de seus onze netos, Maria Helena diz ter uma vida tranquila. “Eu pinto diariamente no Retiro das Pedras, onde moro, a vinte minutos de Belo Horizonte. É o lugar com o pôr do sol mais maravilhoso que já vi”, diz. Antes disso, quando os filhos eram pequenos, as sessões de pinturas eram mais agitadas. “Tínhamos um quintal enorme, com um muro de 60 metros de fundo. As crianças desenhavam o que queriam nele, até o dia em que eu pintasse tudo de branco. Aí começavam tudo de novo”, lembra, divertindo-se. Ela garante que mesmo entendendo do assunto, nunca os orientou. “Criança tem muito talento artístico, tudo que a gente precisa fazer é dar a oportunidade e o material”, diz.

Esse processo marcou o estilo de trabalho de Maria Helena. “A tela branca é um encontro com o inconsciente, as manchas vão surgindo. É como se fosse uma viagem para um mar desconhecido, onde você não sabe o que vai acontecer.”

A artista só se afasta das telas quando viaja: “É bom para descansar um pouco da tinta, que mesmo sendo acrílica, intoxica”. E o roteiro preferido é o que leva à Índia (a primeira vez foi em 1970), para onde já viajou mais de dez vezes. “Fui pesquisar, procurar saber mais sobre a história do Brasil a partir de outra perspectiva. Descobri uma grande influência histórica, afinidades culturais, de comportamento, clima, uma aproximação entre o Oriente e o Ocidente”. Do aprendizado surgiu em 1984 o livro *Oriente/Ocidente, integração de culturas*, que mostra, através de pequenos textos e ilustrações, a relação entre Brasil e Índia.

Maria Helena conta que sua carreira acabou se dividindo em cinco fases, que representam os elementos da matéria. Houve a fase da terra, quando pintava flores e paisagens; depois veio a água, com os barcos e marinhas; o fogo, nos quadros de guerras; e o ar, com as representações do espaço. “Agora estou na fase éter, pintando mandalas, e que encerram um ciclo; são uma reunião de tudo que fiz”, explica. “Como em um sonho, em que você junta psicologicamente tudo que vive, a mandala é uma forma fechada que contém um pouco de cada fase que eu pinte”.

Mas isso não significa que ela pense em parar de pintar. “A arte desenvolve a consciência e não deixa envelhecer”, acredita. E as lições não param por aí. Segundo a artista, a arte não precisa necessariamente virar um objeto artístico: importante é o processo, o trabalho. “O que fica é o aspecto espiritual”, conclui.

---

<sup>45</sup> ARISTON, Bárbara. Uma homenagem abstrata. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1997.

## O MUNDO ZEN DE MARIA HELENA ANDRÉS

Rui Santana<sup>46</sup>

O pôr do sol de inverno refletia cores fortes e envolventes. Atmosfera serena, profunda, iluminada. O *atelier* de Maria Helena Andrés é uma nave solta no espaço. Suas pinturas, o mar de montanhas nas molduras de portas e janelas abertas nos mostram a interação da artista com o universo em que vive.

No Retiro das Pedras, região metropolitana de Belo Horizonte, Maria Helena cria imagens contínuas, com profundidade. Um mundo de cores e atmosferas mágicas. Suas pinturas são mensagens do inconsciente, aberturas da percepção visual. Seu caminho de criação é a intuição, a espiritualidade, a comunhão do visível com o invisível. Filosofia, ciência, religião e arte. Tudo ao mesmo tempo é a sua expressão.

O mundo que aparece nas suas telas é único, porque “o momento do trabalho é único”.

Maria Helena Andrés pinta buscando contato com a sua intimidade. Com sua espiritualidade. E esse momento é iluminado pela cor e pela gestualidade.

“Não posso passar sem cor. Às vezes faço uma dieta de preto e branco, mas eu gosto mesmo é da cor”.

Se fosse possível, pintava o tempo todo. A pintura traz energia. Vida nova. É uma viagem por caminhos variados e desconhecidos.

“A superfície da tela é o ponto de partida daquilo que o pintor conhece para o desconhecido que ali aparece”.



*S/título, nanquim s/tela, 2000. Coleção particular*

---

<sup>46</sup> SANTANA, Rui. O mundo Zen de Maria Helena Andrés. *Palavra*, Belo Horizonte, Ano 1, n. 6, set. 1999, p. 52- 55.

A obra é o encontro do artista com o mundo de forma singular. É o sincronismo com o tempo. Autoconhecimento. Maria Helena usa a tinta livremente. Sua pintura é abstrata e intuitiva. Ela comunga a filosofia do acaso. Afasta o pensamento e executa a alquimia de cores e formas sobre a tela. Traz sensação de paz.

“Às vezes um espaço vazio sem cor e sem gesto cria uma pausa para a meditação”.

Maria Helena viajou o mundo em busca de referências estéticas. Índia, Japão, Europa e América. Começou a pintar nos anos 40 e não parou mais. Foi aluna de Guignard e formou várias gerações de artistas plásticos. Expôs em vários países e suas obras estão em importantes museus no Brasil, Chile, França, Iugoslávia e Estados Unidos.

Ela acredita na arte como um instrumento de paz e união dos povos do planeta. Acredita que novos códigos vão sensibilizar os homens, mudando o rumo da humanidade e aproximando os seres humanos. Quebrando as barreiras de dogmas ultrapassados.

Seu caminho é para frente, em direção ao infinito.

## ANOS 2000



*S/Título*, escultura em aço, 2008, Acervo Instituto Valenciano de Arte Moderna, Valência

## O CÉU DE MARIA

Cosmos e criatividade são temas do livro que artista belo-horizontina lança hoje

Alécio Cunha<sup>47</sup>

No vocabulário da professora e artista plástica belo-horizontina Maria Helena Andrés, idade é sinônimo de experiência. Aos 78 anos, em plena atividade, a ex-aluna de Alberto da Veiga Guignard, lança hoje seu livro *Os Caminhos da Arte* (publicado pela editora mineira C/Arte).

Trata-se de edição revista e ampliada de obra publicada na década de 70 pela editora Vozes, pioneira ao discutir a fusão entre arte e espiritualidade e refletir sobre a importância da criatividade. Ao lado de *Criatividade e Processos de Criação*, da professora e gravadora Fayga Ostrower, o livro de Maria Helena Andrés, fora de catálogo desde o final dos anos 70, é adotado no currículo básico de cursos de Artes Plásticas e Educação Artística.

Na visão da pintora, arte é coisa do Cosmos. Em seu bucólico ateliê, no Retiro das Pedras, condomínio localizado entre Belo Horizonte e Nova Lima, adora pintar paisagens cósmicas, no limite entre abstração e figuração, ouvindo mantras indianos. “Os pincéis seguem o ritmo suave da música”, garante. Por isso críticos enxergam em suas pinturas um senso absoluto de musicalidade.

A Índia, descoberta pela artista no final dos anos 60, é perceptiva porta de entrada a outros mundos artísticos, sobretudo ao despertar da criatividade. Maria Helena já escreveu outro livro sobre o tema, *Encontro com Mestres no Oriente*, lançado em 1993.

“O exercício da criatividade é forma de encontro do homem consigo mesmo. A realidade interna que podemos também denominar de intuição não está lá fora, está dentro de nós. Gandhi referiu-se a ela como a voz interior”, conta.

Maria Helena Andrés lembra que sempre procurou escutar essa voz interior, dialogar com ela. “Ouço-a na meditação e trago à tona a sabedoria que estava mergulhada no silêncio. Esse despertar da intuição não é uma fuga, mas o encontro com a verdadeira realidade, aquela que ultrapassa as fronteiras do tempo e se projeta no infinito”, afirma.

A prosa de Maria Helena é repleta desses *insights* filosóficos.

O desenvolvimento de todas as potencialidades no campo espiritual é uma necessidade no mundo de hoje e está ao alcance de qualquer um. Esse encontro do homem consigo mesmo, seja através da meditação, da arte ou do trabalho, constitui forma de equilíbrio indispensável para a sua integração. O homem total é aquele em que corpo e alma se harmonizam —, explica.

Nos capítulos de *Os Caminhos da Arte*, ela traça um caminho que parte da arte rupestre ao advento do abstrato.

---

<sup>47</sup> CUNHA, Alécio. O céu de Maria. Belo Horizonte, *Hoje em dia*, 20 set. 2000. (Caderno de Cultura, p. 1 e 3)

Promovo um registro especial de importantes momentos da consolidação da arte moderna, considerando a importância de cada um deles para a definição de um novo caminho para as artes, o qual possa ser construído em constante integração com fenômenos atuais como as novas tecnologias —, afirma.

### **Ecos do Oriente marcam a obra da artista**

Oriente e Ocidente se encontram na trajetória da artista plástica mineira Maria Helena Andrés. Livros como *Os Caminhos da Arte*, pinturas e desenhos de várias etapas de seu percurso estético deixam claro sua opção pelo paradoxo da dualidade. A pintora lembra exatamente quando ocorre esta fusão em sua pintura, quando ela estudava em Nova Iorque no início da década de 60.

Em 1961, matriculei-me no Art Student League, de Nova Iorque, onde estudei com Theodoros Stamos e conheci a *action painting*. Foi a grande experiência da libertação da forma e a vivência da abstração plena, o caminho direto, sem conceitos ou memórias. O modelo ali estava à disposição dos alunos, mas ninguém se preocupava com ele, pintávamos o que sentíamos. A síntese entre Oriente e Ocidente começa a me influenciar a partir dessa viagem aos Estados Unidos, ponto de partida para várias viagens à Índia —, afirma.

Maria Helena Andrés salienta que arte e meditação podem ser sinônimos.

A arte se torna meditação, um encontro com a nossa própria essência. A autorrealização conseguida através da arte é a vivência desse ritmo interno, que se harmoniza com o ritmo da natureza, o canto dos pássaros, o sopro dos ventos, o movimento dos risos e a pulsação do planeta Terra —, filosofa.

A artista plástica lembra também os primeiros contatos com a abstração e o abandono (depois, incorporação) do figurativismo pelos elementos abstratos.

A arte abstrata manifestou-se como linguagem universal, sem fronteiras. Era necessário que o mundo das formas visuais desaparecesse das telas para que a cor, a linha, a mancha e a textura pudessem ter sua linguagem própria, como a música. Minha passagem do figurativismo ao abstrato realizou-se espontaneamente, buscando na linha contínua a simplificação da figura —, explica.

Maria Helena lembra com emoção do rigor de sua fase concretista.

Ela significou para mim uma depuração da cor e da linha dentro de grande rigor técnico. Desde aquela época, minha pintura aproximou-se da música. Depois de esgotada a fase concretista, busquei a espontaneidade gestual. A pintura abstrata possibilitou-me mergulhar no mundo inconsciente em busca do autoconhecimento —, diz.

A procura por si mesma abre espaço para esta comunhão entre a figura e a abstração. “A arte é, antes de mais nada, um chamado interno, uma forma de expansão de nossa consciência. Às vezes me dá vontade e eu pinto flores. E não é por encomenda”, confessa.

### **Imagem abstrata mantém lirismo**

Um triângulo muito especial marca a obra de Maria Helena Andrés. Rigor, poesia e liberdade formam os vértices desta paixão da artista pelo infinito. A transparência de suas pinturas dá origem a belíssimo jogo entre o que é sentido e o que é pintado, o invisível e o visível. Abstratas, com destaque à imensidão de emblemáticos azuis, as telas não se limitam ao mero jogo cromático. Símbolos da ancestralidade, como mandalas, e da religiosidade (cruzes) recheiam o tecido pictórico de muitos de seus trabalhos.

Uma imagem sempre chama a atenção e serve como metafórica introdução ao universo estético da artista. Como ilhas de figuração em um oceano abstrato, aportam nas pinturas de Maria Helena Andrés pequenos veleiros. Projeções do inconsciente, reflexos da visão em que o olhar do artista pode ser captado em tempo pretérito, estas barcarolas provam que ela possui a vivência plena do fazer abstrato.

No início, figurativa, a artista teimou em descobrir outros territórios. Munida de seus pincéis e de seu arguto poder de observação dos seres e das coisas que a rodeiam, Maria Helena desnuda a abstração com o mesmo lirismo existente em suas pinturas figurativas, da época em que estudava com mestres do calibre de Alberto da Veiga Guignard e Edith Bhering.

Em países como a Índia, a artista plástica busca continuamente mais munição (espiritual e temática) para transformar sua pintura na terra de contrastes, culturas e modos de ser distintos. A superfície de suas telas recebe, com enorme carinho, este multifacetado encontro entre Oriente e Ocidente. São olhares que se bifurcam em um parto étnico e estético. Os frutos, bem maduros, merecem o exercício mágico da contemplação.

No livro *Os Caminhos da Arte*, Maria Helena Andrés exerce sobre o território da palavra o mesmo e eficaz domínio com que lida com a superfície de suas telas. Longe do blá-blá-blá do mercado de arte, ela propõe observações extremamente lúcidas sobre o fazer artístico. Investiga o passado para acalantar o presente e apostar no futuro, lúdico exercício de fisgar temporalidades.

## APRESENTAÇÃO DO LIVRO *MARIA HELENA ANDRÉS*

Fernando Cocchiarale<sup>48</sup>

Há exatos 57 anos, Maria Helena Andrés realizava sua primeira exposição individual na Cultura Francesa de Belo Horizonte. Entretanto, sua longa e diversificada atuação no circuito das artes não começou aí. A partir de 1944, como aluna da famosa Escola Guignard, instituição pioneira do ensino de arte moderna no Brasil, Maria Helena participou, com outros jovens artistas, de mostras coletivas, tanto na capital mineira quanto no Rio de Janeiro. Nessa época ainda era uma artista de orientação acadêmica, mas sua juventude e sua escolha profissional faziam com que caminhasse, mesmo que ainda não o soubesse claramente, para um encontro definitivo com a história da arte brasileira.

A passagem da década de 40 para a de 50 foi marcada, tanto no país quanto no exterior, pelo predomínio das poéticas abstracionistas. No entanto, cabe aqui uma ressalva: na contramão do que ocorria nos Estados Unidos e na Europa, que assistiam à hegemonia das vertentes informais, o Brasil e alguns países sul-americanos, como a Argentina e a Venezuela, voltaram-se predominantemente para a geometria construtivista.

Essas opções diversas podem ser compreendidas a partir dos diferentes significados assumidos pela cultura do pós-guerra nesses países. Se entre os Aliados do Primeiro Mundo o período foi marcado pela busca individual de novas possibilidades de expressão artística, em nosso caso necessitávamos de um projeto coletivamente articulado que alavancasse o desenvolvimento indispensável para nossa inserção paritária no concerto das nações que emergiram do conflito mundial. A prevalência do construtivismo entre nós correspondia, portanto, a essas expectativas locais, já que sua natureza favorecia a disciplina formal e a proposta de uma nova ordem geral das artes.



Capa do livro *Maria Helena Andrés*, Belo Horizonte, Editora C/Arte, 2004

---

<sup>48</sup> COCCHIARALE, Fernando. Apresentação do livro *Maria Helena Andrés*. In: LOPES, Almerinda da Silva. *Maria Helena Andrés*. Belo Horizonte, C/Arte, 2004, p. 6-7.



Para o historiador da arte italiano Argan, a importância de um artista moderno só pode ser atribuída se conseguimos entender o sentido poético que perpassa o conjunto de sua obra, e se pudermos aferir a contribuição de seu trabalho para os desdobramentos futuros da história da arte na qual ele se insere. Esses dois quesitos são plenamente observáveis na produção de Maria Helena Andrés.

Uma das pioneiras do Construtivismo em Minas Gerais integrou, na década de 50, com Mário Silésio, Marília Giannetti Torres e Mary Vieira, o núcleo de artistas mineiros adeptos dessa nova tendência no país. Isto no mesmo período em que a arte construtiva se consolidava no Rio de Janeiro e São Paulo, então centros hegemônicos absolutos da cultura brasileira. Se a sincronia de Minas Gerais com as questões de ponta da cultura brasileira do período pode ser mensurada pela obra desses artistas, pelas mesmas razões podemos inscrever Andrés como uma das personagens essenciais de um dos momentos mais ricos, dinâmicos e profícuos da arte brasileira de todos os tempos.

Sua trajetória artística posterior será marcada por diversas transformações, por exemplo, a sua adesão ao informalismo, no limiar dos anos 60; a retomada, alguns anos mais tarde, da figuração; até a proposta de um processo de criação mais coletivo nas décadas de 70 e 80.

Poucos artistas tiveram o privilégio de uma carreira tão longa e diversificada quanto Maria Helena Andrés. Este livro é não só uma merecida homenagem, mas sobretudo o registro da trajetória de uma pioneira da arte de Minas e do Brasil, na segunda metade do século XX.

## UM PERCURSO DE POSSIBILIDADES

Livro revisita os 60 anos da trajetória da artista plástica Maria Helena Andrés, uma carreira tão longa quanto diversificada

Júlio Assis<sup>49</sup>

A prosa está boa, mas precisa ser interrompida porque ela tem um compromisso. O tempo ficou curto e a entrevistada pede uma carona para a aula de canto. A caminho do carro estacionado a alguns quarteirões, a senhora de 81 anos vai explicando que as sessões de canto têm uma função lúdica. “Faço para desenvolver a alegria que traz o cantar. Levar a arte só de maneira profissional não dá, diz. A lição musical é um momento de pausa em dias atribulados para o lançamento do livro que percorre 60 anos de sua trajetória, acompanhado de exposição e de um bate-papo público com o crítico Fernando Cocchiarale, o que também exige preparação, pois Maria Helena Andrés pretende discorrer sobre seu percurso apresentando imagens dos trabalhos. Todas essas atividades acontecem hoje, às 11h, no prédio 1 da Universidade Face/Fumec.

O livro *Maria Helena Andrés*, que chega pela editora C/Arte, começou a ser planejado em 1984, quando Eliana, uma das filhas da artista, iniciou a reunião do acervo existente sobre ela: telas, textos, recortes de jornais, fotografias, documentos, catálogos, vídeos. “O que me motivou foi a leitura dos livros da minha mãe. *Vivência e Arte* (editora Agir, Rio de Janeiro, 1966) e *Os Caminhos da Arte* (Vozes, Petrópolis, 1977 e 2ª edição C/Arte, 2000)”, conta Eliana.

A editora C/Arte deu prosseguimento ao projeto convidando Almerinda da Silva Lopes, doutora em Artes Visuais e professora de estética e história da Universidade Federal do Espírito Santo, para trabalhar sobre o material coletado. A publicação foi concluída com patrocínio da Acesita e FUMEC, trazendo estudo de Almerinda, apresentação do crítico Cocchiarale, depoimento da própria Maria Helena, cronologia e reprodução de obras das diversas fases da artista.

“Esse livro é interessante porque, além de observar minha trajetória revista, consigo me localizar como artista e como pessoa ao longo desse percurso”, diz Maria Helena. Onze fases estão delimitadas: figurativa, concretista, barcos, guerra, madonas, espacial, tapeçarias, cósmica, registros do oriente, vibração, releituras. Para Cocchiarale, “poucos artistas tiveram o privilégio de uma carreira tão longa e diversificada”.

### O moderno em BH

Nascida em Belo Horizonte poucos meses depois da Semana de Arte Moderna de 22, Maria Helena Andrés demonstra gosto pelos desenhos desde a infância. A família, então, a envia para o Rio de Janeiro, onde tem iniciação na arte acadêmica com Carlos Chambelland. Volta no período em que o então prefeito Juscelino Kubitschek trazia Guignard para criar o Instituto de Belas Artes e logo se matricula. “Retornei para aprender o moderno na minha terra”, orgulha-se.

Do período com Guignard, a artista avalia que o mais importante “foi a consciência que ele passou de que eu poderia seguir meu próprio caminho, sem fórmulas impostas de fora para dentro”. Naquela época, ela fazia uma arte que mesclava

---

<sup>49</sup> ASSIS, Júlio. Um Percurso de Possibilidades – Livro revisita os 60 anos da trajetória da artista plástica Maria Helena Andrés, uma carreira tão longa quanto diversificada *O Tempo*, Belo Horizonte, 29 maio 2004.

o figurativo e o abstrato, mas aos poucos a segunda tendência foi predominando. E a admiração por Guignard se manteve mesmo quando este, paradoxalmente lhe escreveu uma carta pedindo que ela não seguisse esse rumo. “Meu respeito pelo mestre não diminuiu, mas chega aquela hora que a pessoa tem que se libertar, isso é natural”, analisa. As referências tanto continuaram que, embora partisse para uma linha abstrato construtivista, tornou-se professora da Escola Guignard.

A nova fase criativa, ao lado de colegas como Amílcar de Castro, Mário Silésio e Mary Vieira, significou para Maria Helena “o exercício da ordem, disciplina e concentração, que o construtivismo exige, com a liberdade que o abstracionismo permite”. Começaram, em seguida, a surgir nas pinturas da artista, linhas que sugerem barcos, o que, para ela, representava uma necessidade de buscar novas experiências. Assim, Maria Helena vai aprender arte com Theodoros Stamos em sua escola *Action Painting* (Pintura de Ação), em Nova York.

### **Contato com o Oriente determinou obra**

A *action painting* deu a Maria Helena Andrés “a oportunidade de uma expressão mais direta emocionalmente”.

Jogávamos espontaneamente manchas abstratas sobre telas enormes, acompanhadas de movimentos corporais. Gosto muito de uma frase do James Brooks: “A superfície do quadro é ponto de encontro daquilo que o pintor conhece com o desconhecido que ali aparece pela primeira vez —, cita ela.

Mas também nos EUA, nos anos 60, a artista foi influenciada pelo conflito da Guerra do Vietnã.

O artista capta o que está se passando no planeta. Acho que a globalização na arte é muito anterior à econômica, com a diferença de que esta última é selvagem, enquanto a outra traz uma intenção de estar ligada ao todo e no sentido de que todos possam compartilhar daquela arte —, filosofa.

Aquele momento desaguou então numa série de pinturas denominada *Guerra*.

Vieram depois as madonas (“com traços barrocos e em sinal de paz”, diz a artista), e as fases *Espacial* (“às vésperas do homem pisar na lua”), de tapeçarias, cósmica, registro do Oriente, vibração e releituras. O contato com o Oriente, em diversas visitas à Índia, foi marcante na continuidade de toda a obra e também na vida de Maria Helena, com a maior assimilação de uma visão holística da humanidade. “Veio ampliar a direção da minha arte”, reconhece.

Ao longo desse percurso, Maria Helena Andrés teve papel atuante também como professora de arte e autora de livros que tratam de arte e sua inter-relação com a vida, além de escrever poemas. É mãe de seis filhos de seu casamento com o médico Luiz Andrés Ribeiro (falecido em 1977). Há cerca de 25 anos, reside no condomínio Retiro das Pedras, em Brumadinho, onde mantém *atelier*. A produção atual ela está chamando de *Releituras*. “É uma síntese de tudo que fiz, mas agora em linhas mais simples originadas de pincel seco e transparências. Estou revivendo o que fiz de uma forma atual”, define.

## **Colorista Lírica**

Para a doutora em artes Almerinda Lopes, na arte de Andrés persevera

a integração entre filosofia e arte, interior e exterior, e nas quais mantém acesa a chama que fez dela uma das mais competentes e sensíveis coloristas de sua geração. Nessas pinturas, deixa transparecer, ainda, plena identidade com o abstracionismo lírico, recorrendo a cores e a gestos que revelam tanto a destreza e a segurança de uma mão treinada, como uma sensibilidade pulsante.

Ainda a caminho da aula de canto, Maria Helena relata que nos próximos dias vai para Lion, França, assistir ao filho Artur Andrés, flautista do Uakti, em apresentação do grupo com a banda de Ravi Shankar. “Sempre que posso, acompanho. Eles vão estar também na abertura das Olimpíadas, na Grécia. Eu queria ir, mas como não vai dar por causa de outros compromissos na data, estarei em Lion”.

Agradece a carona, atravessa a rua e vai cantar.

## DA ARDILOSIDADE DA LINHA

Agnaldo Farias<sup>50</sup>

No Brasil a entrada em cena da abstração, coincidentemente ocorrida durante os anos cinquenta, quando o país trocava sua vocação agrária em favor de um perfil urbano/industrial, é um capítulo de matizes variados e que, a julgar pela ênfase na vertente geométrica sediada em São Paulo e Rio de Janeiro, dada pela historiografia das últimas décadas, resta muita coisa ainda a ser analisada e avaliada em termos mais condizentes. Que o diga esta exposição de Maria Helena Andrés, feita a pedido da Galeria Léo Bahia e que, respondendo a uma solicitação das mais acertadas e inusuais, dado que no geral as galerias preferem mesmo as pinturas, de maior apelo comercial, reúne seus desenhos e croquis produzidos justamente ao longo daquela década.

Se os cinquenta foram férteis para a arte brasileira em geral, anos que hoje figuram dentro da história da nossa arte, até ali não muito exuberante, como a década da nossa emancipação intelectual, em que o melhor da nossa produção passou a não depender mais de forças epifenomênicas como Segall, Guignard e Goeldi, foram igualmente decisivos na trajetória da nossa artista.

Expondo na I Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, suas pinturas e aquarelas calcadas no registro atento e delicado de cenas do cotidiano das Minas Gerais onde vivia, foi ali que Maria Helena Andrés presenciou o impacto da abstração geométrica, assistiu à premiação da obra vigorosa daquele que na altura era o seu maior representante, o suíço Max Bill, autor de *Unidade Tripartida*, peça que hoje integra o acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, e voltou sintonizada com o debate que a faria mudar o vetor de sua pesquisa. Paulatinamente ela foi se afastando, ainda que quase nunca por completo, de um contato mais direto com o mundo, da pele e das formas das coisas que ela, sempre com grande qualidade, já vinha transformando num jogo de modulações cromáticas sobreposto a um processo gradativo de simplificação formal. Data dessa fase as cenas domésticas e rurais, o interior das casas, os bichos domésticos e pássaros, todos eles reduzidos a elementos geométricos, no mais das vezes puxados de uma só linha, como um impulso que se desata pela superfície de papel, ávido no fabrico de um mundo só dele.

Aliás, essa desenvoltura do gesto de Maria Helena Andrés, que se afirmaria ao longo dos anos e que inclusive se ampliaria por superfícies cada vez maiores, é uma qualidade que ela lapidou já no interior do Curso Livre do Instituto de Belas Artes de Belo Horizonte, onde, sob o comando do mestre Alberto da Veiga Guignard, tendo ao lado os talentos de Edith Behring e Franz Weissmann, ela estudou de 1944 até 1947.

A justificada admiração pelas obras de Weissmann e de Amílcar de Castro, este último colega da nossa artista, obras de caráter mais do que exato, exageradas, extraídas do metal ou do correspondente projeto traçado em linhas duras e despojadas, acostুমou-nos, ou ao menos àqueles não tão bem informados e que a bem-dizer formam a imensa maioria, a pensar Guignard como um professor que, a considerar a diafaneidade e leveza das atmosferas que ele próprio pintava, pregava justamente o oposto do que fazia: o peso e a incisividade da certeza. Também nesse sentido, acompanhar a preciosa coleção de desenho e croquis que a artista ciosamente

---

<sup>50</sup> FARIAS, Agnaldo. *Da Ardiolosidade da Linha*. Maria Helena Andrés – Desenhos Concretos. Galeria Léo Bahia Arte Contemporânea, Belo Horizonte, 06 a 28 maio 2005.

conservou consigo e que ora nos mostra, significará perceber um pouco mais sobre as possibilidades abertas pela lendária lição de Guignard, obrigando seus alunos a desenhar com lápis de grafite duro, lápis que abre um sulco na fibra do papel, que deixa sobre ele uma marca indelével para além da trilha escura que ele vai depositando na razão da força empregada pela mão.

Sob títulos prosaicos como *Mudança a cavalo*, *Figuras na Rua*, *Boiadeiro*, *Interior de fazenda*, *Cena da Via Sacra*, assiste-se ao desenrolar contínuo, sem rupturas, de uma linha tão seca quanto suave, uma linha de nanquim magra como o gume de uma faca e que como tal separa os contornos de tudo o que encontra pela frente — casa, chão, cadeira, cruz; cavalo, cavaleiro, cabresto, arreio; boi, boiadeiro, vara, berrante — como se fosse possível fender a paisagem, retirar sua matéria mais estrita, mais rente, seu nervo ou seu osso. Se a linha é esquelética o mesmo não se pode dizer da precisão de quem a leva na qualidade de um corte ininterrupto, que parece respirar apenas quando sua faina cessa. Mas o que antes nos fascina, o que enleva nossos olhos fazendo-os flutuar na cadência dada pelas linhas, é a delicadeza com que essa geometria, ciente das coisas e sobretudo de si própria, abandona-se ao flerte e ao devaneio da mão, inventando brincadeiras, deslizando para lá e para cá, deixando-se intrincar ao sabor de curvas íngremes e ângulos abruptos. Tudo isso, convém frisar, elaborado em papel de pequeno formato, área limitada e que convida ao olhar mais próximo, colado, um olhar acariciante, coerente com um traçado minucioso a um só tempo frágil e coeso, como teia de aranha ou arame dos insetos.

Se a mudança de orientação por parte de Maria Helena Andrés, opção por uma poética de extração construtiva não implicou, ao menos na década contemplada por essa mostra de agora, no abandono da figuração, o fato é que ela foi levada para mais longe, para uma região em que os motivos representados tornam-se mais e mais indifusos. Barcos, cidades e construções, em especial aquelas organizadas através de campos retangulares, eram as vagas referências, quase que os pretextos para a artista demonstrar a fecundidade da linha, simplificada em conjuntos justapostos de linhas verticais e horizontais, de que são exemplares magníficos os estudos para cidade iluminada, realizados a bico de pena branco sobre papel preto.



*Boizinho*, escultura em aço, 2005. Coleção da artista

A fecundidade do desenho da nossa artista fica ainda mais patente nas esculturas, versões atualizadas da mesma família de desenhos contínuos elaborados naqueles anos. Os desenhos fechados, série de quadriláteros enunciados exclusivamente pelas arestas, linhas que se resolvem em ângulos e quadriláteros irregulares, sobrepostos entre si, revelam-se enfim formas retráteis: transpostos para o ferro, as linhas saltam no espaço, volumetizam-se, despacham-se no espaço abraçando-se ao ar. Na qualidade de esculturas perdem a univocidade permitida por sua leitura no plano de papel. Postas no espaço, passíveis de serem observadas a partir de ângulos variáveis, cada um único desenho converte-se agora em vários, tanto quanto os pontos de vistas de alguém que se desloca ao seu redor. Cada escultura é, portanto, um desenho plural, prova conclusiva do ardil que todo desenho, desde que produzido por mão sábia, traz dentro de si.

## NO SONHO DAS ÁGUAS

Célia Laborne Tavares<sup>51</sup>

Belo Horizonte, além da beleza altiva de suas montanhas, do segredo profundo de seus minérios, ganhou na década de 1940, através da visão ampla do então prefeito Juscelino Kubitschek, a presença do professor e artista Alberto da Veiga Guignard.

Veio com ele, para a pitoresca Escola do Parque Municipal, o impulso de formas novas, para jovens alunos que apenas abriam os olhos para a criatividade recém-criada.

Maria Helena Andrés foi uma das que mais se destacou e diversificou o talento do mestre, num visual moderno de formas e abstrações da terra, do mar e da estratosfera até o infinito.

Interessada na transparência e no colorido das águas aquareladas, ou em guaches, foi sempre amiga das que compartilhavam com ela dessas experiências sobretudo aquáticas.

Entre outras, Mary Vieira, que deixando as aquarelas, despontou, na Europa, em grandes polivolumes, enfeitando praças e jardins.

Relembrando os velhos tempos, vejo-me também naquela época, como aquarelista, tendo depois me direcionado para o jornalismo e a poesia, ainda inédita.

Assim, só Maria Helena permaneceu fiel à magia impulsionada por Guignard e nos deu o prazer de lembrar nosso convívio, como também de apresentá-la nesta mostra inspirada nas águas.

Homenageando a nossa convivência na escola Guignard, quando as artes plásticas se uniam à poesia, dediquei este poema à minha colega e amiga Maria Helena.

---

<sup>51</sup> TAVARES, Célia Laborne. No sonho das águas. In: ANDRÉS, Maria Helena. *Maria Helena Andrés e Caminho das Águas*. Galeria Copasa, Governo de Minas, Belo Horizonte, 08 mar. a 08 abr. 2007.



## **No Sonho das Águas**

História do rio dos verdes cismares  
do rio dos sonhos eu tento tirar  
– das águas que eu toco ou penso tocar –

Pedaço de espuma, de onda, de chuva  
que foge e rola querendo ficar  
que corre e canta chamando do mar

História que nasce e cresce das águas  
sem dor, sem ruído, sem medo de errar  
falando o segredo que eu tento contar

Pedaço do rio dos verdes cismares  
das coisas que dei ou quis encontrar  
daquilo que eu amo, ou penso amar

História do rio, pedaço do mar...  
no meio da noite te vejo velar.

Célia Laborne Tavares  
Belo Horizonte, janeiro de 2007.

## O DOM DO BELO

Walter Sebastião<sup>52</sup>

Água e ar. Verdes e azuis. Paisagens imaginárias e os céus de Minas Gerais. Abstração e convite, militante, à integração com o cosmos. Tudo isso é Maria Helena Andrés. E motivos presentes nas obras que ela está apresentando na Galeria de Arte da Copasa. Trata-se, segundo a artista, de releitura de momento em que se dedicou a pinturas que têm a sugestão de barcos, viagens, sentimentos fluidos. “Deixo a tinta percorrer o caminho dela no espaço, que a cor fale por ela e a forma apareça por si mesma”, explica. E lembra que o movimento — “do gesto” — é outro fundamento de sua linguagem.

São obras que são produtos do balanço entre liberdade e disciplina. “Quando comecei, o professor Guignard enfatizava esses aspectos. Nem o caótico nem o acadêmico. Liberdade de criar com espontaneidade e disciplina, porque a arte vem de uma experiência de busca de uma essência que é nossa, e não do caos”. A pintura limpa, a composição que parece dissolver-se no espaço, a clareza da imagem remete a outra convicção: “A arte pode e deve manifestar uma ordem interna, que todos temos, que aparece em tudo que fazemos”.

As pinturas de Maria Helena Andrés seguem técnica desenvolvida por ela. Cria a superfície como esponjas. Depois, faz grafismos sobre o plano, fortalecendo o poder de evocação que deseja para a imagem. “É arte da sugestão, lírica, não tem algo preciso”, conta. A artista se refere também a elementos da abstração informal, caminho que adotou no início dos anos 1960, após trabalhos geométricos. Estética que aponta para “níveis mais profundos de consciência” e que revela o tempo que estamos vivendo.



Exposição *O Caminho das Águas*, Galeria COPASA, Belo Horizonte, 2006

---

<sup>52</sup> SEBASTIÃO, Walter. O dom do belo. *Estado de Minas*, 10 mar. 2007. (Caderno Pensar).

“Não pinto o que vejo, mas o que sinto. Estou pintando barcos, mas nunca viajei de navio. É só um símbolo, significa necessidade de viagem, algo que está dentro da gente”, observa Maria Helena. A artista, aos 84 anos, está chegando de mais uma viagem à Índia, a 14ª, com filhos e netos. Até ficou cansada — somando tudo foram 35 horas no ar e mais 50 em terra. “Mas dei conta nas horas difíceis e cantava mantras. Viajar clareia a cabeça. Artista não pode ficar parado. Tem de viajar para ter uma visão holística, global, e não ficar tão regional”, defende.

Maria Helena Andrés é autora de quatro livros: *Vivência e Arte* (Agir, 1966), *Os caminhos da arte* (Vozes, 1977), *Oriente-Occidente: integração de culturas* (Morrison Knudsen, 1984), *Encontro com mestres do Oriente* (Luz Azul, 1993), depoimento à coleção *Circuito Atelier* (C/Arte, 1998).

Artista tem potencial de se expressar com cores e formas. Mas ao homem foi dada também a palavra. Acho importante unir os nossos potenciais. Não sei se sou uma intelectual. Gosto de ter o meu cantinho para dar depoimento sobre o que leio, penso e as conexões que faço. Mas não coloco a teoria na frente, ela vem para constatar o fato. Van Gogh dizia que a diferença entre acadêmicos e modernos é que os modernos são mais pensadores —, observa.

A artista já anuncia nova exposição, agora com esculturas. Leia a seguir trechos da entrevista de Maria Helena Andrés.

### **Obra**

Meu caminho conheceu os cinco elementos. A terra, com as cidades iluminadas, paisagens; a água, com os barcos; o fogo, na fase sobre a guerra; o ar, quando fiz astronautas, discos voadores; e o éter, que são as mandalas. Não foi nada premeditado. Aconteceu e depois pude denominar. Não pinto buscando o sucesso externo, o que pode trazer decepção, mas o sucesso interior. Mas é bom quando o gosto de alguém coincide com o seu.

### **Artes**

As artes estão se unindo por um motivo cósmico, que é a necessidade de maior abertura de consciência, de nos conhecermos melhor e saber que estamos ligados à natureza e ao universo. Não dá para ficar em departamentos, especialidades. Claro que tem de ter especialista, mas um médico que vê o todo tem mais chance de curar. Acho que as artes devem se ligar com todas as outras vias de conhecimento, com a medicina, a ecologia, a religião, o yoga.

### **Contemporâneos**

Vivemos momento de expansão da arte para um campo maior, ela não fica mais circunscrita à parede. Acho importante, porque não se separa um “ismo” do outro e é a possibilidade de criar com qualquer tipo de objeto. E o ser humano cria em qualquer situação. E tem a *performance*, que é soma das artes. É possibilidade maior de despertar a criatividade. O que não quer dizer que outras formas vão desaparecer. Pintar, desenhar, esculpir também são necessidades do ser humano.

## Índia

É a fonte de energia que não se extinguiu com o tempo. Está avançada no campo tecnológico e conserva os costumes antigos, como o das mulheres de vestir *sari*. E neste sentido é diferente do Japão, que se ocidentalizou, e da China, que está se ocidentalizando. Acho que quando se corta relação com a religião, como acontece na China, está se cortando relação antiga, captada num momento de luz, que continua trazendo ensinamentos para nós.

## Brasil

Se tivesse de escolher um lugar para morar seria o Brasil mesmo. E em Minas Gerais. O Rio de Janeiro é maravilhoso, mas para morar não dá. Gosto de montanha, o ar é mais puro, o céu mais azul. E daqui fico ligada no mundo todo. Num certo momento, na Índia, o pessoal resolveu subir até o Himalaia. Não fui, já fiz isso. E avisei que o Retiro das Pedras é mais bonito. A terra é muito semelhante. Tem beleza em tudo. Tenho sentido que o mundo é uma família só e que a gente viaja para ter este sentimento.

## Livros

*Cartas a um jovem poeta*, de Rainer Marie Rilke. Li quando mocinha e fiquei encantada pelo modo como dava consciência do que é ser um poeta, um artista. Depois, *O espiritual na arte*, de Kandinsky, por fazer a ligação entre música e pintura. Estava grávida do Artur e ele hoje é músico [Arthur Andrés, do grupo Uakti]. E *Arte escolastique*, de Jacques Maritain. Era muito ligada ao catolicismo e ele dava muito valor às artes. E li muito os orientais, Chang-Tzu, Lao Tsé.

## Aquecimento global

Fico preocupada. Mas o homem não tem nem disciplina e nem abnegação para se livrar do conforto, para mudar o seu modo de vida. Quem vai dar mais consciência a ele do problema é a própria natureza. Quando começarem a ocorrer as catástrofes, ele vai ver que tem de abandonar a ambição de ter muitas coisas e considerar outros valores. Isso já está acontecendo.

## Música

Ouçó música clássica, mas estou expandindo para a indiana. Gosto de Erik Satie, Gurdjieff, Edith Piaf, Uakti, Beatles, bossa nova: Vinícius de Moraes, Tom Jobim e muitos outros. Todos com uma contribuição no sentido de despertar, na gente, a alegria interior. E essa é outra função da arte.

## INSPIRAÇÃO SINGULAR

Morgan da Motta<sup>53</sup>

A Galeria de Arte Copasa inaugurou seu calendário 2007 no fim de semana, apresentando individual de telas inéditas de Maria Helena Andrés, inspiradas pelas águas e pelo azul. De quebra, homenageou todas as mulheres mineiras, pelo Dia Internacional da Mulher.

A artista apresenta treze acrílicas sobre tela, onde exercita a liberdade da forma e faz releituras de suas fases anteriores. As obras, em estilo abstrato, proporcionam ao mesmo tempo uma releitura e desdobramento, com mais transparência e leveza, das fases *Navios* e *Barcos*, desenvolvidas na década de 60. Para titular essas obras, Maria Helena escolheu nomes poéticos como *Amanhecer*, *Missão Cósmica*, *Navio Fantasma*, *Embarcação Iluminada*, *Voo Sobre o Azul*, *Meditação*, entre outros.

Visando a criar propostas tão singulares, a artista conta que desenvolveu uma técnica pessoal que se baseia na utilização de esponjas, daquelas usadas pelos pedreiros. Às vezes aplica a tinta diretamente com a mão. Seu traço, cheio de energia, transmite o lirismo que aprendeu quando ainda frequentava as aulas do mestre Guignard, de quem foi aluna de uma das primeiras turmas, na década de 40. Ela também tem por hábito começar sempre de baixo para cima e da esquerda para a direita. Por que tal processo? Dizem que isso significa a busca do cosmos, o que confirma a expositora.

Sem pretensão de ser uma panorâmica da obra original, a mostra foca-se em sua ligação e desdobramentos de fases anteriores. O resultado é, então, transferido para tinta acrílica sobre tela, justificando sua posição de ícone do modernismo mineiro.

Artista plástica, professora, autora de vários livros sobre educação pela arte, tudo é superlativo e ousado na trajetória da artista, nascida em 1922, ano do Movimento de Arte Moderna no Brasil. Ela participou de várias bienais internacionais de São Paulo, individuais e coletivas no país e exterior, tendo obras em acervos de vários museus nacionais e internacionais, destacando-se da série *Barcos*, na conceituada Phillips Collection, situada em Washington, nos Estados Unidos.

É estimulante ver uma senhora, que já passou dos 80 anos, experimentando e criando com tanta vitalidade e disposição.

---

<sup>53</sup> MOTTA, Morgan da. Inspiração Singular. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 12 mar. 2007. (Coluna Visuais).

## MARIA HELENA ANDRÉS. LINHA E GESTO

Marília Andrés Ribeiro e Roberto Andrés<sup>54</sup>

Maria Helena Andrés vem, há mais de 60 anos, surpreendendo aqueles que dela esperam estilo fixo e coerência formal. Sua trajetória, marcada por saltos e rupturas criativas, pode ser vista como um exercício permanente de desprendimento das forças de continuidade ligadas aos mestres, à crítica, ao público e ao mercado.

Com ela aprende-se que as rupturas não recomeçam do zero. São, antes, momentos em que o artista toma as rédeas da direção em que vai seu trabalho. Significam liberdade em relação aos outros e a si mesmo, mas não pressupõem abandono do já feito.

O esforço curatorial esteve em realçar os elementos que perpassam e estruturam as diversas fases do trabalho de Maria Helena Andrés. A linha, que busca ordenar as coisas, construir razões gráficas, demandando da artista a disciplina da matemática, da música, da arquitetura. (Quem se debruça sobre uma de suas pinturas concretistas pode encontrar equações geométricas, fantasias de ritmos ou cidades iluminadas). E o gesto da ação espontânea, da liberdade corporal, do esvaziamento da mente que abre portas para o inconsciente.

Buscamos desenhos há muito guardados, retomamos a passagem de Maria Helena pelo concretismo e expressionismo informal e chegamos até as esculturas atuais, que revelam as duas vertentes predominantes em sua obra: a construtiva relacionada com a linha, e a expressionista ligada ao gesto. Esse partido configurou a exposição em três núcleos principais: o concretista, primado da geometria na década de 50; o primeiro gestual, que traz a chegada da artista na *Action Painting* na década de 60; e o contemporâneo, onde estas duas vertentes se desdobram em pinturas, desenhos e esculturas.

Por razões diferentes, os três núcleos apresentam obras inéditas ao público brasileiro. Se, naturalmente, muito da sua produção recente está sendo exposta pela primeira vez, o mesmo acontece com vários desenhos da década de 50, que, em pequenos formatos, ficaram cuidadosamente guardados no acervo da artista, e com os grandes desenhos da fase *Guerra*, que, embora exibidos nos anos 1960 em museus nos Estados Unidos, na França e na Itália, têm agora sua primeira exibição no Brasil.

Quem conhece a obra de Maria Helena pode estranhar aqui a prevalência do preto e branco sobre a cor e do desenho sobre a pintura. Mas em um trabalho onde a cor é elemento tão marcante, a exploração do desenho parece revelar sua estrutura. Em Maria Helena a cor nunca esteve completamente solta, mas engajada nos traços, seja nas embarcações, nos astronautas ou nas madonas.

Pensando a transição da linha concretista para o gestual, Maria Helena disse certa vez que, ao jogar as cidades iluminadas no mar, elas viraram barcos — não por acaso à época da sua primeira viagem para o exterior, em 1961. Tal dissolução se fez pelas tintas: a pintura a óleo concretista enfatizava a precisão, a ausência de erro, sendo desestruturada primeiro pelo pastel, em desenhos de linhas mais sinuosas, para então chegar à transparência e espontaneidade do nanquim e do acrílico.

---

<sup>54</sup> RIBEIRO, Marília Andrés; ANDRÉS, Roberto. *Maria Helena Andrés. Linha e Gesto*. Palácio das Artes, Instituto Maria Helena Andrés, Governo de Minas, Belo Horizonte, 11 dez. 2009 a 21 fev. 2010.

Ao quebrar as linhas geométricas, Maria Helena se abriu para a ação corporal, e passou a atuar constantemente na ponte entre intuição e razão, corpo e mente. Em todas as suas obras pode-se encontrar esta dualidade, como um pendular contínuo entre a vontade de liberdade e a de construir amarras. Seus voos, por mais altos que fossem, na vida e na arte, sempre tiveram um ponto estável para onde regressar.

O visitante da exposição é convidado a adentrar esses voos, procurar seus movimentos mais fascinantes e seus portos mais seguros. Quem sabe não encontrará na linha mais reta o gesto impreciso da mão da artista, e na mancha mais borrada um pensamento aguçado e rigoroso?



Exposição *Linha e Gesto*, Palácio das Artes, Belo Horizonte, 2009

### **A linha**

A linha aparece nos desenhos figurativos da década de 50, que representavam cenas do cotidiano e da vida rural — os boizinhos, as lavadeiras, as colheitas, as crianças brincando — e cenas da *Via Sacra*. A busca da essência da linha, da forma e da cor conduziu às pinturas concretistas das *Cidades Iluminadas*, estruturadas através de linhas horizontais e verticais. “Na pintura concretista eu preparava a tela de uma cor única, tirava com tira-linha as riscas paralelas que configuravam os postes de luz das *Cidades Iluminadas*.”

### **O gesto**

A partir da década de 60 surge o gesto, feito com a quina do carvão sobre o papel camurça, revelando a transparência do claro e escuro. Nessa fase gestual, o desenho se estrutura na forma dos barcos, levando à libertação da rigidez concretista e ao encontro do expressionismo informal. A série de barcos conduz à série de guerra, realizada em nanquim sobre o papel, denunciando a violência e a morte que acontecia nos porões da ditadura brasileira e nas intervenções imperialistas nos países do Terceiro Mundo. O trabalho *Radioactive Ship* marca essa fusão dos barcos com a guerra e também a fusão de técnicas: o desenho, a pintura e a colagem.

## **A releitura**

A partir do ano 2000 Maria Helena Andrés faz uma releitura de sua trajetória. O gestual, que surgiu primeiro nos desenhos, se expande nas pinturas em preto e branco, realizadas em acrílica sobre tela. “A acrílica possibilita trabalhar a transparência em amplas telas, usando vassouras de esponja. A esponja, a vassoura, que encontro no cotidiano, são incluídas no meu trabalho.”

O processo de releitura conduz a artista a experimentar a escultura como outro meio de expressão. Os desenhos concretistas, que surgiram dos boizinhos da fazenda, foram projetados por Elena Andrés Valle e executados em aço por Allen Roscoe, resultando nas esculturas construtivas.

Recentemente, ela investiga uma forma mais livre para construir esculturas e encontra o papel encorpado para fazer “os enrolados”. Estes se tornaram maquetes para as esculturas orgânicas executadas em aço por Giovanni Fantauzzi.

O trabalho criativo de Maria Helena Andrés continua em processo de investigação constante, acompanhando sua necessidade interior de se expressar através de diferentes meios e de estar em sintonia com as mudanças de seu tempo.



## ARTE INTERIOR

Sérgio Rodrigo Reis<sup>55</sup>

Prestes a abrir a quarta retrospectiva da carreira, desta vez na Galeria Alberto da Veiga Guignard, o principal espaço de artes visuais do Palácio das Artes, Maria Helena se diz feliz com a situação de poder rever mais uma vez a própria produção e com a possibilidade de reunir os parentes no projeto.

Deus foi bom para mim; deu-me uma família tão maravilhosa. Eu e meu marido dávamos força para que os seis filhos experimentassem o processo criativo. Num muro de 60 metros nos fundos da casa, todo mundo pintava. Depois de pronto, mandávamos passar tinta branca e começava tudo de novo.

A vivência fez com que a arte se manifestasse dentro de casa. “Como estou vivendo bastante, acabei recebendo o resultado dessa educação com o envolvimento de todos nesta exposição”.

O neto Roberto Andrés é responsável pela curadoria e pelo projeto expositivo. A filha da artista, Marília, também participou da curadoria e fez os textos. Eliana, outra filha, é responsável pela cronologia e a pesquisa arquivística, e a filha dela, a neta Elena, cuidou do projeto do mobiliário. Por fim, a neta Teresa, que é nutricionista, tratou de preparar um coquetel com produtos orgânicos da fazenda da família. Já o filho Artur, um dos integrantes do Uakti, prometeu realizar uma *performance* musical em janeiro. A reunião familiar acabou conferindo mais unidade à exposição, que, desta vez, privilegiará parte inédita e pouco conhecida da obra de Maria Helena Andrés. “Mesmo quem a conhece bastante vai se surpreender”, avisa Roberto.

A mostra está baseada em três núcleos. Os anos 1950 estarão representados pelas aquarelas, nanquins e pinturas e enfocarão a linha, o pensamento construtivista e todo o trabalho com a geometria. Em seguida aparecerão as pinturas gestuais, cujo embrião ocorreu nos anos 1960, quando a artista entrou em contato com o movimento da *Action Painting*. Neste momento, o destaque serão os desenhos inéditos, tematizando a luta contra a ditadura. Há ainda pinturas premiadas em bienais, desenhos em pequenos formatos, também nunca expostos. A terceira fase da exposição se atém à atualidade, revelando a aproximação da linha e do gesto. “É quando percebemos como eles andam juntos”, explica Roberto.

O projeto traz ainda como particularidade um conjunto inédito das esculturas. Conhecida pela produção pictórica, Maria Helena também realizou diversos protótipos de esculturas. Até hoje, poucos se tornaram realidade. “A linha e o gesto me conduziram à escultura. A linha me guiou para as peças construtivistas. Já o gesto, para os trabalhos que chamo de enrolados”, adianta ela, que apresentará as novidades durante três meses no Palácio das Artes. O tempo estendido será potencializado com várias ações. Entre elas está a curiosa opção do curador de, durante o mês de janeiro, delegar a expografia a outros curadores. Os painéis onde estão colocadas as obras poderão ser remontados, criando outros espaços. Haverá ainda *performances* de O Grivo, e Dudude Hermann, que fará a dança da desmontagem.

---

<sup>55</sup> REIS, Sérgio Rodrigo. *Arte Interior*. Estado de Minas, Belo Horizonte, 09 dez. 2009.

## Pontos de mutação

Maria Helena Andrés passou pelas várias fases da carreira com um olhar peculiar diante da existência. Cada exposição retrospectiva representou uma possibilidade a mais para o autoconhecimento. “Enquanto estamos num processo criativo não é possível tomar consciência dele. Vem intuitivamente. Só com o distanciamento é possível revê-lo e percebê-lo como consequência da própria vida”, explica ela, que fez questão de trilhar um caminho próprio e não seguir tendências. “Minha obra veio de dentro de mim. O Guignard foi fundamental para a percepção desse processo, pois dizia para pintar meu cotidiano.” Além de seguir à risca os ensinamentos do mestre, ainda exercitou, anos após anos, o sentimento de desapego. “Este é um dos segredos da longevidade. O outro é aceitar as mudanças. A vida é cheia de pontos de mutação. Se você conseguir embarcar naquela mutação sem conflito, sem querer agarrar o passado, a situação se torna bastante positiva”, teoriza.

A aproximação com a filosofia oriental lhe trouxe outros aprendizados. Durante a VI Bienal de Arte de São Paulo, a artista se impressionou particularmente com a obra do pintor Tessai.

No Oriente, eles realizam um longo trabalho de autoconhecimento antes de começar a pintar. A obra é uma consequência da filosofia de vida. Mexeu bastante comigo ver a reflexão contida naquele trabalho. Percebi que havia toda uma possibilidade de ligar o processo de criação com uma filosofia cósmica. Não é crer: é vivenciar.

Segundo ela, é tratar de algo intuitivo, ligado ao centro do ser humano. “Um ponto de luz que temos todos. Quando percebemos que aquilo é nossa bússola, atingimos um estágio de equilíbrio.”

A viagem à Índia veio reforçar a convicção. Logo que o marido morreu, no fim dos anos 1970, já tinha um conhecimento holístico. Diante da situação de tristeza, o filho Maurício, que acabara de ganhar uma bolsa de estudos na Índia, resolveu lhe sugerir que buscasse um projeto para ser realizado no Oriente. Assim foi feito. “Tive a visão do outro lado do mundo, que tem cinco mil anos de cultura. É um povo com filosofia própria, que liga o homem ao universo. Por meio da mediação percebemos que não somos desligados de toda natureza”. O estudo e a vivência do processo acabaram influenciando sua arte, que começou no figurativo, a partir dos retratos, passou pelo estudo da linha contínua (processo herdado pelo Guignard), até chegar ao construtivismo e se aproximar do abstracionismo.

As retrospectivas serviram para enxergar melhor as fases. Em 1959, a exposição no Museu da Pampulha (MAP), possibilitou encerrar a fase do construtivismo. “Foi um ponto de mutação. Minha arte é um itinerário, um processo de ruptura, de desconstrução. No auge da badalação do construtivismo, resolvi parar”. Neste momento já buscava uma tendência mais gestual. Em 1974, retornou ao MAP para outra retrospectiva, desta vez com um balanço de toda a produção, inclusive a fase figurativa. Outra grande exposição ocorreu em 1994, no Palácio das Artes, revelando as cores da sua obra. Atualmente, a proposta da exposição é ligada a duas vertentes que ocorreram intuitivamente: a linha e o gesto. A linha correspondia ao construtivismo, buscando sempre o essencial. Já o gesto, representado pela pintura, começou nos anos 1960 e está presente até hoje.

## GLORIOSA IDADE

Ana Clara Brant<sup>56</sup>

Foi ao som de Noel Rosa e bossa nova, tocando na vitrola recém-consertada, que a artista plástica, escritora e professora Maria Helena Andrés recebeu a reportagem do Estado de Minas em sua casa, no Retiro das Pedras.

O vinil tem um som mais quente, por isso gosto de escutar e dançar. Olha que disco mais atual este do Noel! Foi feito há muito tempo. Se bobear, o que produzi há 50 anos está mais atualizado em termos de mercado do que o que produzo hoje. Igual ao Noel Rosa —, observa Maria Helena.

Prestes a celebrar 90 anos em agosto, ela está às voltas com seus dois blogues, *Minha vida de artista* ([mariahelenaandres.blogspot.com.br](http://mariahelenaandres.blogspot.com.br)) e *Memórias e viagens* ([memoriaseviagensmha.blogspot.com.br](http://memoriaseviagensmha.blogspot.com.br)), e com a exposição que vai marcar o seu aniversário.

Tem gente que acha fantástico esconder a idade. Acho fantástico não esconder. No Oriente, as pessoas têm o costume de perguntar qual a sua gloriosa idade. Longevidade é bom sim, mas tem que viver bem. Longevidade com hospital não adianta. Vivo bem. A pessoa não pode ficar à toa. Quando a cabeça está desocupada, só pensa coisa que não presta e aí não vale a pena —, filosofa Maria Helena,

que teve sua formação artística com Carlos Chambelland, no Rio de Janeiro; Alberto Guignard e Edith Bhering, em Belo Horizonte; e Theodoros Stamos, em Nova York.

A mostra que vai celebrar suas noventa décadas de vida e os quase 70 de trabalho vai entrar em cartaz no dia 16 de agosto na Galeria Livrobjeto, na Pampulha. Além das telas com temas recorrentes, como os barcos e as cidades, e escultura inspiradas em desenhos do concretismo que ela mesmo esboçou, Maria Helena Andrés releva que vai apresentar vários pergaminhos, simulando rolos chineses, com pinturas e textos produzidos por ela.

Esse projeto vai mostrar o que estou fazendo agora. Não gosto de repetir. As pessoas têm essa mania. Gosto de ir renovando minha obra de acordo com a idade. A gente se cansa das mesmas coisas, por isso é bom variar. Minha principal preocupação é fazer o que sinto vontade, usar a minha criatividade, atender uma necessidade interior, mesmo que não atenda o mercado —, preconiza a artista,

que acredita que um dos segredos de estar bem aos 90 anos é ter sempre as mãos trabalhando e focar no presente. “Senão elas atrofiam. E, além do mais, não faço planos. Não se pode preocupar só com o passado ou o futuro. Viver o presente é o que importa e o aqui e agora é sempre mais bonito”, garante.

---

<sup>56</sup> BRANT, Ana Clara. Gloriosa Idade. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 maio 2012.

## Montanhas

Vivendo há 34 anos em uma casa no Retiro das Pedras, onde também funciona seu ateliê, Maria Helena conta que costuma passar uma parte da semana no meio do mato e outra em Belo Horizonte e que esse contato com a cidade é extremamente profícuo.

Costumo passar uns dias aqui e outros em Belo Horizonte. Acho extremamente importante ter esse contato com o meio urbano. Não dá pra ficar o tempo todo isolado. É bom para cabeça. Tem muita coisa interessante em Belo Horizonte. Seja nas artes plásticas ou na música. A cidade está fervilhando em várias áreas —, pontua.

Mas, sem dúvida, é no alto das montanhas que ela se sente plena. Seja contemplando o horizonte, sentindo a natureza, descendo e subindo com destreza as escadas sinuosas do seu casarão, a artista plástica sequer reclama da baixa temperatura, típica da região, e que se intensifica neste período do ano. “Dou-me muito bem com frio e vento. O pessoal diz que sou conservada. Claro, vivo numa geladeira”, brinca, enquanto relembra as inúmeras viagens que fez pelo mundo, principalmente para o Oriente, como Nepal, Tibete, Japão, Tailândia e Índia, onde chegou a morar por um ano.

Boa parte das experiências vividas nesses países está nos blogues criados por ela, que são atualizados semanalmente, com o auxílio da filha Ivana. Maria Helena diz que é adepta das novas tecnologias e que isso facilita seu trabalho. A última aquisição foi um presente do neto: um *iPad*.

Gosto muito de mexer com ele, é bem interessante. Essas coisas modernas ajudam muito. São importantes como informação e como formas de comunicação com o mundo. Tenho muito contato com pessoas de fora do país. Meu *blog* tem cerca de 20 mil acessos e as pessoas ficam curiosas querendo saber sobre Guignard, sobre construtivismo em Minas, momentos que vivenciei bem —, justifica.

Nascida poucos meses depois da Semana de Arte Moderna, Maria Helena Andrés acredita que ter vindo ao mundo em uma época tão efervescente culturalmente pode tê-la inspirado de certa forma.

Enquanto puder viver nesta Terra, que é tão bonita, cheia de cores, sons, com uma natureza maravilhosa, vou aproveitar o máximo. É um privilégio e temos sempre que nos manifestar de forma positiva. Se for para espalhar negativismo não compensa. É assim que deve ser —, resume.

## A CONSTRUÇÃO DA COR. MARIA HELENA ANDRÉS

Wagner Nardy<sup>57</sup>



*S/Titulo*, colagem, 2017. Coleção particular

A exposição *A Construção da Cor*, de Maria Helena Andrés, celebra os 95 anos desta grande artista.

Apresentando uma série inédita de trabalhos em colagem e duas fotografias, a exposição revisita a produção da década de 50 da artista, momento este em que seu trabalho estava fortemente ligado à essência Construtivista.

Ocorre-me citar Malevitch, quando o mesmo em seu manifesto Construtivista defende:

a forma intuitiva deve sair do nada. Essas formas não serão repetições ou representações de coisas vivas da realidade natural: serão, porém, a coisa viva em si mesma. A natureza é um quadro vivo que se pode admirar. Porém o todo milagre está na criação artística em si mesma. E Criar significa viver, produzir eternamente coisas sempre novas.

Andrés nos mostra claramente a aptidão pelas palavras do mestre ao nos apresentar, a esta altura, com maestria sublime, através de formas simples e diretas, a construção da cor.

As composições de Maria Helena são donas de um ritmo único, singular e inauguram um tempo próprio que guarda profunda relação com as vivências orientais da artista e as questões ligadas ao conhecimento e domínio da mente.

Porém, o que mais nos chama atenção é como a artista cria uma comoção sublime em torno da contemplação de seus trabalhos.

---

<sup>57</sup> NARDY, Wagner. *A Construção da Cor*. Carminha Macedo Galeria de Arte, Belo Horizonte, 2017

O sublime na arte de Maria Helena Andrés parece-me surgir como um embate simbólico e fatal entre as forças concretas da natureza e a concretude da razão que nos habita.

Desse confronto, a poética da obra de Maria Helena transcende o tempo e o espaço irrompendo em música, dança e cor.

Segundo Kant, o Sublime é mesmo e fundamentalmente isto: “a mera habilidade de pensar, a qual demonstra uma faculdade da mente que ultrapassa qualquer medida de sensação”.

Os trabalhos de Maria Helena aos quais agora temos o privilégio de experimentar causam este silêncio prodigioso da consciência — essa janela repentina abrindo-se para uma paisagem iluminada pelo sol em meio à noite do não ser.

Tal qual o célebre escritor Vladimir Nabokov respondeu ao ser indagado se algo na vida o surpreendia.

É como me sinto.

## MARIA HELENA ANDRÉS (BELO HORIZONTE, 1922)

Marília Andrés Ribeiro<sup>58</sup>

Artista visual, escritora, arte educadora. Iniciou sua formação artística nos anos 1940, estudando com Carlos Chambelland, no Rio de Janeiro, com Alberto da Veiga Guignard, em Belo Horizonte, e nos anos 1960 com Theodoro Stamos, em Nova Iorque. Foi diretora da Escola Guignard (1965) e é professora emérita desta Escola. Nos anos de 1950, integra o movimento construtivo na América Latina e produz uma série denominada *Cidades Iluminadas*. A partir de 2004, os desenhos e as pinturas construtivas da década de 1950 têm sido referência para a execução de esculturas em aço, de colagens e livros de artista.

O *Livro das Cidades* de Maria Helena Andrés, apresentado na exposição *Polímatas*, é composto por desenhos e poemas que se desdobram sobre a tela, constituindo uma releitura de sua fase construtiva, quando se discutia a questão urbana, a construção de Brasília, o projeto desenvolvimentista de Juscelino Kubistchek e o debate concreto/neoconcreto nas artes.

Realizado para integrar a exposição *Memórias*, na Galeria Livrobjeto, em comemoração aos 90 anos da artista, o *Livro das Cidades* dialoga com uma série de pinturas recentes que remetem às pinturas construtivas das *Cidades Iluminadas*. Esse livro é uma experiência nova, em que o texto e o desenho se complementam, resgatando poemas e imagens antigas, com vigor e energia de uma jovem artista que continua criando outras formas e experimentando novos materiais.

No *Livro das Cidades* a artista experimenta a caneta hidrocor e a tinta acrílica sobre telas costuradas, que se desdobram formando várias configurações à medida que o leitor/participante manipula a obra.

Como escreve a artista no poema *Cidade Iluminada*: “Casas, janelas, grandes retângulos que abrem, casas, janelas, torres, ameaças, espaços diluídos em cinza e verde, estrelas cantam no azul, no azul de abril, cantam estrelas, a terra canta, sonora, viva iluminada”.



*Cidades*, livro de artista, capa de papelão e miolo de caneta hidrocor e acrílica s/tela costurada, 2012. Coleção Marília Andrés

<sup>58</sup> RIBEIRO, Marília Andrés. Maria Helena Andrés (Belo Horizonte, 1922). Verbete para o catálogo da exposição do *Circuito Polímatas*, realizada na Reitoria da UFMG, 21 maio-3 de set. 2019. (No prelo).

## REFLEXÕES SOBRE ARTE

Marília Andrés Ribeiro e Maurício Andrés Ribeiro<sup>59</sup>



Capa do e-book *Reflexões sobre Arte*, Maria Helena Andrés, IMHA, 2021

Este livro relata a vida artística de Maria Helena Andrés desde os anos 1940, seu aprendizado com o mestre Guignard e seu diálogo com os artistas e intelectuais. A artista faz uma reflexão sobre o seu próprio ofício, relata o trabalho coletivo em tapeçarias e os murais. Reflete sobre sua participação no movimento construtivo brasileiro e a influência da action painting em seus trabalhos. Comenta suas visitas às exposições, bienais, festivais, bem como os encontros com artistas, professores, poetas e filósofos.

Todos os textos deste e-book foram resgatados de seus blogues *Minha vida de artista* e *Memórias de Viagens*.

Organizados, num primeiro momento, como parte de sua autobiografia, agora, para o e-book, foram agrupados por temas: a vida de artista; a Escola Guignard; a participação no movimento construtivo; as homenagens; as visitas às exposições; o diálogo com artistas, músicos, teatrólogos, poetas e filósofos.

O eixo da obra de Maria Helena Andrés é a “unidade na diversidade”. Diversidade temática aparece em cada uma de suas “fases”, refletindo o contexto e a conjuntura vivenciados pela artista, que capta os sinais dos tempos. Profundamente ligada à natureza, os ciclos terra, água, fogo, ar e éter, referidos pela artista, refletem o foco de sua atenção e expressão.

Na primeira fase, a Terra, ela usa o desenho, a aquarela e a pintura para mostrar figuras de pessoas, familiares, cenas rurais, paisagens urbanas. Naquele momento, sua espiritualidade estava relacionada ao cristianismo e o símbolo da cruz é mostrado em paisagens, vias sacras, mastros de navios. Sua viagem aos Estados Unidos, na década de

---

<sup>59</sup> RIBEIRO, Marília Andrés. RIBEIRO, Maurício Andrés. Apresentação do e-book *Reflexões Sobre Arte*. E-book. IMHA. 2021.



1960, lhe propiciou contato com o expressionismo abstrato e também com o mundo, especialmente seu primeiro encontro com o oriente, na Califórnia.

A Água aparece nas suas viagens com os barcos simbolizando mares nunca antes navegados, as aventuras marítimas dos ancestrais portugueses que saíram em busca de novos territórios, de novas conquistas.

O Fogo retrata a guerra e os desafios que enfrentou, sozinha e com coragem, em sua viagem aos Estados Unidos, onde passou por experiências com a guerra fria, em que eram comuns os exercícios de defesa civil para se proteger no caso de um ataque atômico. No Brasil, a repressão exercida pela ditadura militar também é registrada nesse estágio. Para superá-lo, tão forte e traumático, a artista migra para as Madonas Guerreiras.

A espontaneidade do gesto caracteriza sua fase Ar, seu encontro com as montanhas e o céu do Retiro das Pedras. O ambiente montanhês e os horizontes de Minas já atraíam a atenção de Guignard e depois, de Orson Welles (o Retiro das Pedras originalmente seria um estúdio de cinema, por sugestão dele, que também se impressionou com os céus da região).

Naquele momento, Maria Helena inicia um processo de integração com outras culturas e com a natureza, influenciada por viagens ao Oriente, especialmente a Índia, que a marcaram fortemente.

O Éter vai ao encontro das paisagens celestiais, cósmicas e etéreas. As figuras humanas e as luzes de cidades tornam-se pequenas diante dos cenários grandiosos da natureza, refletindo assim sua dimensão relativa diante da imensidão dos universos. O espectro da realidade tem muitas faixas com as quais se pode sintonizar, retratando pessoas, bois, postes, cidades cruces, barcos, madonas, mas também céus, galáxias, outras dimensões... Enquanto alguns quadros abstratos são a cópia perfeita dos céus de Minas, com suas nuvens e cores; outros, assemelham-se a fotos de galáxias distantes, tiradas com radiotelescópios potentes.

Sua obra discute questões artísticas abordadas em consonância com o contexto histórico em que a artista vive.

A fase figurativa engloba os desenhos e pinturas de 1940-1950, cuja temática é centrada nas paisagens, figuras humanas, festas e no cotidiano, na qual se constata uma influência grande dos ensinamentos do mestre Guignard.

A passagem da figuração para o abstrato se dá gradativamente, usando a linha contínua e buscando reduzir a figura ao essencial, através dos elementos geométricos, culminando na série Cidades iluminadas. Em 1950, Maria Helena participa do movimento construtivo brasileiro, junto com seus colegas Amílcar de Castro, Franz Weissmann, Mary Vieira, Mário Silésio, Marília Giannetti Torres e Nelly Frade, entre outros.

Nos anos 1960-1970, a artista realiza viagens internacionais, entra em contato com os artistas da action painting nos Estados Unidos e se encanta com o expressionismo abstrato, que aparece em seus conjuntos pictóricos Barcos, Guerra, Madonas e Espacial.

Da metade de sua vida em diante, pelos anos de 1970, a mandala oriental predomina sobre a cruz cristã como símbolo da evolução de sua espiritualidade. Duas de suas obras — as tapeçarias na Paróquia de Nossa Senhora de Copacabana, no Rio de Janeiro, e os painéis em azulejos na Ermida de Nossa Senhora da Piedade, em Caeté-MG

— evidenciam essa integração, quando as mandalas são trazidas para dentro dos ambientes cristãos e Cristo, para dentro da mandala.

A artista nunca esqueceu a figura humana e a paisagem. Em suas ilustrações feitas na Índia, e publicadas em álbuns e livros, ela usa os recursos do desenho para expressar as imagens e os panoramas orientais e os combina com as mandalas e os elementos abstratos.

No período de 1970 a 1990 a artista faz várias viagens à Índia, entra em contato com a filosofia, a cultura, a arte oriental e realiza uma série de desenhos figurativos publicados no livro Pepedro nos Caminhos da Índia e no álbum Oriente-Occidente, integração de culturas. Desde suas viagens, principalmente aos Estados Unidos e ao Oriente — cujos registros escritos se encontram em outros capítulos de sua autobiografia —, sua espiritualidade cristã caracterizada pela cruz evoluiu para uma perspectiva holística e integral, representada pela mandala, o símbolo oriental para a unidade cósmica. A integração planetária do Oriente com o Ocidente foi o foco de sua atenção durante longo tempo, revelando a sua “fase cósmica”.

Desde os anos 2000, seus desenhos, pinturas e litografias vão se tornando preto no branco, cada vez mais incisivos, mais gestuais, aproximando-se da caligrafia oriental. Recentemente, Maria Helena tem se voltado para colagens, serigrafias e esculturas geométricas — baseadas em desenhos da fase concretista; esculturas orgânicas — que surgem dos “enrolados”, ou seja, de suas experiências sensoriais com papéis coloridos, e fotografias — que registram a paisagem do Retiro das Pedras, onde ela construiu sua casa e seu ateliê.

A artista usa uma diversidade de técnicas para se expressar (desenhos, pinturas, aquarelas, colagens, litografias, tapeçarias, pinturas em azulejos, fotografias, esculturas, textos em livros e blogs), mostrando uma visão panorâmica da riqueza de sua obra, que evidenciam a potência de sua criatividade artística, bem como de suas reflexões sobre arte, educação e espiritualidade.

Há uma unidade em toda essa diversidade, com a recusa de se deixar levar pelos apelos do mercado, e o compromisso com a verdade, a intuição e o darma da artista, que a conduziram por caminhos variados. O fio condutor da obra está na busca de uma essência (imaterial, intangível, abstrata e espiritual) a partir das aparências (figurativas, físicas, materiais, visíveis aos olhos). Há o compromisso da vida com a arte e da arte com a educação.

Maria Helena Andrés considera a arte como um caminho para o desenvolvimento e evolução humana. Estende a arte à vida, busca a transcendência e a integração planetária e cósmica. Fiel a esses princípios, percorre vários caminhos geográficos, estéticos, artísticos e filosóficos. A unidade se expressa em suas obras visuais e em seus textos escritos, nos quais ela manifesta o que percebe em seu tempo, percepção essa que nos apresenta pelas suas reflexões sobre arte.

# **SOBRE A ARTISTA**

Maria Helena Andrés



Artista visual, escritora e arte-educadora, completou sua formação artística no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Nova York. Foi professora e diretora da Escola Guignard na década de 1960. Participou de vários salões de belas-artes, bienais internacionais de São Paulo, tendo recebido inúmeros prêmios. Realizou exposições no Brasil, Estados Unidos, Europa e América Latina. Possui obras em diversos acervos públicos e também em coleções particulares no Brasil e no exterior. Iniciou trabalhos de integração cultural entre o Oriente e o Ocidente nos anos 1970, tendo feito muitas viagens à Índia, onde participou de seminários e festivais de arte. É autora de quatro livros, ilustrações variadas e possui dois blogues, nos quais publica casos de sua vida de artista e suas memórias de viagens.

<http://mariahelenaandres.blogspot.com/>

<http://memoriaseviagensmha.blogspot.com/>

# REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eliana Fonseca. Arte faz caminho de volta. *O Tempo*, Belo Horizonte, 19 set. 2000.

ALVIM, Celma. Maria Helena Andrés entre o Oriente e o Ocidente. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 05 set. 1971.

ANDRADE, Alessandra Amaral. A presença feminina na “Escolinha do Parque”: trajetórias de vida de ex-alunas de Guignard. 2008. Dissertação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC-858RVE/1/disserta\\_\\_o\\_alessandra\\_amaral\\_andrade.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC-858RVE/1/disserta__o_alessandra_amaral_andrade.pdf). Acesso em: 10 mar. 2021.

ÁVILA, Cristina. “Guignard, as gerações pós-Guignard e a consolidação da Modernidade”. In: RIBEIRO, Marília Andrés e SILVA, Fernando Pedro. *Um Século de História das Artes Plásticas em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Editora C/Arte e Fundação João Pinheiro, 1997. p. 168-241.

BRANDÃO, Jacques do Prado. Maria Helena Andrés, uma pintora mineira. In: *Pintura e desenhos de Maria Helena Andrés*. 1953. Rio de Janeiro: Galeria IBEU – Instituto Brasil Estados Unidos, ago. 1953.

CARVALHAES, Clarissa. Maria Helena Andrés: 90 anos de vigor e criatividade plástica. *Hoje em dia*, Belo Horizonte, 18 ago. 2002. (Caderno Cultura).

COSTA, Isabela Teixeira. Força da terceira idade. Entrevista/Maria Helena Andrés. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 3 dez. 2012, p. 10. (Caderno Feminino).

CUNHA, Luiz de Almeida. *Drawings by Maria Helena Andrés*. Art Gallery of The Brazilian American Cultural Institute, INC., Washington D.C., March 1<sup>st</sup>-23<sup>rd</sup>., 1967.

CUNHA, Alécio. O ar puro da arte. *Hoje em dia*, Belo Horizonte, 31 maio 2009.

DUARTE, Paulo Sérgio. Modernos fora dos eixos. In: AMARAL, Aracy. *Arte construtiva no Brasil*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998, p. 183-222. (Coleção Adolpho Leirner).

EMILIANA, Cecília. O artista não pode parar. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 fev. 2018, p. 6. (Caderno Cultura).

FONSECA, Edmur. Maria Helena Andrés falando ao Jornal da Cidade: “a arte é a impressão digital de uma civilização”. *Jornal da Cidade*, Belo Horizonte, 31 out. 1961.

GALENO, Cláudio. Figurativos de Maria Helena são seus seis filhos. *Correio Feminino – Suplemento do Correio de Minas*, Belo Horizonte, 20 out. 1963.

GOMES José Maurício Vidal. Cinco Maria Helena Andrés uma só (e grande) artista. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 28 jan. 1988.

LEITE, José Roberto Teixeira. Odisseia do espaço. *O Globo*, Rio de Janeiro, 03 jul. 1969.

LOPES, Almerinda da Silva. Maria Helena Andrés: uma vida dedicada à arte e ao pensamento artístico. In: \_\_\_\_\_. *Maria Helena Andrés*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2004, p. 9-55.

LOPES, Almerinda da Silva. *Arte Abstrata no Brasil*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2010.

LAURA MARIA. Ela é uma artista do mundo. *O Tempo*, Belo Horizonte, 17 fev. 2018.

MACHADO, Amélia Carmen. Uma pintora que encontrou o seu caminho. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 21 ago. 1955.

MENDONÇA, Casimiro Xavier. *Pintura Abstrata. Efeito Bienal, 1954-1963*. São Paulo: XX Bienal Internacional de São Paulo, 1963. (Catálogo da Exposição)

MOTTA, Morgan da. Maria Helena e Marília têm exposições em Paris. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 28 ago. 1967.

MOTTA, Morgan da. 50 anos de arte com Maria Helena Andrés. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 12 out. 1994, p. 1. (Caderno Cultura).

OLEA, Héctor Olea; RAMIREZ, Mari Carmen. The Adolpho Leirner Collection of Brazilian Constructive Art at the Museum Of Fine Arts, Houston. In: *Building on a Construct. The Museum of Fine Arts*, Houston, Yale University Press, 2009.

PEDROSA, Mário. O último esquadrão de pintores. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 jul. 1958.

PEIXOTO, Mariana. Marca de origem. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 28 maio 2009.

PONTUAL, Roberto; ANDRÉS, Maria Helena. *Dicionário das Artes Plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969, p. 32-33.

REIS, Sérgio Rodrigo. Em conexão com o universo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 out. 2003. (Coluna Artes Visuais).

REIS, Sérgio Rodrigo. Em busca da essência. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 29 maio 2004.

REIS, Sérgio Rodrigo. Diálogos possíveis. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 dez. 2009.

RIBEIRO, Marília Andrés. *Maria Helena Andrés – Depoimento*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998. (Coleção Circuito Atelier).

RIBEIRO, Marília Andrés. *Introdução às artes visuais em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2013.

RIBEIRO, Marília Andrés. *Fotografia e Natureza*. Nova Lima: Lemos de Sá Galeria de Arte, 14 mar.-11 abr. 2015. (Catálogo da Exposição).

RIBEIRO, Marília Andrés. *Arte e Política no Acervo do MAP*. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, Museu de Arte da Pampulha, SESC, 2016. (Catálogo da Exposição).

RIBEIRO, Marília Andrés. Arte Construtiva no Museu de Arte da Pampulha. In: BULHÕES et al. *Arte Concreta e Vertentes Construtivas: teoria, crítica e história da arte técnica*, Belo Horizonte: ABCA e LACICOR, 2018. (E-book).

SANTOS, Ângelo Oswaldo de Araújo. Cinco Mineiras na Bienal. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 03 set. 1967.

SEBASTIÃO, Walter. Viagem no tempo com Maria Helena Andrés. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 05 out. 1994.

SEBASTIÃO, Walter. Maria Helena Andrés expõe a pintura do sentimento. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 ago. 1995.

SEBASTIÃO, Walter. Uma arte que religa. Maria Helena Andrés lança hoje seu livro *Caminho da Arte*, no Rio de Janeiro. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 set. 2000.

SEBASTIÃO, Walter. O Domínio do Belo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 de mar. 2007, p. 1. (Caderno Pensar).

SEBASTIÃO, Walter. Escola de Arte. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 jan. 2010.

STÁBILE, Livia. Sentimento e forma. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 maio 2005.

TAVARES, Célia Laborne. Maria Helena descobre o caminho da Índia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 05 nov. 1978.

TAVARES, Célia Laborne. Quando Minas invade a Índia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 maio 1987.

TAVARES, Célia Laborne. Uma artista à procura do Ser. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 set. 1989.

TRISTÃO, Mari' Stella. A importância histórica de Maria Helena Andrés. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 02 set. 1981. (Coluna Artes Plásticas).

TRISTÃO, Mari' Stella. Minipainéis de Maria Helena Andrés: uma exposição didática na CEMIG, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 jul. 1985, p. 5. (Coluna Artes Plásticas).

TRISTÃO, Mari' Stella. Bienal revê obra de Maria Helena Andrés. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 out. 1989.

VIEIRA, Ivone Luzia. *A Escola Guignard na cultura modernista de Minas: 1944-1962*. Pedro Leopoldo: MG: CESA, 1988.

VIEIRA, José Geraldo. Maria Helena Andrés. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 04 abr. 1962. (Coluna Artes Plásticas).

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A Fortuna crítica de Maria Helena Andrés [livro eletrônico] / organização Marília Andrés Ribeiro, Nelyane Santos. -- 1. ed. -- Brumadinho, MG : Instituto Maria Helena Andrés, 2021.  
PDF

ISBN 978-65-994531-0-6

1. Arte 2. Artes 3. Artes plásticas - Brasil  
4. Artistas plásticos - Biografia 5. Crítica de arte - Brasil 6. Exposições - Catálogos 7. Ribeiro, Maria Helena Coelho Andrés, 1922 I. Ribeiro, Marília Andrés. II. Santos, Nelyane.

21-62225

CDD-730.981

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Artistas plásticas brasileiras : Biografia e obra  
730.981

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964